



Paula Eduarda de Souza Cruz Miranda Rocha

**A IBEROSFERA DA NOVA DIREITA:
Uma análise da ascensão e influência do Foro Madrid
na América Latina**

Orientadora: Prof. Carolina Salgado

Rio de Janeiro
2023.2



Paula Eduarda de Souza Cruz Miranda Rocha

**A IBEROSFERA DA NOVA DIREITA:
Uma análise da ascensão e influência do Foro Madrid
na América Latina**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Relações
Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como
requisito parcial para obtenção de título de Bacharel
em Relações Internacionais

Orientadora: Prof. Carolina Salgado

Rio de Janeiro
2023.2

Para os meus pais,
Maria Auxiliadora e Márcio Renato,
por terem confiado em mim.
Amo vocês.

Agradecimentos

Um dia antes de me mudar para o Rio, lembro do sentimento dentro do meu peito que me deixou acordada durante a noite, uma mistura de medo, euforia e ansiedade por estar iniciando a faculdade em uma cidade nova, sem ter na rotina a familiaridade que Campos sempre me trouxe. Naquela época, o que eu mais temia era o sentimento de solidão, o medo de não me adaptar e de não ter alguém para contar no dia a dia. Mas a verdade é que isso nunca esteve nem perto de acontecer. Para além de todas as pessoas e vivências maravilhosas que a PUC-Rio me trouxe e que contribuíram para que eu conseguisse finalizar mais essa etapa, também me dei conta do quanto sou sortuda por ter ao meu lado minha família e amigos de infância me dando todo o apoio e amor necessário, do início ao fim. Por isso, nada vai conseguir expressar minha tamanha gratidão por todos vocês que fizeram parte da minha vida nesses últimos cinco anos, mas aqui vai uma pequena demonstração.

Em primeiro lugar, obrigada aos meus pais, Maria Auxiliadora e Márcio Renato, por me darem a coragem e a sabedoria que eu precisava, e por enfrentarem junto comigo todas as dificuldades. Obrigada ao meu irmão, Márcio Júnior, minha cunhada Letícia, minha sobrinha e afilhada, Maria Antônia, que é a minha maior motivação de todos os dias. Também, à minha beagle Milka, pelo olhar amoroso que faz esquecer qualquer problema.

Obrigada a toda a minha família, e às minhas tias e tios, tia Helô e tia Bia - que assim como minha mãe, não medem esforços para contribuir nos meus sonhos - à tio Juba, tia Tetê, tio Chico, Tia Angela, tia Norma e Dinda Maju. O carinho de vocês, mesmo de longe, sempre se fez presente. Obrigada também a tia Cintia, pelos abraços prontos para me receber em todas as voltas a Campos. A minha prima Maria Noêmia, pelos conselhos de irmã mais velha, os quais eu levo muito a sério. A minha prima Ana Luísa, que de vice-presidente do clubinho da casa de vovó se tornou minha *roommate* e a pessoa responsável por me impedir de jogar o computador pela janela durante a produção desta monografia (tô brincando... mais ou menos).

Obrigada a minha família do Rio, tia Silvia, Rah, Mel, Pedro, tio Macabu, Arya e Vida, por todo acolhimento e amor que recebi e recebo. Estar com vocês nesta cidade maluca fez toda a diferença.

Aos meus amigos que me acompanham desde o Fundamental no CENSA, e até alguns mesmo desde a sala de tia Viviane, Maria Clara Faria, Mary, Bia, Lucas, Ana Gabriela, Duda Ribeiro, Bela, Laura, Nise, Carla, Mah, Carol, Fábio, Gabriel. Ter vocês ao meu lado até hoje é um privilégio. Em especial, obrigada ao Harém, por me acompanharem sempre nas risadas e nos surtos.

Obrigada ao período de 2018.2, o melhor período que já passou pelo IRI. À Maria Clara Mendes e Luiza Fernandes, meus maiores grudes desde o primeiro dia de caloura. Não solto nunca mais. À Vini Lopes, Duda Café, Luísa Medina, Aisha Moura e Luiza Ramalho, viver a PUC e o Rio de Janeiro não seria a mesma coisa sem vocês. Obrigada aos meus veteranos e colegas de CARI, que enriqueceram ainda mais a experiência da graduação.

Obrigada também aos meus amigos de IdeiaGlobo, que chegaram na minha vida já na reta final da faculdade, mas conseguiram marcar presença do jeito que só os “Plimplimmers” sabem fazer.

Um enorme obrigada à minha orientadora Carolina Salgado, que além de ser uma educadora genial, também é amiga. Carol, obrigada por todo o seu carinho e atenção ao longo deste um ano e meio, pela sua paciência e por me fazer enxergar um potencial que eu mesma não via em mim. São professores como você que marcam para sempre a vida de seus alunos.

Obrigada a PUC-Rio e aos meus queridos professores do Instituto de Relações de Internacionais por me proporcionarem todo o aprendizado que adquiri nestes longos anos de graduação, que vai muito além da carreira profissional.

Vamos em frente.

Resumo

Esta monografia explora a ascensão da Nova Direita na América Latina, com ênfase no Foro Madrid, organização originada na Espanha que tem como zona de influência o território latino americano entendido pelo Partido fundador do Foro, a Vox, e seu líder, Santiago Abascal, como uma região a qual é compartilhada entre Espanha e Portugal o seu passado colonial e seus valores culturais, políticos e religiosos. A autora, portanto, investiga a Nova Direita em Espanha e Portugal, bem como países como Peru, Chile e Brasil, analisando contexto político, líderes e eleitorado. Além disso, também averigua os mecanismos de transnacionalização da Nova Direita e as condições que possibilitaram a legitimação de movimentos como o Foro Madrid. A análise utiliza os conceitos apresentados por Cass Mudde, Pablo de Orellana e Nicholas Michelsen, Cristóbal Rovira Kaltwasser e Lisa Zanotti para compreender a forma como a Nova Direita atua dentro dos países analisados. Também, é feito uma análise de discurso, utilizando dos parâmetros postos por Ruth Wodak para compreender de que forma os líderes da Nova Direita conseguem inflamar seus apoiadores por meio de sua retórica. O objetivo deste trabalho é comprovar o argumento de que a Nova Direita tem como meta mobilizar os sentimentos de seus participantes com o intuito de desqualificar as instituições democráticas e conseguir implementar políticas ultraliberais.

Palavras-chave: Nova Direita; América Latina; Iberosfera; Foro Madrid; Globalismo; Marxismo Cultural; Internacionalismo Reacionário; Nativismo; Populismo; Autoritarismo.

Sumário

Introdução	5
1.1. Padrões da Nova Direita	12
1.1.1. Peru	16
1.1.2. Chile	17
1.1.3. Brasil	20
1.2. Transnacionalização da Nova Direita	22
1.3. Condições de Possibilidade	29
2.1. Conceitualização	33
2.1.1. Cas Mudde (2019)	34
2.1.2. Pablo de Orellana e Nicholas Michelsen (2019)	43
2.1.3. Cristóbal Rovira Kaltwasser e Lisa Zanotti (2023)	47
2.2. Lideranças e participações	52
3.1. O Foro Madrid: qual a sua relevância para o estudo?	64
3.1.1. Foro Madrid vs. The Movement	68
3.2. Como a Nova Direita atua na prática	71
3.2.1. Santiago Abascal	72
3.2.2. André Ventura	75
3.2.3. Rafael López Aliaga	77
3.2.4. José Antonio Kast	78
3.2.5. Jair Bolsonaro	80
Conclusão	86

Introdução

O ano de 2018 foi um momento bastante emblemático para mim. Foi o ano em que me mudei para o Rio de Janeiro e iniciei a minha graduação em Relações Internacionais. Mas também, foi o ano em que votei pela primeira vez, e o ano em que Jair Bolsonaro foi eleito. Digo isso porque todos esses fatos justificam a escolha do tema da monografia que está prestes a ser lida. Estudar Relações Internacionais em uma cidade como o Rio de Janeiro no momento em que nos encontrávamos no Brasil, mudou totalmente a minha relação com a política e a forma como eu a enxergava. Me vi mais ativa (ou talvez ativista?), mais curiosa, audaciosa e ciente das minhas responsabilidades como cidadã. Foi diante deste contexto que mirei meus interesses dentro das Relações Internacionais, buscando entender o porquê da onda reacionária que estávamos vendo acontecer nos países da Europa, nos Estados Unidos, na América Latina, e especialmente, no Brasil.

A polarização estava estabelecida com raízes e tudo mais, assim como a Nova Direita que agora saía das sombras para tomar seu lugar no poder. Mas ela com certeza não surgiu a partir da primeira aparição de Bolsonaro na TV, tampouco do impeachment de Dilma Rousseff. Na verdade, ela começou a dar seus primeiros sinais ainda nos anos 1970, nos Estados Unidos, atravessando décadas, se estruturando, adquirindo estudiosos, militantes, formando pautas e compreendendo não somente sua própria ideologia, como também os ideais dos seus adversários, construindo uma retórica bastante convincente para conquistar aqueles indivíduos que se sentiam injustiçados pelas transformações da globalização.

Portanto, Pablo de Orellana e Nicholas Michelsen (2019) trazem o conceito de Nova Direita a partir de um conjunto de teorias políticas que desafia a visão cosmopolita liberal do século XX de uma humanidade singular dotada de direitos para todas as identidades, raças e gêneros, e a inclusão do conflito sob instituições multilaterais e comércio. A Nova Direita é a mais recente renovação de um desafio reacionário para a crença liberal na universalidade humana por aqueles que acreditam em desigualdades fundamentalmente "naturais".

Desta forma, o tema do presente trabalho foi escolhido com o objetivo de fazer o mesmo exercício: buscar entender a ideologia da Nova Direita, compreendendo justamente como foi que os movimentos da Nova Direita

conseguiram chegar onde estão agora, como se organizam, como se espalharam pelo globo e de que forma conquistam legitimidade na política atual. Para isso, o foco principal será dado na região da América Latina a partir do caso do Foro Madrid, uma organização nascida na Espanha, criada com o objetivo de combater o Foro de São Paulo e o Grupo Puebla. A partir deste exercício, procuro analisar quais são os interesses dos líderes dos movimentos da extrema direita por trás da mobilização de sentimentos da população e da construção da visão de um inimigo em comum, por meio de um discurso radical, inflamatório e simplista. Interesses esses que se encontram na descridibilização das instituições, nas implementações das políticas de livre mercado e na perpetuação dos valores tradicionais.

A escolha do Foro Madrid para este estudo se dá pela razão de se tratar de um exemplo de movimento da Nova Direita nascido na Europa para se inserir no cenário latino americano, em que se utiliza de contextos históricos para criar uma relação de pertencimento e compartilhamento de valores religiosos, políticos, econômicos e culturais. Ainda, o Foro Madrid também evidencia um novo parâmetro de internacionalismo utilizado pela Nova Direita, o Internacionalismo Reacionário, conceito que será trabalhado por Orellana e Michelsen (2019).

Portanto, a presente monografia foi dividida em três partes principais. Em primeiro lugar, o capítulo que inaugura a análise, intitulado “Investigando a “Iberosfera”, tem como objetivo realizar um raio-x da chamada “Iberosfera”, termo utilizado pelo Foro Madrid para denominar a América Latina, sobre a definição de dividir suas raízes ibéricas com Espanha e Portugal. Para isso, a primeira seção do capítulo servirá para analisar a Nova Direita em três países da Iberosfera: Peru, Chile e Brasil. Além deles, serão analisados também os dois países europeus, Espanha e Portugal. Nesta parte, serão observadas o contexto político de cada país, as motivações de cada um dos líderes em destaque nos respectivos estados, suas pautas e o perfil de seu eleitorado, fazendo uma comparação entre os movimentos de cada país.

Já na segunda seção deste mesmo capítulo um, o foco se voltará para a transnacionalização da Nova Direita. Buscarei responder de que forma a Nova Direita se espalhou pelos continentes, quem foram os responsáveis por plantar os ideais deste movimento, quais são as principais plataformas transnacionais e como elas atuam diante do papel de disseminar as pautas da Nova Direita. Para fechar o capítulo, a terceira seção abordará como estas plataformas conseguem ser

legitimadas e até institucionalizadas dentro da sociedade, sendo reconhecidas pela política da região e inseridas no debate.

Em seguida, o segundo capítulo, cujo nome é “Parâmetros conceituais e arquitetura da Nova Direita”, trará o perfil conceitual e teórico da monografia, além de evidenciar a forma como os movimentos se organizam, fazendo uma diferenciação entre liderança e participação. Ele será dividido em duas partes: na primeira parte mobilizo os principais conceitos a partir de três referências para auxiliar na compreensão do fenômeno do Foro Madrid, sendo elas: o livro “A Extrema Direita Hoje”, de Cas Mudde (2022), o artigo “The populist radical right beyond Europe”, de Cristóbal Rovira Kaltwasser e Lisa Zanotti (2023), e o artigo “Reactionary Internationalism: the philosophy of the New Right”, de Pablo de Orellana e Nicholas Michelsen (2019). A segunda parte do capítulo trará uma investigação sobre a diferenciação entre quem são os líderes dos movimentos de extrema direita e quem são os atores participantes dos mesmos. Busco compreender quem controla os movimentos, e de onde surgem suas agendas, e quem são aqueles que se inserem por adesão espontânea e servem como base de apoio para os agentes no poder, com base na literatura teórica apresentada na primeira parte.

Por fim, o terceiro capítulo, nomeado “A Nova Direita em ação”, é também dividido em duas seções, as quais cumprem o papel metodológico da monografia, analisando as ações e práticas da Nova Direita, averiguando o exemplo do Foro Madrid, a partir dos conceitos apresentados no segundo capítulo, e construindo uma análise de discurso para observar a retórica e a narrativa dos líderes analisados neste trabalho. Por isso, na primeira parte o objetivo é explicar, a partir dos conceitos expostos, por que a escolha do Foro Madrid para ilustrar esta análise. Por que não outro? Como o Foro Madrid se diferencia de outros movimentos da Nova Direita? Buscarei entender, portanto, o que esse fenômeno representa na Nova Direita, especialmente dentro do contexto político latino-americano. Para isso, será empregado como contraste o movimento europeu de Steve Bannon, o The Movement. A justificativa para esta estratégia de comparação se dá por conta das semelhanças encontradas entre os dois movimentos e do resultado bastante diferente conquistado por ambos, o que coloca em evidência como o Foro Madrid é relevante para os movimentos da Nova Direita da América Latina.

A partir desta exposição, portanto, o exemplo do Foro Madrid busca evidenciar a maneira como os movimentos da Nova Direita adquirem tamanha importância não apenas no contexto político de cada país, como também no Sistema Internacional, podendo conquistar grande influência e legitimidade. Ao compreender a forma como organizações como o Foro Madrid conquistam este espaço difuso, em diferentes regiões e condições geopolíticas, busco também encontrar caminhos para tentar impedir que a onda da Nova Direita se espalhe ainda mais, ou fique cada vez mais forte. Uma vez feito o exercício de investigar esses movimentos a fundo, a compreensão do pensamento oposto, bem como as estratégias de diálogo com os indivíduos que adotam as causas, se tornam cada vez mais claras. Deste modo, a minha própria postura pessoal diante de indivíduos e movimentos se transformam a partir da pesquisa apresentada, tornando-se mais tolerante e aprimorando minhas capacidades de compreensão de um ponto de vista, a fim de construir uma troca em que não se baseie apenas em uma disputa da razão, mas sim de compreensão e enriquecimento do diálogo.

Esta análise abre portas para outras vias de pesquisa que abarcam o mesmo tema, tais como a mobilização das redes sociais e dos canais de mídia para inflamação da polarização política na sociedade, a questão do negacionismo científico instrumentalizados pelos atores da extrema direita, o papel dos próprios líderes e movimentos progressistas na construção de uma sociedade bi-partidária, entre muitos outros temas.

Algumas dificuldades enfrentadas ao longo desta pesquisa constituem principalmente na questão de investigar assuntos e pautas que fossem mobilizadas por fontes que carregam um viés político diferente do meu, tanto pelo meu próprio impasse de conseguir enxergar um outro ponto de vista, quanto pelas próprias questões tecnológicas, uma vez que o meu instrumento de pesquisa, isto é, a internet, já estava treinada algoritmicamente para me entregar os resultados de pesquisa aos quais eu já interagia, se tornando muito difícil de perfurar a minha própria bolha de informação.

1. Investigando a “Iberosfera”

Nos últimos anos, tem se observado no mundo todo a ascensão de novos movimentos que vem transformando o perfil da extrema direita como a conhecemos: pertencentes de partidos tradicionais conservadores, autoritários e fazendo parte do *establishment* político. Esses movimentos nacionalistas compartilham um conjunto conceitual e de práticas que os estudiosos vêm denominando como Nova Direita (ORELLANA; MICHELSEN, 2019). Assim, suas pautas ideológicas - como a questão da imigração, da segurança, gênero e os valores familiares e cristãos - vem se transformando, ganhando forças e adquirindo cada vez mais apoiadores, fazendo com que, consequentemente, esses grupos políticos ganhem mais relevância no cenário internacional.

Na América Latina, conhecida historicamente pela forte polarização política de seus países, a situação está longe de ser diferente. Motivados pela crença de resistência no combate a um “mal comum”, sendo este traduzido por pautas progressistas que estariam ameaçando os valores morais, culturais e religiosos, os movimentos da Nova Direita nesta região, ainda que guardados às suas próprias particularidades relativas ao seu contexto histórico e político, se assemelham em muitos pontos. Alguns deles são a luta contra o “globalismo” e o “marxismo cultural”, a preservação dos valores tradicionais e a retórica anti-sistema.

Para esses movimentos, o globalismo seria “uma ideologia que prega um governo global compartilhado por todos os povos”, onde agentes globalistas, como a Organização das Nações Unidas (ONU), O Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN), entre muitos outros, teriam o objetivo de instaurar um Governo Mundial (BRASIL PARALELO, 2022).

Já o marxismo cultural se trata de uma vertente gramsciana da teoria marxista “que entende que a transformação da sociedade e da política é feita com base em esforços acadêmicos e intelectuais contínuos para subverter a cultura ocidental”. Nesse sentido, seguidores desta ideologia teriam o objetivo de instaurar uma revolução não por meio de armas, mas sim pela destruição de valores e crenças tradicionais e pela substituição dos valores revolucionários, por meio da ideologia de gênero, de movimentos políticos que “dividem a sociedade”,

como o feminismo e o Black Lives Matter, os ataques ao capitalismo e a religião cristã (BRASIL PARALELOa, 2023).

Na Europa, a situação também parece bastante semelhante, inclusive em países como Espanha e Portugal, onde a extrema direita vem conquistando cada vez mais terreno nos últimos anos, seguindo o exemplo dos demais países do velho continente, como Hungria, França, Itália, Alemanha, Polônia, etc. Nesta região, as pautas da Nova Direita circulam também em torno dos fluxos de imigrantes, dos valores da família tradicional e da imposição das respectivas identidades nacionais.

Foi dentro deste contexto que nasceu o Foro Madrid, uma iniciativa da Fundação Disenso - o think tank da Vox, partido de ultradireita espanhol - que consiste em uma aliança internacional entre os países da chamada “Iberosfera”, ou seja, países latino-americanos que possuem uma herança cultural, linguística e histórica em comum, a partir da colonização de Espanha e Portugal.

Neste sentido, é importante pontuar que o Vox é um partido criado com o projeto de defesa da Espanha, da família e da vida; na redução do tamanho do Estado, garantindo a igualdade entre os espanhóis e expulsando o Governo da sua vida privada (VOX, n.d.). Desde sua criação até os dias atuais, o partido foi conquistando cada vez mais espaço na política espanhola, tendo o seu auge em 2019, com 15% dos votos nas eleições gerais da Espanha, conquistando 14,86% das cadeiras do congresso, sendo o 3o partido mais votado (FLORES, 2023). Ainda que o Vox tenha perdido 19 desses lugares nas eleições de 2023¹, seu crescimento nos últimos anos denota como os movimentos de extrema direita se espalharam pelo continente e se estabeleceram na política europeia.

Na busca por um inimigo em comum, um grande mal a ser combatido, os indivíduos motivados por essas ideologias extremistas tendem a criar pensamentos e definições simplistas a respeito dos seus opositores políticos. Eles são alimentados pelos discursos dos líderes desses movimentos, que conseguem manipular sentimentos como a raiva, a indignação e o ressentimento, além de

¹ Nas eleições gerais de 2023, o partido Vox conseguiu apenas 33 assentos no congresso espanhol, 19 a menos do que nas Eleições de 2019, ficando bem distante em comparação a maioria absoluta do Partido Popular. Fonte: <https://www.elperiodico.com/es/elecciones/20230723/resultado-vox-elecciones-generales-2023-90235703>

conseguirem apontar, sem muitos desdobramentos, um “culpado” pelos problemas estruturais que estes atores sofrem.

Por isso, o Foro Madrid tem como meta conscientizar sobre as consequências do avanço da extrema-esquerda, sua agenda ideológica e seu sistema de governo, além de contrariar as estratégias de geopolítica do Foro de São Paulo e do Grupo Puebla (FORO MADRID, n.d.). Essas duas entidades se tratam de organizações que reúnem partidos, movimentos, grupos, políticos e organizações da esquerda com o intuito de debater ideias e políticas de desenvolvimento da ala progressista.

Mas, para os agentes da extrema direita, ambas fazem parte da lista de agentes globalistas e se infiltram nos centros de poder para impor sua agenda ideológica, possuindo um projeto que subjuga as liberdades e os direitos das nações e que pretende penetrar nos outros países e continentes com o objetivo de desestabilizar as democracias liberais e o Estado de direito. Por isso, o Foro de Madrid visa construir uma rede de aliados em todos os países da Iberosfera (FORO MADRID, n.d.).

Assim, O Foro Madrid criou a Carta de Madrid, um manifesto que afirmam a constante ameaça comunista nos países da Iberosfera, que o Estado de Direito, a separação de poderes, a liberdade de expressão e a propriedade privadas são elementos essenciais que devem ser protegidos, além de garantir a defesa da liberdade e basear o futuro dos países da Iberosfera no respeito pela democracia, pelos direitos humanos, pelo pluralismo, pela dignidade humana e pela justiça (FORO MADRID, n.d.). A Carta já conta com mais de dez mil assinaturas - coletadas pelo próprio website do Foro Madrid - tanto de indivíduos da sociedade civil apoiadores do movimento, quanto por políticos, acadêmicos e representantes de organizações e instituições, vindos de países da América Latina, Europa e América do Norte. Além disso, ela tem o apoio de dezenas de políticos da ultra direita latino americana, como José Antonio Kast (Chile), Ernesto Araújo (Brasil), Rafael López Aliaga (Peru), e também de países europeus como Portugal, com André Ventura.

À vista disso, o presente capítulo visa traçar um raio-x do Foro Madrid para encaminhar o argumento central, que é que os movimentos da Nova Direita como o Foro Madrid nascem pela mobilização dos sentimentos de uma parcela da população, alimentando a visão de um inimigo em comum, onde o interesse por

trás dos atores que “controlam” estes movimentos se encontram na descridibilização das instituições, na implementação de políticas de livre mercado e na prevalência dos valores tradicionais. Portanto, procura compreender quais foram as condições de possibilidade para que alianças como o Foro Madrid fossem criadas, sistematizando os padrões entre os grupos políticos dos países envolvidos, as semelhanças que eles têm um com o outro (tais como suas origens, o perfil demográfico de seus eleitores e suas motivações), além de ser analisado também neste capítulo como se dá a transnacionalização da Nova Direita na América Latina.

1.1. Padrões da Nova Direita

Para melhor compreender este tópico, vamos voltar ao ano de 2013, data em que foi fundado o partido Vox. Motivados por tensões dentro do principal partido de direita da época, o PP (Partido Popular), atores como Santiago Abascal - o próprio ex-líder do partido - e José Antonio Ortega Lara - agente penitenciário que ficou conhecido por ser vítima de um sequestro orquestrado pelo ETA² - acabaram por abandonar o partido em questão, culminando no nascimento do Vox. Para a mídia da época, seus representantes afirmaram que o partido giraria em torno de três principais eixos: 1) a política antiterrorista; 2) a unidade da Espanha em detrimento das autonomias e 3) a necessidade de promover uma regeneração democrática do sistema e combater a corrupção (RAMOS, n.d.).

Neste sentido, é importante ressaltar como andava o cenário político e econômico da Espanha na época: o país se encontrava em uma profunda crise econômica que já se arrastava desde a crise da bolha imobiliária de 2008, com a taxa de desemprego chegando aos 26% (BOSEN, 2013). Além disso, escândalos de corrupção envolvendo o PP, movimentos separatistas em ascensão e mobilizações sociais como o 15M³ também contribuíram para o contexto

² ETA - sigla em basco para Euskadi Ta Askatasuna (Euskadi Pátria e Liberdade) - é um grupo separatista basco, que tem sua origem no País Basco espanhol. Seu objetivo principal era proclamar a independência do País Basco. Para isso, utilizou de métodos violentos que consistiam em assassinatos, sequestros, extorsões e ameaças. Fonte: <https://www.todamateria.com.br/eta/>.

³ O 15M, também conhecido como o movimento dos Indignados, se trata de uma série de manifestações iniciadas em 15 de maio de 2011 e organizadas pelas redes sociais, onde os cidadãos mostraram o seu descontentamento com a crise econômica de 2008 e os cortes nas políticas sociais e ajuda pública. Fonte: https://as.com/diarioas/2021/05/14/actualidad/1620989259_994666.html.

conturbado que daria ao Vox munção para se apresentar como uma nova alternativa aos eleitores da direita.

Mas foi em 2018 que o Vox de fato ganhou forças frente à política espanhola. Durante a campanha das eleições deste mesmo ano, o partido adotou uma narrativa de luta de reconquista de território, em que aderiu ao lema de que “a reconquista começará em terras andaluzas”, referindo-se a Andaluzia, uma das regiões mais pobres do país, conhecida por seu grande número de imigrantes de origem muçulmana. A narrativa faz um paralelo com antigas batalhas de conquistas de território presentes na história do país⁴, cultivando o sentimento de guerra contra um inimigo maior, uma “batalha cultural” contra o mundo globalizado e a imigração, que colocam em risco a homogeneidade étnica e cultural (LA HISTORIA DE ESPAÑA, 2022). Diante deste fato, Xavier Casals afirma que:

O eleitorado do Vox vem em grande parte do PP. O Vox cresceu a partir desse nicho, mas ao mesmo tempo também redefiniu todo o espaço da extrema-direita. Essa é a grande novidade que eles trazem. A extrema direita que conhecíamos até as décadas de 1980 e 1990 tinha um discurso hegemônico fortemente enraizado no passado, anticomunista e antisseparatista. Tudo isso foi varrido e temos o Vox, que redefine esse espaço (CASALS, Xavier. n.p. 2022).

A redefinição citada por Casals pode ser observada na forma como o partido introduz pautas vindas do Trumpismo, como a islamofobia, que antes não eram debatidas na extrema direita tradicional espanhola. Além disso, o Vox também sincretiza sua ideologia se inspirando nos países do Leste Europeu, como Polônia e Hungria, e redefine a ideia de hispanicidade: tradicionalmente, ela era delineada por aqueles países colonizados pelo império espanhol e falantes da língua espanhola. Mas se olharmos agora para o termo cunhado pelo Vox, a Iberosfera, inclui também Portugal e Brasil; assim, o espaço de projeção é muito maior (CASALS, 2022).

As imagens abaixo são exemplos de como Santiago Abascal e o Vox se apropriaram da narrativa de reconquista durante as eleições de 2018 e a ideia de resistência em relação aos seus opositores, como o povo islamico, por exemplo.

Figura 1

Figura 2

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3gzExGOzF8g>>. Acesso em: 20 jun. 2023.



El 2 de enero de 1492 concluyó la reconquista con la [#TomaDeGranada](#) derrotando así al último reducto islamista de nuestro suelo. Siglos después permanece el orgullo imborrable por una gesta de 7 siglos. Y permanece la determinación de no someternos al Islam [#EspañaEsReconquista](#)

Traduzir Tweet



10:08 · 02/01/2018 de Earth

1.364 Retweets 42 comentários 2.304 Curtidas



El vídeo de la increíble acogida a VOX en Málaga.

"Queremos que Andalucía deje de ser el furgón de cola al que la han condenado los gobiernos socialistas y se ponga a la cabeza de España en una reconquista que devuelva la voz a la España decente" [#AndalucíaPorEspaña](#)

Traduzir Tweet



10:06 · 18/11/2018 de Earth

842 Retweets 22 comentários

Tradução da Imagem 1: Em 2 de janeiro de 1492, a reconquista foi concluída com o [#TomaDeGranada](#), derrotando assim o último reduto islâmico em nosso solo. Séculos depois, o orgulho indelével permanece por uma façanha de 7 séculos. E a determinação de não se submeter ao Islã permanece [#EspanhaÉReconquista](#).

Tradução da Imagem 2: "O vídeo da incrível recepção ao VOX em Málaga". "Queremos que a Andaluzia deixe de ser o vagão a que os governos socialistas a condenaram e assuma a liderança em Espanha numa reconquista que restitua a voz de uma Espanha decente" [#AndalucíaPorEspanha](#).

Agora, construindo um paralelo com os demais movimentos de extrema direita dentro da chamada Iberosfera, é importante ressaltar o caso do Partido Chega, de Portugal, o qual teve influência direta do Vox na sua concepção e no molde de seus ideais. Fundado em 2019 pelo ex-comentador de futebol e político André Ventura, o partido português surgiu por meio de pequenas fragmentações de dentro do Partido Social Democrata. De acordo com o historiador Riccardo Marchi (2020 apud GUIMARÃES, 2020), Ventura havia ingressado no PSD ainda na adolescência e representou o partido como vereador da Câmara Municipal de Loures. Foi por meio deste mandato que o mesmo se deu conta que seu partido não trazia à tona as pautas polêmicas pelas quais ele desejava combater, como o “politicamente correto”, direitos de minorias étnicas como os ciganos, a questão do marxismo cultural na educação, e temas de lei e ordem referentes a punição e encarceramento. Com o nascimento do Chega liderado por André Ventura, esses temas começaram a ganhar atenção da mídia por meio de seus posicionamentos,

principalmente após as eleições legislativas de 2019, como mostra em sua entrevista dada ao Notícias ao Minuto:

Temos tido uma excessiva tolerância com alguns grupos e minorias étnicas. Não compreendo que haja pessoas à espera de reabilitação nas suas habitações, quando algumas famílias, por serem de etnia cigana, têm sempre a casa arranjada. Já para não falar que ocupam espaços ilegalmente e ninguém faz nada. Quem tem de trabalhar todos os dias para pagar as contas no final do mês olha para isto com enorme perplexidade. Isto não é racismo nem xenofobia, é resolver um problema que existe porque há minorias no nosso país que acham que estão acima da lei (VENTURA, André 2017 apud NOTÍCIAS AO MINUTO, n.p., 2017).

Não há como deixar de lado, portanto, a semelhança entre as pautas do Vox e Chega no que se refere a questão da homogeneidade cultural e étnica, a partir do ataque às comunidades ciganas do lado português, enquanto o partido espanhol o faz focando sua narrativa na imigração e nos muçulmanos. Ainda, podemos encontrar nos dois partidos apoiadores que colocam a culpa dos problemas econômicos de seus respectivos países no mundo globalizado, uma vez que se sentem vulneráveis e empobrecidos pelos novos processos políticos iniciados pela globalização, diminuindo suas oportunidades de trabalho num mercado complexo e global e por isso se sentem como perdedores desta transição, muito embora os eleitores de ambos partidos não sejam mais pobres do que a média de seus países. Este sentimento de derrota se traduz também na oposição de mudanças sociais acarretadas pela globalização, como o multiculturalismo, o cosmopolitismo e o feminismo, sendo encarados por eles como ameaças (HEYNE, 2021 E MANUCCI, 2021).

Já em países da América Latina como o Peru, Chile e o Brasil, iremos observar alguns pontos acerca dos movimentos de extrema direita em cada um deles. Primeiramente, vamos analisar o momento político em que os países se encontravam quando os atores da extrema direita começaram a ganhar notoriedade e como os mesmos se relacionam com o cenário da época. Em seguida, será abordado brevemente como foi que esses políticos se destacaram em seus respectivos países, quais são as suas pautas e quais são as características que compõem o perfil de seu eleitorado. Ao perpassar por estes países, temos o intuito de elaborar um pequeno panorama de como a extrema direita tende a se manifestar na América Latina e de que forma ela costuma atuar nesta região.

1.1.1. Peru

No Peru, pode-se perceber a ascensão de uma Nova Direita com o nascimento do coletivo ultraconservador “Con Mis Hijos No te Metas”, criado em 2016 como uma campanha para lutar contra o currículo nacional para a educação básica no Peru. O coletivo atualizaria a Lei de Educação Sexual Integral, que inclui o ensinamento às crianças do respeito por qualquer orientação sexual, a igualdade de gênero e o reforço da educação sexual para a prevenção da gravidez na adolescência. De acordo com o coletivo, aquela Lei teria o intuito de pregar a ideologia de gênero nas escolas peruanas (CHÁVEZ, 2018).

Este coletivo não se limitou apenas ao Peru, sendo encontrado também em diversos outros países do continente latino americano, além de Estados Unidos, França, Japão, Austrália e Nova Guiné. Segundo o sociólogo Óscar Amat y León (apud CHÁVEZ, 2018), o movimento tem sua origem nos Estados Unidos. Foi lá onde Christian Rosas, o principal porta-voz do Con Mis Hijos No te Metas no Peru, se formou pela Liberty University, na Virgínia, e tem ligação direta com a Maioria Moral, uma organização ultra conservadora e fundamentalista cristã, influente no setor mais direitista do Partido Republicano e promotora da campanha presidencial de Donald Trump, cujas políticas anti-imigração e anti progressistas receberam o apoio de Rosas nas redes sociais (CHÁVEZ, 2018).

Com o auge do CMHNTM (Con Mis Hijos No te Metas), originaram-se também diversos outros movimentos de direita radical entre os anos de 2017 e 2019 no país, e que replicaram os discursos de atores como Jair Bolsonaro e Donald Trump. O grupo La Resistencia, por exemplo, nasceu no ano de 2018 e é um dos que têm mais visibilidade no Peru hoje. Sob o lema “Deus, pátria e família”, tem fortes ligações com o Fujimorismo⁵ e com Rafael López Aliaga, empresário e político peruano, presidente do partido de extrema direita Renovación Popular, o qual o próprio fundou, e atual prefeito da cidade de Lima. Nas eleições gerais de 2021, onde concorreu para o cargo de presidente do Peru, Aliaga emergiu como personagem muito polêmico e discutido, não só por seu discurso, mas também por seu rápido crescimento nas pesquisas nos últimos meses de campanha (ANALOURDES, 2022). Segundo o relatório do Instituto de

⁵ Corrente política fundada por Alberto Fujimori, que governou o Peru durante toda a década de 1990, sendo hoje em dia representado por sua filha, Keiko Fujimori. Fonte: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/69173/fujimorismo-corrente-que-nasceu-com-ditador-busca-se-reinventar-nas-eleicoes-do-peru>.

Estudios Peruanos (IEP), em Abril de 2021 o então candidato passou de 0,2% de aprovação marcados em Dezembro de 2020 para 8,4%, posicionando-se em terceiro lugar (IEP, abril, 2021 apud Analourdes, Roman C. 2022).

O político é ligado à seita católica Opus Dei⁶ e afirma ser “viciado na Eucaristia” e se autoflagelar diariamente para se manter casto (EL PAÍS, 2021). Ademais, ele é frequentemente chamado de “Bolsonaro Peruano”, sendo comparado ao ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (2019-2022), se colocando como combatente contra o “marxismo global” e a “nova ordem mundial”. Aliaga também questionou a eficácia das vacinas durante a pandemia de Covid-19 e quer pôr Jesus Cristo “à frente dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário” (O GLOBO, 2022).

A respeito do perfil de seu eleitorado, nota-se que durante as eleições presidenciais de 2021, López Aliaga possuía a maioria dos eleitores homens, com 61%; a faixa etária prevalece acima dos 40 anos, com 56%, embora a porcentagem dos eleitores de 25 a 39 anos também não seja de se ignorar, com 36% (IEP, abril, 2021). O nível de escolaridade se encontrava relativamente equilibrado, uma vez que 52% dos votantes possuíam nível básico e 48% com nível superior, enquanto a classe socioeconômica tem como maioria a classe C, com 44%, seguido de 35% das classes D e E, e finalmente, 21% das classes A e B (IEP, abril, 2021).

1.1.2. Chile

No Chile, um ator que também se destaca pela sua ideologia e seus posicionamentos é o advogado e político José Antonio Kast. Entretanto, antes de tudo, é importante contextualizar a situação política de seu país. No ano de 2019, se iniciou uma série de protestos pelas principais cidades, a princípio sob o motivo do aumento das passagens de metrô no território, o que escancarou a grave desigualdade social que atinge o Chile há décadas, além da profunda crise de representação política. Nesse sentido, voltamos para o fim da ditadura de Pinochet

⁶ O Opus Dei (Obra de Deus, em latim) é uma instituição hierárquica da Igreja Católica — uma prelazia pessoal —, que tem como finalidade contribuir para a missão evangelizadora da Igreja. Concretamente, pretende difundir uma profunda tomada de consciência da chamada universal à santidade e do valor santificador do trabalho cotidiano. O Opus Dei foi fundado por São Josemaría Escrivá em 2 de outubro de 1928. Fonte: <<https://opusdei.org/pt-br/faq/opus-dei/#sobre-o-opus-dei>>. Acesso em 11 dez 2023.

e o retorno à democracia em 1989, onde o sistema partidário se dividiu em duas coalizões de esquerda e direita. Na coalizão da direita, foi criado o partido União Democrática Independente (UDI), associado ao antigo regime militar, cujo fundador, Jaime Gúzman, foi um importante assessor da ditadura (GONZÁLEZ, 2023). Foi ele que amalgamou a doutrina política e social do regime: uma mistura de economia neoliberal, sociedade politicamente desmobilizada e conservadurismo social (GONZÁLEZ, 2023).

Foi neste partido que Kast construiu boa parte de sua vida política até o ano de 2016, quando anunciou sua renúncia, em vista do distanciamento do partido - numa tentativa de se adequar a coalizões e ganhar as eleições - com os ideais do pinochetismo que o político tanto defende (DURÁN; ROJAS, 2021). Então, no ano de 2017, Kast se candidatou a presidência de forma independente, ficando em quarto lugar (com 7,93% dos votos válidos) entre oito candidatos (BCN, n.d.), onde sua montagem discursiva o colocou no lugar de defensor dos valores da direita diante das formas "concessivas", "leves" e "pragmáticas" da coalizão Chile Vamos, a mesma do candidato vencedor Sebastián Piñera (DURÁN; ROJAS, 2021). De tal modo, pode se observar que:

Com uma agenda focada nos temas tradicionais da direita chilena, sua candidatura presidencial foi usada como uma oportunidade para apoderar-se do lugar de reivindicação desse espaço político, fortalecer uma lógica discursiva voltada fundamentalmente para o fortalecimento do espaço identitário minado pela função governamental assumida pelo setor. Assim, uma nova liderança afinada com as formas e conteúdos do que é conhecido como o “direita radical” (MUDDE, 2007; MUDDE e ROVIRA, 2017; ROVIRA, 2019 apud DURÁN, Carlos e ROJAS, Gabriel, p. 236, 2021, tradução própria).

Dessa forma, em 2018 Kast fundou o movimento Ação Republicana, e que não muito tempo depois, em 2019, se tornou o Partido Republicano, ganhando forças em vista do descontentamento de muitos atores diante dos novos rumos da direita chilena, contribuindo para a radicalização de seu discurso, defendendo pautas como leis rígidas contra o aborto e a imigração, os valores cristãos, a família tradicional, e também se opondo a temas como a ideologia de gênero e o marxismo cultural, em que se diz estar travando uma batalha cultural.

No website no Partido Republicano, é listado os dez princípios orientadores do partido, onde é possível ter um pequeno panorama das pautas defendidas pelo mesmo:

Figura 3: Princípios do Partido Republicano



Nossos princípios orientadores

Junto com nossos princípios, queremos garantir um crescimento estável

- Defenda sua vida desde a concepção até a morte natural
- No Partido Republicano acreditamos em Deus
- Acreditamos na vida em Sociedade que promove a Família como seu núcleo fundamental.
- Acreditamos no bem e na verdade como realidades objetivas
- Bem comum, defender e reivindicar o conceito de Pátria.
- Defendemos a Liberdade dos Povos e dos Órgãos Intermediários
- Acreditamos na Justiça Social
- Acreditamos em uma Economia Social de Mercado
- Promovemos a descentralização
- Acreditamos em um Estado Moderno e Transparente, uma Instituição de Qualidade, Confiável e Firme.

Fonte: Partido Republicano do Chile, n.d. Tradução: Google

Assim, diante das manifestações voltadas para a esquerda contra o aumento da passagem de metrô em Outubro de 2019 - conhecidas como “outubrismo” ou 18-O - Kast e seu partido adotaram uma narrativa de distanciamento do governo Pinera, ao mesmo tempo em que conseguiram também antagonizar as demandas sociais que estavam sendo impostas nos protestos: “O que há de pacífico em arrombar as portas do metrô, bater nos guardas e não pagar a passagem, aumentar os custos do sistema e afetar os mais pobres de Santiago? A esquerda radical minando as instituições em nosso país” (KAST, 17 de outubro de 2019 apud DURÁN E ROJAS, p. 238, 2021, tradução própria); “#EvasãoEmMassa não é um movimento cidadão, é uma organização criminosa. Onde está o Governo? Qual é a sua prioridade?” (KAST, 16 de outubro de 2019 apud DURÁN E ROJAS, p. 238, 2021, tradução própria).

Deste modo, já nas eleições presidenciais de 2021, Kast concorreu pelo seu próprio partido, conquistando o segundo lugar, com 44,13% dos votos válidos, no segundo turno com o candidato do partido Apruebo Dignidad, Gabriel Boric (BCN, n.d.). À vista disso, pode ser percebido que, embora não tenha saído vencedor, o resultado desta eleição expõe o aumento expressivo do número de apoiadores conquistados por José Antonio Kast, denunciando a atual polarização em que o Chile se encontra. Este argumento é evidenciado, ainda, pelas eleições de Maio de 2023, onde 85% da população do país votou para eleger um novo Conselho Constitucional e, com 35% dos votos, o Partido Republicano conquistou 22 dos 50 vereadores (EL MUNDO, 2023).

Mas qual seria o perfil dos eleitores de José Antonio Kast? Estudos apontam que a maior parte do seu eleitorado se encontra entre a faixa etária dos 51 aos 80 anos, sendo em maioria homens e pertencentes da classe C2, mas também superou seu concorrente nas classes D e E. Ainda, cerca de 26% possui nível superior completo (ARRIAGADA, 2021). Para os especialistas, as bandeiras de ordem levantadas por Kast fazem sentido nas classes mais baixas, uma vez que vivenciaram a violência de forma muito mais direta em relação a outros grupos socioeconômicos (ARRIAGADA, 2021). São esses os setores que se sentem mais ameaçados pela falta de controle da imigração e foram os mais afetados pelo desemprego e a queda da informalidade, também por causa da violência e do narcotráfico (ARRIAGADA, 2021).

Diante desses dois primeiros exemplos latinoamericanos, vale voltar a nossa análise e evidenciar alguns principais pontos onde é possível perceber a familiaridade destes casos com o Foro Madrid. Em ambos países, nota-se o sentimento anticomunista e o rechaço com pautas progressistas, como de identidade de gênero, educação sexual e direitos reprodutivos dos dois atores em destaque, o que evidencia o alinhamento de seus ideais com a aliança criada por Santiago Abascal. Além disso, tanto Aliaga quanto Kast são signatários da Carta de Madrid (FORO MADRID, n.d) e possuem características nativistas, autoritárias e populistas, encontradas também em políticos do Vox e Chega. Portanto, faz-se necessário retornarmos ao argumento central, onde é defendido que os atores que controlam os movimentos da direita radical conseguem inflamar o sentimento de seus apoiadores por meio da visão de um inimigo em comum, com o intuito de implementar seus interesses sociais e econômicos no âmbito político. Posto isso, é possível relacionar a posição de ambos atores diante do argumento proposto.

1.1.3. Brasil

Finalmente, no Brasil, embora os movimentos da Nova Direita não tenham tido seu início nos últimos anos, bem como nos países aqui citados, o seu grande *boom* com certeza se deu após as manifestações de 2015, motivadas pela Operação Lava Jato. O processo investigativo da Polícia Federal tinha como foco os casos de corrupção envolvendo empresas privadas e parlamentares dos mais

altos cargos políticos do Brasil, e desencadeou em uma grande crise política e econômica no país, provocando, entre outras coisas, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff no ano de 2016.

Em meio ao caos político que se instalava, com todas as descobertas de esquemas de corrupções e mandados de prisão de inúmeros políticos, algumas figuras se destacaram como “salvadores da pátria” ou *outsiders*, isto é, aqueles que iam “contra o sistema”. Dentre elas, Jair Bolsonaro chamou grande atenção da mídia e da população em geral com seus posicionamentos polêmicos e linguajar grosseiro. O político, considerado por muitos como sendo do “baixo clero” do Congresso Nacional, passou quase 30 anos de sua carreira sem qualquer papel de liderança nos partidos políticos a que pertenceu, nunca assumiu cargos no Governo Federal ou posições de destaque na Câmara dos Deputados (BBC, 2018). Mas tudo isso mudou após as eleições de 2018, quando foi eleito Presidente do Brasil com 55,21% dos votos contra o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Fernando Haddad.

Em sua primeira eleição para presidente, o perfil de seu eleitorado se baseava em sua maioria em votantes do sexo masculino, com a idade na faixa de 25 e 44 anos - algo que se destaca dos outros eleitorados dos políticos latinos aqui citados -, apesar de ter uma grande vantagem entre os eleitores dos 60 anos para cima, nível médio e superior de escolaridade e renda familiar em torno de 2 a 5 salários mínimos (DATAFOLHA, 2018 apud RIBEIRO PEREIRA, 2021). Ainda, podia se afirmar que:

Conforme esclarecido nos dados, ser homem ampliava em “2,7 vezes a chance de declarar um voto firme no capitão”, ter frequentado o ensino médio ou superior ampliava “cerca de duas vezes a chance de ser um bolsonarista convicto com relação aos que frequentaram até o quinto ano (antigo primário)”. Ser branco ampliava em 69%, ser da região Sul 70%, enquanto ser do Nordeste reduzia em 68%. Ser evangélico também aumentou as chances de interesse no candidato em 65% (AMARAL, 2018, s/p). Ou seja, até aquele momento da pesquisa, os principais interessados em Bolsonaro eram homens brancos, que estavam no ensino médio ou superior, evangélicos e viviam, provavelmente, na região Sul, Sudeste ou Centro-Oeste (RIBEIRO PEREIRA, Matheus, p. 10, 2021).

De lá para cá, o Brasil passou por enormes transformações em seu cenário político, atravessado por uma pandemia comandada a base de negacionismo científico e negligências intencionais com relação às normas impostas pela Organização Mundial da Saúde, além de dezenas de escândalos de corrupção

envolvendo o presidente e sua família. Apesar de ter perdido um grande número de eleitores, a sua base de apoio permaneceu alta e forte durante todo o seu mandato, com 43,2% dos votos válidos nas últimas eleições, (BBC, 2022) chegando a organizar acampamentos e manifestações em protestos contra os resultados das eleições de 2022, quando o candidato Luís Inácio Lula da Silva saiu vencedor no segundo turno. A indignação diante da derrota foi tanta que, no dia 8 de Janeiro de 2023, centenas de grupos de apoiadores invadiram o Congresso Nacional, numa ação muito parecida ao ataque ao Capitólio dos Estados Unidos no dia 6 de janeiro de 2021⁷, na tentativa de instigar um golpe militar contra o novo governo.

Diante deste breve panorama entre os cinco países, podemos observar alguns padrões que se repetem nos movimentos de extrema direita de cada um deles. Primeiramente, a tendência de ideias extremistas sempre ganham força durante períodos de crises de representatividade, política e econômica. Em segundo lugar, todos os políticos aqui citados que ganharam a atenção da mídia e da população pelos seus posicionamentos discriminatórios se desvincilharam de partidos tradicionais conservadores para migrarem para partidos mais radicais, muitas vezes fundados por eles mesmos, onde impulsionaram suas carreiras políticas. Em terceiro, com exceção dos partidos Vox e Chega, que possuem o perfil de eleitorado bastante similar entre si, o perfil do eleitorado dos países latinos se resume a homens, acima dos 40 anos, sendo sua maioria com nível básico de escolaridade e pertencentes às classes mais baixas. Quanto aos eleitores de Bolsonaro, podem se diferenciar em relação à faixa etária, tendo uma maioria entre os homens de 24 a 44 anos, apesar de também possuírem vantagem nos homens acima dos 60. Finalmente, todos esses movimentos são similares entre si em relação às suas pautas e ideologias, sendo elas herdadas da extrema direita norte-americana, como a pauta anti-imigratória, de ideologia de gênero, os valores cristãos, e é claro, o marxismo cultural, que como veremos na próxima sessão, nasceu dos teóricos americanos na década de 1970.

⁷ No dia 6 de janeiro de 2021, ocorreu a invasão do Capitólio, nos Estados Unidos. Compostos por apoiadores do então presidente Donald Trump, os invasores entraram no prédio alegando fraude nas eleições presidenciais de 2020. Investigações sobre o caso apontam a atuação de grupos de extrema-direita e, inclusive, de Trump. Fonte: <
<https://www.politize.com.br/invasao-do-capitolio/>>. Acesso em 08 dez 2023.

1.2. Transnacionalização da Nova Direita

Como vimos na seção anterior, os movimentos da Nova Direita que surgiram na Europa e América Latina nos últimos anos se caracterizam por uma série de fatores em comum, tendo inclusive estratégias de articulação bastante similares. Deste modo, é possível concluir que esses movimentos possuem um caráter transnacional. Então, como de fato ocorre essa transnacionalização? Nas últimas décadas, muitas das bandeiras que vieram sendo levantadas nos Estados Unidos e nos países da Europa também foram adotadas por muitos países da América Latina, ainda que guardados aos seus respectivos contextos.

Todavia, a história da Nova Direita no mundo começa ainda no século passado, em meados da década de 1970, com o fortalecimento de novos movimentos políticos e culturais da ala progressista dos Estados Unidos. Pautas sociais como o feminismo, o *gay liberation*, movimento negro, a contracultura e as mobilizações operárias vieram à tona. Perante este fator, o argumento trabalhado neste trabalho é mais uma vez colocado em evidência, dado que estas pautas colocaram em risco a hegemonia capitalista da época. Deste modo, em resposta, nasceu no campo da direita política uma aliança entre o alto empresariado, as grandes finanças – que queria se ver livre das amarras das reformas social-democráticas, com seu modelo keynesiano de gestão do capitalismo – e o movimento conservador ressurgente, que se via ameaçado pelo questionamento, vocalizado pela contracultura, das formas tradicionais de arranjos familiares e das normas sexuais (XIMENES MARQUES, p.460, 2021).

Essa aliança, que possuía características populistas, visando o apoio da grande massa, e com um apelo antissistêmico, por sua vez, se tornou muito bem sucedida, dando origem inclusive a governos neoliberais como o de Margareth Thatcher e de Ronald Reagan (XIMENES MARQUES, 2021). Assim, em meio às transformações ideológicas e econômicas promovidas por esses dois governos, as políticas e ideias neoliberais começaram a se espalhar ao redor do mundo. Neste contexto, é importante ressaltar o grande papel que redes de *think tanks* - instituições focadas na criação e disseminação de conhecimentos da esfera política, econômica e científica - tiveram em propagar os ideais neoliberais ao redor do globo.

O Atlas Network, por exemplo, foi um dos principais atores na criação desta rede, fundada em 1981 para institucionalizar um processo de ajuda aos think tanks no sentido de liberar o poder da liberdade individual e empresarial (ATLAS NETWORK, n.d. tradução própria). Segundo Rocha (2015), diante do contexto de instabilidade econômica da época e, no caso de alguns países do Cone Sul, também de redemocratização, foi que passaram a se instalar no subcontinente novas associações civis e *think tanks* que alegavam “defender o livre mercado”. “Hoje, o Atlas Network é parceiro de mais de 500 *think tanks* em todo o mundo para promover mudanças em ideias, cultura e políticas; remover barreiras às oportunidades; e capacitar os indivíduos a viver uma vida de escolha” (ATLAS NETWORK, n.d. tradução própria).

Outro importante *think tank* é o Mises Institute, criado em 1982 para promover ensino e pesquisa na escola austríaca de economia, liberdade individual, história honesta e paz internacional, na tradição de Ludwig von Mises e Murray N. Rothbard, dois dos grandes nomes da Escola Austríaca de Economia (MISES INSTITUTE, n.d.). Importante ressaltar que, ainda em 1992, Rothbard já argumentava a favor do “populismo de direita”, em seu artigo “Right- Wing Populism: A Strategy for the Paleo Movement”, em que ele afirma que a estratégia dos “libertários” deveria ser somar forças com o movimento conservador de massas, reacionário nos costumes, e conectá-lo com demandas anti socialistas, contra a regulação estatal (ROTHBOARD, 1992 apud XIMENES MARQUES, 2021).

Isto posto, o instituto oferece programas de pós-graduação, bolsas de estudo e pesquisa para estudantes da Escola Austríaca de todo o mundo. O instituto, que foi criado pelo assistente editorial de Mises, Llewellyn H. Rockwell, com a benção de sua viúva, Margit Von Mises, além de ter contado com o apoio de nomes como Friedrich Hayek e o próprio Murray Rothbard (MISES INSTITUTE, n.d.), não possui nenhuma ligação com outros *think tanks*, apesar de ter servido de modelo para muitos outros institutos que levam o mesmo nome no mundo, como o Mises Brasil, que é parceira do Atlas Network.

Ainda, a transnacionalização da nova direita pôde contar com dois grandes personagens, são eles Pat Buchanan e William S. Lind. O primeiro é um político

paleoconservador ⁸ americano, que concorreu às eleições primárias de 1992 contra George W. Bush e se colocava contra o casamento gay, o multiculturalismo e o aborto. Em seu famoso discurso após perder as primárias, Buchanan (1992, apud VOICE OF DEMOCRACY, n.d.) sustenta: “Há uma guerra religiosa acontecendo neste país. É uma guerra cultural, tão crítica para o tipo de nação que seremos quanto foi a própria Guerra Fria, pois esta guerra é pela alma da América”. Já o segundo, é um autor americano também paleoconservador que, ao final da década de 1990, foi um dos grandes responsáveis por propagar a teoria do marxismo cultural por meio dos seus artigos publicados (MAGALHÃES, 2018). De acordo com Lind (2018), o marxismo cultural se apresenta como “politicamente correto” ou “multiculturalismo” para a sociedade, mas embora procure disfarçar sua verdadeira natureza e objetivos, que são a destruição da cultura ocidental e a religião cristã, é de fato uma ideologia plenamente desenvolvida e totalitária - é o marxismo traduzido de termos econômicos para culturais.

Foi por meio de figuras e institutos como esses que ideias da Nova Direita ecoaram ao redor do mundo, sendo difundidas ainda por escritores como Olavo de Carvalho, que foi o grande responsável por propagar as pautas da Nova Direita no Brasil, por meio de suas colunas nos jornais, pelos seus artigos e livros publicados ainda no final dos anos 1990 e começo dos anos 2000. Carvalho (2002) argumenta que, em poucas décadas, o marxismo cultural tornou-se a influência predominante nas universidades, na mídia, no *show business* e nos meios editoriais do Ocidente. Seus dogmas macabros, vindos sem o rótulo de “marxismo”, são imbecilmente aceitos como valores culturais supra-ideológicos pelas classes empresariais e eclesiásticas cuja destruição é o seu único e incontornável objetivo (CARVALHO, 2002, n.p.).

Outro ator importante para a criação desta rede transnacional da Nova Direita é Steve Bannon, assessor político norte-americano que atuou como assistente do ex-presidente Donald Trump e foi seu principal estrategista. Bannon é um ideólogo que traçou como objetivo exportar o populismo de direita radical

⁸ O termo *paleoconservador* foi utilizado na década de 80 para distinguir entre aquilo que eram os conservadores tradicionais e os neoconservadores. O paleoconservadorismo defende a tradição; a noção de um Governo limitado; a defesa de uma sociedade civil estruturada; o anticolonialismo e o antifederalismo. Tem uma relação crítica com o neoconservadorismo, nomeadamente no que concerne à intervenção militar; ao multiculturalismo e à emigração legal. Fonte: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/conservadorismos-eua-cabrita-iep/>>. Acesso em 03 dez 2023.

implantado por Trump para os países da Europa, criando então a fundação “The Movement” (O Movimento) (EL PAÍS, 2018). Por meio dela, ele visou apoiar e impulsionar a criação de movimentos e partidos nacional-populistas na Europa (EL PAÍS, 2018), já tendo criado laços com muitos políticos europeus que representam este espectro, como Marine Le Pen, (partido Rassemblement National, França), Alice Weidel, (partido Alternative für Deutschland, Alemanha), o húngaro Nigel Farage (partido Reform UK, Reino Unido), e o Primeiro-Ministro da Hungria, Viktor Orbán (partido Fidesz, Hungria) (STUBLEY, 2018). Além disso, Bannon também demonstrou bastante interesse no partido Vox durante as eleições de 2018 na Espanha, como afirma Rafael Bardají:

"Eu o conheço há seis ou sete anos", diz Rafael Bardají, ex-assessor de José María Aznar, ex-militante do PP e atual membro da executiva do Vox. "Há cerca de um ano e meio, Bannon mostrou interesse em ver nossas perspectivas eleitorais. Me disse que estava pensando em montar um *think tank* na Europa para coordenar mensagens. E que o Vox tinha que participar de algum jeito. Nos ofereceu recursos tecnológicos para usarmos as redes sociais com mensagens adequadas, testar ideias e fazer uma campanha eleitoral ao estilo americano", explicou Bardají ao EL PAÍS horas depois de se encontrar com Bannon (EL PAÍS, 2018, n.p).

Mas Bannon também não se limitou ao velho continente. No Brasil, Eduardo Bolsonaro, deputado e filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, se encontrou com o estrategista norte-americano em 2018, e em 2019 foi nomeado o líder latino do *The Movement* de Bannon. Ainda, Bannon também compareceu no mesmo ano em um jantar na Embaixada do Brasil em Washington, onde se encontrou pessoalmente com o então presidente Bolsonaro, e onde estava presente também o escritor Olavo de Carvalho, como vemos nas imagens abaixo:

Figura 4: Encontro de Eduardo Bolsonaro e Steve Bannon



Fonte: Twitter de Eduardo Bolsonaro, 2018

Figuras 5 e 6: Jantar na Embaixada do Brasil em Washington



Fonte: G1, 2020

A lista de organizações transnacionais associadas à Nova Direita, em diversas vertentes e países, só cresce. Na Espanha, um grupo de defesa de causas conservadoras, como a proibição do aborto, foi criado em 2013 por Ignacio Arsuaga, um ativista presidente da associação ultracatólica HazteOir.org, criada em 2001 com o intuito de “defender os valores da família natural” (DEMORI, 2021). O grupo faz parte desta associação e trata da *CitizenGo*, que hoje está presente em 15 cidades dos quatro continentes, contando com uma ampla equipe de voluntários (CITIZENGO, n.d.). Como afirma em sua página oficial:

A CitizenGO é uma comunidade de cidadãos ativos que trabalham juntos, usando petições online e alertas como recursos para defender e promover a vida, a família e as legítimas liberdades fundamentais. O nosso objetivo é fazer com que aqueles que ocupam postos de poder respeitem a dignidade humana e os direitos individuais (CITIZENGO, n.d.).

De acordo com Demori (2021), foi Arsuaga quem treinou a extrema direita brasileira ainda em 2013 com táticas que elegeram Bolsonaro. Antes mesmo de Jair Bolsonaro aparecer como candidato à Presidência e do bolsonarismo existir, a organização *CitizenGo* e o financiamento dos ultra católicos brasileiros se aproveitaram do rescaldo do caos das ruas de 2013. A partir da crise instalada pelas manifestações, foi criada uma agenda de extrema direita, montaram uma estratégia de combate para a “guerra cultural” que estavam decididos a declarar, ajudaram a derrubar uma presidente eleita e entregaram a Jair Bolsonaro uma plataforma eleitoral enlatada, que saiu dos redutos reacionários católicos diretamente para a campanha eleitoral – e, dali, para a vitória em 2018 (DEMORI, 2021, n.p.).

Esses são alguns dos inúmeros exemplos de como a Nova Direita consegue construir sua rede transnacional. Para além das centenas de *think tanks* e da disseminação de movimentos políticos, nos tempos atuais ainda é necessário enfatizar a grande importância do papel da internet na alimentação desta transnacionalização. Por meio das redes sociais, ficou muito mais fácil consolidar a conexão entre os grupos políticos, que se beneficiam da velocidade com que as informações transitam entre eles e também do compartilhamento de suas respectivas articulações e pautas nacionais. Desta forma, foi possível ver protestos e movimentos sociais voltados para as reivindicações da ultra direita sendo organizados dentro do ambiente digital e tomarem forma física em diversos lugares do mundo.

Diante de todas essas evidências, é possível entender que a transnacionalização da Nova Direita foi impulsionada por intelectuais como Anthony Fisher, Mises, Rothbard, Pat Buchanan, William S. Lind e muitos outros que foram responsáveis pela difusão dos novos termos e definições de suas ideias através da criação de instituições como o Mises Institute e o Atlas Network. Destes espaços sai a promoção não somente da pesquisa e especialização em ciências sociais marcadas pelo viés ideológico para estudantes de todo o mundo, como também, no caso do Atlas e de muitos outros, cria-se uma grande rede de parceiros ao redor do globo, que contribuem com iniciativas em suas respectivas localidades, fortalecendo a disseminação dessas ideias.

Até aqui, construímos uma linha de raciocínio que nos levou a compreender os padrões de origem, discurso e eleitorado encontrados em atores da Nova Direita e suas relações com o Foro Madrid, para em seguida compreender de que forma as ideias reverberadas por estes atores tiveram sua ascendência e como elas conseguem ecoar nos demais continentes do globo, a partir de agentes como o nosso caso de estudo. Assim, sempre construindo junto da análise, um alinhamento com o nosso argumento central. Agora, portanto, o nosso próximo passo é procurar reconhecer quais foram os fatores que deram as condições de possibilidade para estes indivíduos emergirem no espectro político e social de seus respectivos cenários nacionais.

1.3. Condições de Possibilidade

A partir dos pontos analisados neste capítulo, conseguimos constatar que os diversos atores da direita radical e seus ideais conseguiram sair das margens políticas para se tornarem parte da política *mainstream*. Eles se inserem tanto no debate em sociedade, quanto dentro dos próprios setores da política, por meio de um partido político, no Congresso, concorrendo às eleições, ou mesmo se associando a líderes que corroboram com suas visões. Desta forma, uma vez que o discurso destes grupos e atores se insere nestes espaços e ainda é apoiado por uma grande parcela da população através de voto ou intenções, ele passa a ser legitimado e institucionalizado nacionalmente. Ainda, a grande maioria desses grupos consegue basear a defesa de seus ideais e legitimá-los por meio da proteção da “liberdade de expressão”, a qual eles tanto defendem, além de se apropriarem de termos como “democracia”, “estado de direito” e “defesa da liberdade” dentro de seus discursos.

Com esses termos, eles procuram justificar falas de ódio e preconceito voltadas a mulheres, pessoas pretas, povos originários, comunidade LGBTQIA + e aos imigrantes dentro de seus países, sob o escudo da garantia de liberdade de expressão e da defesa dos direitos da família. Ao mesmo tempo, conseguem também demonstrar seus ideais autoritários, no sentido que Cas Mudde (2022, p. 44) aponta como a crença em uma sociedade estritamente ordenada, na qual as transgressões à autoridade são punidas de maneira severa. Deste modo, os grupos da direita radical se apropriam dos termos como a “democracia” e o “estado de direito” para condenar problemas como questões relativas ao abuso de drogas ilícitas, comportamentos definidos como desvios sexuais, questões de segurança e manutenção da ordem pública e assim fazer com que sejam combatidas por meio de uma postura agressiva e punitiva, podendo ser evitadas com a reintrodução da educação moral e tradicional nas escolas (MUDDE, 2019).

Voltando nossa atenção para o Foro Madrid, podemos entender que sua criação, baseada na defesa de valores como a defesa da liberdade, o estado de direito, a família tradicional e a democracia, contou com a participação de muitos atores políticos que possuem o reconhecimento da política convencional na Espanha. O próprio Santiago Abascal, fundador do Foro, é um político reconhecido em seu país e que ganhou bastante força nos últimos anos com seu

discurso anti-imigratório e xenófobo, ainda mais após a “crise dos refugiados” em 2015.

Para Mudde (2022), esta crise desempenhou um papel especial na normalização dos partidos de extrema direita. O autor sustenta que a grande mídia e os políticos optaram por enquadrar o afluxo de requerentes de asilo como uma “crise”, fornecendo munição para a já mobilizada extrema direita (MUDDE, 2019). Para os agentes da América Latina que não vivenciaram tão fortemente esse acontecimento em suas regiões, esta estratégia pode ser traduzida pelas crises políticas ocorridas que fizeram com que as pautas da direita radical ganhassem o apoio popular, e se adaptarem aos contextos de cada país, ainda que de alguma forma todas as democracias ocidentais também tenham sido afetadas pelas políticas islamofóbicas e populistas reverberadas pelos países do norte global.

Abascal contou com o apoio de muitos personagens que se destacam dentro da Iberosfera na assinatura da Carta de Madrid, a declaração institucional em defesa da liberdade, da democracia e do estado de direito que já conta com o grande e crescente respaldo internacional (FORO MADRID, n.d). Alguns desses personagens têm enorme destaque em seus respectivos países, como Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente Bolsonaro, José Antonio Kast, Rafael López Aliaga e André Ventura, todos já citados neste trabalho, além de Xavier Milei, Bia Kicis, e muitos outros que vão além dos países ibéricos. Assim, uma vez que muitos destes indivíduos têm a validação política e também o apoio popular, o processo de constituição de uma plataforma unificadora como o Foro Madrid é bastante facilitado.

2. Parâmetros conceituais e arquitetura da Nova Direita

Como visto no capítulo 1, foi apresentado um breve panorama acerca dos movimentos de extrema direita na América Latina, analisando o Brasil, Chile e Peru, expondo os contextos dos respectivos países, visto que são pertencentes da Iberosfera, comparando e denunciando suas relações com o Foro Madrid, enquanto uma organização que ilustra o perfil da Nova Direita. Além disso, também foi dissertado a respeito dos fenômenos de transnacionalização, tais como os think tanks norte americanos Altas Network e Mises institute, as organizações The Movement e CitizenGo e artigos de escritores como Pat Buchanan, William S. Lind, Olavo de Carvalho, que disseminaram a ideologia neoliberal, conservadora, anticomunista e antiglobalista.

Também, foi explicado as condições de possibilidade que fizeram com que pautas como o marxismo cultural, direitos sexuais e reprodutivos, valores tradicionais e religiosos, segurança, imigração, e muitas outras, adquirissem relevância no debate político a ponto de haver plataformas como o Foro Madrid. Deste modo, o presente capítulo tem como objetivo elaborar dois principais pontos: Primeiramente, irei apresentar a base conceitual e teórica deste estudo para que possamos utilizá-las como lente da nossa investigação de caso. Logo em seguida, a segunda parte do capítulo servirá para entender a diferenciação entre os atores que atuam como líderes dos movimentos de extrema direita, e aqueles que atuam como participantes desses movimentos.

Por isso, serão examinadas três principais obras, as quais servirão de lente para compreendermos o fenômeno do Foro Madrid: a obra “A Extrema Direita Hoje”, do Cas Mudde (2022), onde o autor oferece uma visão geral do atual momento político o qual estamos vivendo, dividindo as diferentes fases da extrema direita até agora em quatro partes e definindo dois principais grupos dentro do conceito de “extrema direita”; o artigo “The populist radical right beyond Europe”, de Cristóbal Rovira Kaltwasser e Lisa Zanotti (2023), em que os autores dão um enfoque especial nos discursos da direita populista radical de países não europeus - em especial, Austrália, Brasil, Chile, Índia, Turquia e Estados Unidos - uma vez que esses articulam ideias autoritárias, nativistas e populistas de maneiras diferentes das dos seus irmãos europeus e empregam

elementos ideológicos específicos (por exemplo, neoliberalismo e religião) para promover discursos que ressoam com as queixas sociais que são preponderantes em seus respectivos contextos.

Por fim, também entrará nesta análise o artigo “Reactionary Internationalism: the philosophy of the New Right”, de Pablo de Orellana e Nicholas Michelsen (2019), onde os autores argumentam que a Nova Direita aglutina-se em torno de uma conceitualização do internacional impulsiona por análises e críticas de assuntos, normas e práticas específicas, que devem ser tratadas como uma oferta teórica internacional distinta, a qual eles nomeiam de *Internacionalismo Reacionário*. Por meio dela, os autores examinam a história intelectual do nacionalismo e do internacionalismo da Nova Direita, trazendo evidências com casos da atualidade como o Brexit e Donald Trump nos Estados Unidos

A escolha destas três obras foram paradigmáticas para minha pesquisa, dado que eu procuro compreender neste trabalho o surgimento da extrema direita como a conhecemos hoje, quais são seus interesses por trás da ideologia estabelecida e de que maneira esta extrema direita consegue se mobilizar a ponto de legitimar organizações como o Foro Madrid. Portanto, os três autores auxiliam no estabelecimento de conceitos que elucidem o nascimento do movimento aqui estudado, servindo também de parâmetros para a explicação do mesmo.

Já a segunda parte do capítulo tem como principal objetivo investigar e expor uma diferenciação entre quem são os líderes dos movimentos de extrema direita e quem são os atores participantes dos mesmos. Aqui, a ideia é compreender quem controla os movimentos, e de onde surgem suas agendas, e quem são aqueles que se inserem neste ecossistema por adesão espontânea e servem como base de apoio para os agentes no poder. Desta forma, será possível identificar os principais interesses por trás das ideologias defendidas e da mobilização da população, como também de que forma ocorre a inflamação dos sentimentos dos mesmos.

2.1. Conceitualização

Isto posto, daremos início a esta parte da análise a partir da conceitualização de Cas Mudde (2022). O autor indica que, em 1988, o cientista

político alemão Klaus Von Beyme identificou três ondas de extrema direita na Europa ocidental após a Segunda Guerra Mundial. São elas: o Neofascismo (1945-1955), o Populismo de direita (1955-1980), e a Direita Radical (1980-2000). E acrescenta em sua obra mais uma fase da extrema direita, se tratando do atual momento, iniciado ainda no ano 2000.

2.1.1. Cas Mudde (2022)

Para o autor, a extrema direita ingressou em uma quarta onda no século XXI capitalizando política e eleitoralmente a partir de três crises: os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e posteriores, a crise econômica de 2008 e a crise dos refugiados de 2015 (MUDDE, p. 34, 2022). Foi por meio delas que a extrema direita conseguiu se consolidar e naturalizar dentro dos sistemas políticos, onde muitos partidos promovem hoje um discurso nativista, autoritário e populista, exportado para fora da Europa, como bem pode ser observado neste trabalho.

Mudde (2022) expõe que o nativismo, o autoritarismo e o populismo são os principais traços ideológicos da direita populista radical, influenciando muitas das pautas da quarta onda da extrema direita. Aqui, a direita radical recebe a característica de populista justamente pelo discurso do “eu” e do “outro” que atravessa todos os três elementos ideológicos. Portanto, é importante trazer aqui as definições destas características para o autor, visto que temos trabalhado com elas ao longo deste estudo. Primeiramente, o *nativismo* se trata de uma combinação entre nacionalismo e xenofobia. É uma ideologia cujos discursos sustentam que os países devam ser habitados exclusivamente pelos membros do grupo nativo - a nação - e que todos os elementos estrangeiros, sejam pessoas ou ideias, constituem ameaças existenciais para o Estado-nação homogêneo (MUDDE, p.42, 2022).

Já o *autoritarismo* na obra de Mudde não é utilizado para descrever líderes e sistemas políticos não democráticos, como o termo é comumente colocado. Aqui, ele carrega o conceito de crença em uma sociedade estritamente ordenada, na qual as transgressões à autoridade são punidas de maneira severa (p.44, 2019). Deste modo, como veremos em breve, os partidos de extrema direita desta nova onda, como o Vox (Espanha), Chega (Portugal), Renovação Popular (Peru),

Partido Republicano (Chile), não necessariamente serão antidemocráticos, mas carregam este traço autoritário em suas pautas. Os políticos autoritários interpretam problemas como o abuso de drogas e condutas tidas como desvios sexuais, como questões dentro do escopo da segurança e manutenção da ordem pública, e que por isso devem ser combatidas com uma postura agressiva e punitiva (MUDDE, 2022).

Importante trazer à tona neste ponto, o que partidos como os citados acima entendem a partir do conceito de democracia liberal, uma vez que os mesmos se dizem defensores do jogo democrático. O que se observa é que, para eles, as instituições democráticas podem ser instrumentalizadas para seu benefício próprio. Como explica o historiador e jornalista Vijay Prashad (2023), se um governo de extrema direita pode interpretar uma constituição liberal dessa forma, e se as instituições e os funcionários dessa estrutura constitucional não forem contrários a essa interpretação pela extrema direita, então não há necessidade de um golpe contra a estrutura liberal. Ela pode ser esvaziada por dentro. Deste modo também, é possível compreender a forma como os partidos de extrema direita enxergam a democracia, como um sistema político em que as vontades da “maioria” devem sobrepor as da minoria, como o próprio Jair Bolsonaro (2018) exclamou: “Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As leis devem existir para defender as majorias. As minorias se adequam, ou simplesmente desaparecem”.

Por fim, o *populismo* é definido pelo autor como uma ideologia superficial que enxerga a sociedade como dividida entre dois grupos homogêneos e antagônicos - o povo puro e a elite corrupta - e que acredita que a política deve ser uma expressão da vontade geral do povo. Neste caso, a elite pode ser entendida como os políticos mais tradicionais, inseridos no *mainstream*. Essencialmente, os populistas alegam que os partidos tradicionais trabalham em conjunto para manter o poder distante do povo, cuja voz eles (os populistas) afirmam representar (MUDDE, 2019:44).

A partir do conceito desses três termos, consigo chegar a compreensão de que, como será observado com mais clareza em breve, as definições dessas ideologias realizam interconexões entre si, onde uma conseqüentemente não existe sem a outra, já que os parâmetros do nativismo e do autoritarismo se

convergem dentro do conceito do populismo. Ao fazer a separação da sociedade entre o “eu” e “outro”, o populismo conversa com os ideais nativistas que enxergam no estrangeiro, ou naquele que não se adequa aos seus padrões, um inimigo em comum. Ao mesmo tempo, o autoritarismo é encontrado na forma como o “povo puro”, detentor de um poder legitimado pelos ideais populistas, vai fixar as medidas de manutenção da ordem sobre aqueles enxergados como o “povo impuro”.

Mudde então sustenta em sua análise uma importante diferenciação de dois principais grupos que fazem parte da nova extrema direita da quarta onda, são eles: a **direita radical** e a **direita ultrarradical** cujos posicionamentos em relação à democracia são fundamentalmente opostos. De acordo com o autor, a direita ultrarradical rejeita a própria essência da democracia, a ideia da igualdade política e do governo da maioria. Já a direita radical populista apoia a democracia, pelo menos em discurso, mas se opõe de forma contundente às principais instituições e valores da democracia liberal, incluindo os direitos das minorias, o Estado de direito e a separação de poderes (MUDDE, p.44, 2022).

Dentro dos casos abordados nesta monografia, todos se encaixam nos grupos de direita populista radical, dado que os mesmos se dizem respeitar a democracia em seus respectivos países e fazerem parte do jogo democrático, isto é, respeitarem a constituição, a escolha popular, e o garantimento dos direitos sociais. No entanto, de acordo com observações pessoais, nos dias atuais, essa linha se tornou um pouco turva, visto que em muitos casos atores autoritários que se dizem apoiadores da democracia incentivam ações completamente anti-democráticas, como aconteceu no Brasil após as eleições de 2022, com as acusações de fraudes nas urnas eletrônicas e a tentativa de golpe de estado em 8 de janeiro de 2023. Ademais, esses grupos reproduzem tais atos ultrarradicais sob o argumento de que estão justamente tentando salvar a democracia da “ditadura comunista”. A partir da aplicação do elemento “comunista” nesses contextos pelos grupos de extrema direita, é possível compreender que a construção do inimigo em comum se concentra nesta palavra, englobando qualquer ideia progressista que se oponha à ideologia dos grupos de extrema direita.

Uma vez exposto os três principais traços ideológicos e os dois diferentes grupos que compõem a extrema direita, Mudde procura explicar de que forma

essas características se manifestam e influenciam nos quatro conjuntos de temáticas políticas que são centrais para todos os grupos de extrema direita ao redor do mundo: imigração, segurança pública, corrupção e política externa.

Ao tratar da imigração, o autor pontua que ela engloba dois pontos diferentes que se relacionam entre si, a imigração e a integração. Ele argumenta ainda que os partidos de direita populista radical geralmente afirmam que a imigração em massa constitui uma ameaça existencial para o Estado e para a nação. Para esses políticos, a imigração em massa não é causada pela pobreza nos países em desenvolvimento, mas incentivada pelos políticos progressistas em países desenvolvidos por dois motivos: (1) ódio ao próprio país ou (2) uma tentativa de recuperar o eleitorado perdido para a direita populista radical por meio da importação de novos eleitores. Em contrapartida, a direita ultraradical foca na questão racial, alegando que o Ocidente sofre de um genocídio da população branca provocado pela imigração em massa e pelo multiculturalismo incentivado pelos Estados (MUDDE, 2019).

Um dos muitos discursos do líder do partido Vox, Santiago Abascal, a respeito das imigrações na Espanha conseguem traduzir exatamente o que Mudde expõe neste argumento é o seu pronunciamento para o II Encontro da Fronteira Sul⁹:

Box 1: Discurso de Abascal para o II Encontro da Fronteira Sul

⁹ A ECR e a VOX realizaram o II Encontro da Fronteira Sul, evento realizado em Ceuta que contou com mais de uma dezena de mesas redondas moderadas pela jornalista da La Gaceta de la Iberosfera Rebeca Crespo nas quais alertaram para o perigo que as elites continuar a abrir amplamente as fronteiras das nações soberanas e os efeitos do multiculturalismo nas ruas e bairros da Europa, onde o crime e a insegurança já são impostos. Fonte: <<https://gaceta.es/espana/ii-encuentro-frontera-sur-la-primera-medida-para-defender-las-fronteras-y-detener-la-inmigracion-ilegal-es-la-voluntad-politica-20221104-1919/>>. Acesso em: 11 dez 2023.

“(…) As oligarquias políticas, midiáticas, sindicais e patronais renderam nossas fronteiras e receberam dinheiro público aos traficantes de pessoas que fizeram negócios com o drama da imigração. **Eles abriram de par em par as portas do nosso país a pessoas que não compartilham da nossa cultura nem nossa maneira de ver o mundo e a vida.** Eles olharam para o outro lado enquanto pisoteavam e se agrediram aos nossos agentes. Eles permitiram que a insegurança se abatesse sobre nossos bairros e atingisse as pessoas mais vulneráveis. **Eles conseguiram multiplicar os problemas de convivência. Isso sim. Sempre longe de suas mansões e de suas urbanizações privadas. Possibilitaram a deterioração das condições laborais de nossos trabalhadores e deixaram o terreno livre para que o islamismo mais radical se expanda por nosso país.** Em suma, conseguiram fazer com que muitos espanhóis se sentissem estranhos em seu próprio país, em seus próprios bairros, e não hesitaram em apontar com rótulos e insultos desqualificativos todos aqueles que tenham ousado levantar a voz, aqueles que se opuseram a esta incrível deriva multiculturalista. (...) **A imigração ilegal e descontrolada é uma arma afiada nas mãos dos poderosos, um instrumento para nos manter silenciosos, subjugados, domesticados (...).** É hora de nos opormos à imigração massiva e ilegal que acaba com a tranquilidade nas nossas ruas, que liquida as nossas conquistas laborais e **que dilui a nossa identidade.** É hora de decidir. E se não fizermos isso, outros farão isso por nós. É hora de defender a fronteira sul. Não dos imigrantes, **mas de tantos governantes, burocratas, diretores de grandes empresas, sindicalistas e meios de comunicação que eles utilizam para conseguir impor suas agendas ideológicas. É hora de proteger nossas fronteiras”**

Fonte: VOX España (2022)

Este exemplo demonstra todos os elementos apresentados por Mudde sobre como a direita populista radical trata a questão da imigração: sendo incentivada pelos políticos progressistas, tratando os imigrantes como sinônimo de insegurança e violência, representando uma constante ameaça aos nativos da nação. Além disso, por meio de seu vocabulário, é possível perceber a diferença que Abascal faz entre a “elite” e o “povo”, justificando seu caráter populista: a elite corrupta caracterizada pelos governantes, empresas, mídia mainstream e sindicalistas e o povo puro, vítima dos esquemas de corrupção e das tentativas de destruir sua identidade nacional, todos orquestrados por esta elite.

No quesito da segurança, tal conceito para a extrema direita vai muito além da segurança física de indivíduos. Nesse caso, ela se refere tanto aos indivíduos quanto às coletividades, notadamente a nação, e exhibe componentes econômicos e culturais, além de físicos. O autor explica que para muitos atores da extrema direita, a questão da imigração é uma das principais causas da insegurança para a nação, sempre trazendo consigo uma conotação nativista. Além disso, as políticas fracas e ingênuas da elite política também contribuem para uma criminalidade desenfreada. Quando em muitas das vezes que essas afirmações são confrontadas com dados que provam o contrário, a extrema direita

rechaça os argumentos adotando uma narrativa de que são mentiras produzidas por elites corruptas e seus lacaios politicamente corretos num esforço de tentar encobrir o fracasso da sociedade multicultural (MUDDE, 2022).

O caso das eleições de 2018 na Espanha consegue exemplificar com clareza o que Mudde explica em seu livro. No contexto em questão, Santiago Abascal adotou uma narrativa de “reconquista” do território, se referindo a expulsão de imigrantes muçulmanos da Andaluzia, ilustrando perfeitamente como a direita radical se manifesta no escopo da segurança. Em um dos debates eleitorais das eleições legislativas de 2019, por exemplo, Abascal chegou a afirmar que 70% dos acusados de crimes sexuais eram imigrantes ao ratificar a sua posição de impedir a entrada de estrangeiros que "enchem as ruas de crime". Todavia, de acordo com um relatório oficial do Ministério espanhol dos Negócios Estrangeiros, 70,1% dos presos ou investigados por crimes sexuais são espanhóis, contra 29,9% estrangeiros (CONTACTO, 2019). Mudde ainda argumenta que:

Para a extrema direita, a criminalidade não guarda nenhuma relação com as condições socioeconômicas, exceto quando os criminosos são os nativos pobres, e deve ser combatida brutalmente pelas forças de segurança. Em consequência, clamam por menos interferência política no trabalho das forças de segurança, pela intensificação do policiamento nas ruas e pelo recrudescimento da lei penal. Muitos grupos também enfatizam a necessidade de as escolas voltarem a ensinar disciplina, respeito e valores tradicionais aos jovens, em especial a importância da família heterossexual (MUDDE, Cas. p. 49, 2022).

No contexto brasileiro, o discurso punitivista e pró-armas se tornou bastante comum nas falas dos apoiadores de Jair Bolsonaro ao longo de seu mandato, e ainda resiste até os dias atuais. O então presidente não somente incentivava, como também exaltava atos bárbaros como forma de punição, como bem lembra Mudde (2022, ao ressaltar a declaração de Bolsonaro em 2018, onde disse que “se [o policial] matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado e não processado”.

Ademais, Como analisado no capítulo anterior, foi possível entender o que Mudde (2022) apresenta quando ele diz que a extrema direita supõe que a juventude é doutrinação por acadêmicos e professores de esquerda, os quais corrompem as mentes inocentes com seu marxismo cultural e outras ideias perversas. O caso do movimento Escola Sem Partido - uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o suposto grau de contaminação

político-ideológica das escolas brasileiras, do ensino básico ao superior (ESCOLA SEM PARTIDO, n.d.), ilustra o argumento. Apesar de afirmar ser uma iniciativa apartidária, o movimento possuía muitos políticos que apoiam seus objetivos, como observamos com a recente fala de Eduardo Bolsonaro:

“Não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante que tenta sequestrar e levar os nossos filhos para o mundo do crime. Talvez até o professor doutrinador seja ainda pior, porque ele vai causar discórdia dentro da sua casa, enxergando a opressão em todo o tipo de relação. Fala que o pai oprime a mãe, a mãe oprime o filho e aquela instituição chamada família tem que ser destruída (BOLSONARO, Eduardo, 2023 apud METRÓPOLES, n.p., 2023).

Partindo deste ponto, já pode ser introduzido a seguinte temática, a da corrupção, em que se mistura com o nativismo, autoritarismo e, particularmente, ao populismo. Aqui, tanto a elite econômica, acusada de roubar o povo, quanto a elite política tradicional, são alvos das críticas da extrema direita. A popularidade de muitos atores da extrema direita na América Latina se dá por esta razão, visto que em muitos casos, esses políticos ganham notoriedade em meio às crises políticas por corrupção em seu próprio país, como foi o caso de José Antonio Kast e, é claro, Jair Bolsonaro. O discurso do “*outsider*”, daquele que representa a voz do povo, e até mesmo sua postura publicamente, contribuem para que eles se coloquem distantes da política tradicional - embora pertençam ao sistema político por anos - sendo vistos pelos seus apoiadores como um “cidadão de bem”, um “incorrupível”. Em contrapartida, grande parte destes discursos são baseados nos disparos de fake news nas redes sociais, e tentam acobertar escândalos de corrupção do próprio ator, como foi comum observar com o então presidente do Brasil durante a pandemia da Covid-19¹⁰.

Indivíduos como os acadêmicos, artistas, jornalistas e atores da política tradicional identificados como “de esquerda” também são inseridos na temática da corrupção, pois são acusados de corromper a nação com ideais *pós-modernistas* e de serem *marxistas culturais*, além de serem antinacionais, ou seja, traidores da nação, o que é o pior dos insultos para um nacionalista. Ademais, acusações de fraudes eleitorais, como vimos acontecer nos Estados Unidos e Brasil, também são bem comuns.

¹⁰ Em evento em Sorocaba, o então presidente Jair Bolsonaro falou sobre as investigações sobre o contrato de compra da vacina indiana Covaxin. O mandatário afirmou que o governo não finalizou a compra dos imunizantes e também negou superfaturamento. Sobre essa questão, ele alegou: “Eu sou incorruptível, vão se dar mal”. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=rk-ci7_c2jg>.

Quando se trata de política externa, para a extrema direita, tanto a populista radical quanto a ultraradical, as relações internacionais vivem um jogo de soma zero: todos trabalham apenas para o seu próprio sucesso, e quando alguém ganha, os outros perdem. Desta forma, não necessariamente ela se opõe a qualquer tipo de cooperação internacional, ou ela não se importe com outros países ou nações. Mas sim que todas essas preocupações são sempre - e no máximo - secundárias em relação aos interesses nacionais ou raciais. Ainda, a extrema direita possui uma forte desconfiança e hostilidade em relação a organizações supranacionais, desde a União Europeia, até a Organização das Nações Unidas, as quais são vistas como a porta de entrada para um governo mundial cosmopolita, o qual iria derrubar fronteiras, dizimando as soberanias e identidades nacionais. Não à toa, os partidos de extrema direita se mostraram tão avessos a União Europeia, considerada como uma ameaça à soberania dos estados, principalmente após a crise dos refugiados de 2015, como exemplifica Mudde:

O sentimento foi nitidamente expressado em 2018 por Santiago Abascal, líder de uma das novas estrelas da constelação da direita populista radical europeia, o partido espanhol Vox, que esbravejou contra “a oligarquia globalista, que se aproveita do orçamento público e deseja impor modelos falidos as pessoas, e agora se dedica a demonizar a democracia e a soberania das nações” (MUDDE, Cas. p. 54, 2022).

Deste modo, são ilustrativos os discursos dos políticos de extrema direita aqui apresentados e seu grupo de apoiadores, dado que todos eles sustentam o constante combate às instituições “globalistas” e voltados para a defesa dos interesses internos, tais como a manutenção de uma sociedade homogênea, as políticas autoritárias de segurança e educação e as políticas econômicas ultraliberais. O ex-chanceler do governo Bolsonaro, Ernesto Araújo, é a personificação da política externa de extrema direita na América Latina. Enquanto ocupava o cargo, Araújo se encarregou de transformar o Itamaraty e o prestígio diplomático do Brasil no sistema internacional, que sempre foi de grande alcance, em um agente que funcionava sob os caprichos do então presidente e suas teorias conspiratórias.

Logo em seu discurso de posse, Araújo (2019 apud AGÊNCIA BRASIL, 2019) afirmara que o "globalismo", que é esta ideologia que se configura por ser um tipo de globalização econômica liderada pelo marxismo cultural, está destruindo as nações, além de também anunciar: "No sistema multilateral político,

especialmente na ONU, vamos reorientar a atuação do Brasil em favor daquilo que é importante para os brasileiros, não o que é importante para as ONGs, defenderemos a soberania, a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, a liberdade de internet, a liberdade política. Defenderemos os direitos básicos da humanidade, principalmente o direito de nascer". Na prática, todavia, o Brasil se tornou um país isolado na política internacional, com agentes do próprio Ministério das Relações Exteriores proferindo ataques a grandes parceiros comerciais como a China, conseguindo deteriorar séculos de universalismo do Itamaraty. Como aponta Guilherme Casarões (2021):

A gente reduziu dramaticamente o número de parceiros estratégicos, abandonou o projeto de integração e esnobou o multilateralismo sistematicamente nos últimos dois anos." Isso estaria mais em linha, diz Casarões, com "os interesses de curto prazo de Bolsonaro e sua família, e com uma política externa mais pensada para a militância do governo, mas com pouca função internacional e que acabou nos isolando de maneira inédita (CASARÕES, Guilherme, 2021 apud BBC, n.p., 2021).

Por fim, no caráter religioso, a extrema direita pode se associar a todas as religiões, bem como adotar uma postura não religiosa, ou até mesmo antirreligiosa. Porém, em vista do aumento da islamofobia, principalmente nos países europeus, muitos partidos de direita populista radical adotaram uma postura explicitamente mais favorável ao cristianismo, abraçando a religião ou os valores judaico-cristãos, sem necessariamente se tornarem partidos confessionais, como nos Estados Unidos, por exemplo. Lá, políticos desde Pat Buchanan até Sarah Palin¹¹ já definiram os EUA como “uma nação cristã” e enfatizaram a importância do cristianismo na política. Na direita ultraradical, a KKK (Ku Klux Klan) sempre se mostrou profundamente religiosa, e ao longo do tempo migrou de uma organização exclusivamente protestante para exclusivamente cristã (MUDDE, p.56, 2022).

Fora dos EUA, Mudde cita o próprio Bolsonaro, o qual concorreu sob o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, e pautou todo o seu mandato em ideologias da religião evangélica. A partir deste slogan, Bolsonaro utiliza de uma estratégia para relacionar a religião à questão do patriotismo, equiparando a importância do cristianismo à exaltação nacional. Casarões (2023) aponta tal

¹¹ Sarah Palin é uma senadora estadunidense e ex -governadora do Alasca. A senadora se identifica como conservadora, opondo-se fervorosamente ao aborto, assim como à pesquisa de células embrionárias, apoiou a inclusão de uma lei que proíbe o casamento homossexual na Constituição do Alasca e é membro efetivo da *National Rifle Association*, um poderoso *lobby* das armas nos EUA. Fonte: <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$sarah-palin](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$sarah-palin)>. Acesso em 11 dez 2023.

ideologia que define a nação em termos de religião, denominada de nacionalismo religioso. Ele explica que a mesma foi identificada pela primeira vez por Juergensmeyer (1993 apud SALGADO; CASARÕES; ZARAKOL, 2023) como uma tendência de atores religiosos de países em desenvolvimento para fundir a religião com o Estado-nação, oferecendo uma “ideologia de ordem” em que em que as lealdades religiosas se tornam tão importantes quanto (ou até mais importantes que) os laços étnicos, raciais ou mesmo territoriais.

2.1.2. Pablo de Orellana e Nicholas Michelsen (2019)

O próximo passo desta seção é trazer para a análise os conceitos da obra de Pablo de Orellana e Nicholas Michelsen (2019), onde os autores sustentam, como exposto no início do capítulo 1, que os movimentos nacionalistas de extrema direita da atualidade se baseiam em um conjunto de teorias políticas a qual eles demonstram a Nova Direita. Ela é definida por um internacionalismo próprio, que defende a junção de movimentos nacionalistas para reestruturar as normas das relações internacionais (ORELLANA E MICHELSEN, p.749, 2019).

Como Mudde, que argumenta sobre a nova fase da extrema direita na quarta onda iniciada no século XXI, tendo sido o resultado de um processo que se iniciou no pós-guerra, Orellana e Michelsen (2019) também expõem que a Nova Direita tomou sua forma nas últimas três décadas, identificando também uma continuidade das ideias da década de 1930, conseguindo recuperar o papel das guerras culturais da década de 1990 e da retórica anti migratória do final da década de 2000. Porém, enquanto o primeiro autor faz divisões dentro da própria extrema direita levando como base as relações dos grupos com a democracia, os dois segundos autores não informam tal distinção, expondo apenas que grupos que são descritos e auto-rotulados como “Nova Direita” partilham um conjunto de sensibilidades políticas, teorias e abordagens a questões internacionais.

Ademais, os autores pretendem recuperar a lógica subjacente das reivindicações, posições e crenças da Nova Direita, incluindo narrativas politizadas, compreendendo-as a partir das teorias da Nova Direita que as produzem e governam. Para isso, a obra faz uma genealogia para acompanhar como os conceitos mudam e são reaproveitados ao longo do tempo, identificando

rupturas, disjunções e transformações que marcam a história de uma coisa, seja ela uma ideia, um discurso, ritual ou prática social. A genealogia do internacionalismo da Nova Direita, em relação aos nacionalismos e ao fascismo do passado, mostra continuidade apenas ao lado de diferenças significativas no tratamento que dão ao mundo internacional (ORELLANA E MICHELSEN, 2019:752).

O que os autores sugerem no artigo em questão, portanto, é que a Nova Direita carrega consigo uma reformulação radical do internacionalismo como arquitetura normativa. Esta reforma não é avessa e nem nega a esperança internacionalista, mas é na verdade uma sócia, a mais recente renovação de uma parte essencial da história do internacionalismo. Este conjunto de ideias é denominado pelos autores de *Internacionalismo Reacionário* (ORELLANA E MICHELSEN, p. 750, 2019).

Uma vez definida desta forma, os autores sustentam como o direcionamento das relações entre os agentes internacionais é central para o funcionamento filosófico da Nova Direita, porque em todos os níveis discursivos, o internacional provê um quadro unificador chave para a montagem da mesma. Ainda, a montagem conceitual e o discurso das forças da Nova Direita ao redor do globo se relacionam diante de temas conectados ao liberalismo e à exaltação dos interesses nacionais. Porque mantém o Liberalismo como referência chave, os autores definem a Nova Direita como a expressão contemporânea de uma tendência reacionária dentro da tradição internacionalista.

Desta maneira, a Nova Direita não visa cortar suas conexões com os países e organizações internacionais, mas ela se considera como tendo uma agenda internacional caracterizada por uma ênfase na liberdade de comércio, negociação ou envolvimento em conflitos sem as limitações injustas impostas pelas normas liberais internacionalistas, às quais se referem como “globalistas”. Seus agentes sugerem um modo transacional de relações internacionais que rejeita normas baseadas em direitos e abraça a diferença de poder como uma lógica de engajamento (ORELLANA E MICHELSEN, 2019).

Diante desta definição, não há como não criar uma ponte entre os argumentos dos autores e o próprio contexto em que o Foro Madrid foi elaborado, visando estabelecer uma aliança entre todos os grupos que possuem os mesmos princípios ideológicos dentro dos países da chamada Iberosfera. A partir deste

acerto, é possível entender que os grupos políticos das nações pertencentes a este bloco possuem o intuito de colocar não somente seus interesses ideológicos em destaque no sistema internacional, mas também os interesses políticos e econômicos em comum, tais como as medidas de livre mercado, a manutenção da identidade cultural compartilhada entre os países da Iberosfera, as políticas autoritárias, e a prevalência de seus respectivos interesses nacionais. Desta forma, os países latino-americanos aumentam sua influência diante dos países europeus, podendo até mesmo serem vistos como pertencentes ao Ocidente, enquanto garante a Vox o objetivo de fortalecer a Espanha, uma vez que faz a ligação entre essas regiões (SANAHUJA E LÓPEZ BURIAN, 2023). Importante elucidar que, ao serem entendidos como países do Ocidente, o foco não se trata do conceito geográfico dos países latino-americanos, mas sim do seu nível de influência e poder econômico, sendo interligado ao sentido que se dá ao conceito de países do Norte e do Sul Global.

Assim, o que pode ser entendido a partir deste contexto é que, embora os atores da Nova Direita rejeitem ações e diretrizes das organizações internacionais sob o argumento de passarem por cima da soberania dos países e possuírem a intenção de instaurar um “governo mundial”, eles procuram transformar suas relações com os demais estados de modo a maximizar e prevalecer seus interesses políticos e comerciais. O projeto visado para a Iberosfera, portanto, tem um caráter multidimensional que considera esta região e o seu potencial em termos de comércio e investimento. Isto permite tornar visível como se junta uma moral tradicionalista e reacionária a nível sociocultural, com uma visão individualista e ultraliberal na esfera econômica (SANAHUJA E LÓPEZ BURIAN, 2023). Logo, o que a Nova Direita pretende, não é se isolar do sistema internacional, mas sim batalhar para que suas próprias normas possam reger as relações internacionais, como os autores listam:

Descobrimos que a oferta alt-internacionalista da Nova Direita é definida por: (i) adoção de uma subjetividade resistente baseada numa identidade de cultura de nascimento; (ii) uma disposição reacionária às normas liberais internacionalistas contemporâneas; e (iii) um projeto para se libertar destas normas para “libertar” as qualidades “naturais” das culturas de nascimento. Em suma, há uma visão para a reconstrução do internacional contida na Nova Direita, que une diversos grupos e formulações culturais (ORELLANA, Pablo de; MICHELSEN, Nicholas. p.752, 2019, tradução própria).

Diante disso, faz-se necessário evidenciar a genealogia construída pelos autores, a qual implica em investigar os antecedentes das ideias nacionalistas, recuperando continuidades, diferenças e censuras na história do nacionalismo que conduziu à Nova Direita. Deste modo, Orellana e Michelsen (2019) afirmam que o nacionalismo clássico assume a fricção entre identidades como uma condição natural subjacente às conceitualizações de identidade, sobrevivência, competição e hierarquia.

Nos discursos da atualidade, é possível perceber a tradicional hierarquia nacionalista, onde os direitos são alocados com base na identidade do indivíduo, se relacionando com o nacionalismo da década de 1920-30, em que foi baseado na tradição geopolítica pseudocientífica que ligava a sobrevivência geopolítica à identidade biologicamente determinada, conceituando a relação entre "razza" (identidade) e o espírito de uma nação. Assim, os discursos nacionalistas clássicos culpavam a modernidade e as suas normas universalistas – particularmente a identidade, o gênero e os direitos individuais – por colocarem a nação em perigo. Como um exemplo de discursos nacionalistas, os autores citam Bismarck, que afirmava que “não é através de discursos e resoluções majoritárias que as grandes questões da época são decididas... mas a ferro e sangue”. Neste discurso, a universalidade dos direitos individuais dificulta o poder nacional, que (enquadrado como a capacidade para a violência), ligado à necessidade nacional, substitui os direitos dos indivíduos (ORELLANA E MICHELSEN, p. 754, 2019).

Como é possível perceber pela análise que tem sido feita até aqui, até hoje tal discurso nacionalista tem perdurado, estabelecendo a universalidade dos direitos como uma ameaça a segurança dos estados nacionais ou, em contextos sociais, à liberdade de ser forte contra os fracos, e é comumente expresso através de exigências para estabelecer hierarquias de identidade e de gênero, derrubando o “politicamente correto” (ORELLANA E MICHELSEN, 2019). Tal discurso, como veremos no próximo capítulo, é bastante comum nos atores da Nova Direita, desde Santiago Abascal até Bolsonaro, cada um dos políticos aqui apresentados fazem uso do nacionalismo clássico, aplicando-o a seus respectivos contextos nacionais. Para eles, políticas de inclusão, proteção e de igualdade voltadas para mulheres, população imigrante, a comunidade LGBTQIA+ e pessoas pretas e indígenas não passam de medidas universalistas feitas para ameaçar os valores familiares e tradicionais, bem como a identidade nacional do

país, além de, é claro, essas medidas também serem parte do plano globalista dos órgãos internacionais.

2.1.3. Cristóbal Rovira Kaltwasser e Lisa Zanotti (2023)

Finalmente, a última obra a ser analisada nesta seção é o artigo “The populist radical right beyond Europe” de Cristóbal Rovira Kaltwasser e Lisa Zanotti (2023), que apresenta uma grande contribuição aos estudos e conceitos voltados para a direita populista radical, colocando em foco os movimentos dos países não-europeus, como Brasil, Índia, Chile, Austrália, Estados Unidos e Turquia. Os autores argumentam que, embora as forças dos movimentos de direita populista radical tenham aumentado globalmente, os estudos voltados para este assunto focam somente nos países da Europa. Por isso, Kaltwasser e Zanotti (2023) estão interessados em explorar o discurso que a direita radical populista não-europeia tem avançado e examinar as suas semelhanças, bem como as diferenças com as ideias desenvolvidas pelos seus irmãos europeus. Para focar na América Latina, aqui serão mobilizados o Brasil e o Chile, conectando ao tema desta monografia.

Desta forma, eles primeiramente pontuam que fazem uso dos mesmos conceitos estabelecidos por Mudde a respeito do nativismo, autoritarismo e populismo e que também foram apresentados no presente trabalho. Ainda, os autores sustentam que, ao combinar ideias nativistas, populistas e autoritárias, as forças da direita populista radical foram capazes de desenvolver uma principal visão que é útil para mobilizar setores do eleitorado que discordam com os valores progressistas associados ao processo de modernização - tais como a luta pelos direitos LGBTQIA+, pelos direitos reprodutivos das mulheres, políticas afirmativas para pessoas pretas, de redistribuição de renda, entre muitos outros – vividas pelas sociedades europeias nas últimas décadas.

Quanto mais poder os movimentos progressistas que lutam pelas pautas voltadas para as questões culturais, das minorias étnicas e sociais exercem para influenciar os governos a implementarem suas políticas, maior será a reação dos movimentos de extrema direita nas políticas conquistadas. Como efeito, assim também aumenta o sucesso dos grupos de direita radical, uma vez que seus

discursos são todos instrumentalizados para reagir ao reconhecimento das instituições e atores as exigências dessas minorias.

Dois exemplos que posso citar dentro dos países latino americanos trabalhados pelos autores é a questão da implementação da lei de cotas raciais nas universidades brasileiras, que até hoje é condenada pela direita populista Radical. O próprio Bolsonaro, durante sua campanha eleitoral, se mostrou contra esta política, quando foi questionado a respeito da dívida histórica do Brasil com a população negra, em vista do tempo da escravidão, ao que disse: “Que dívida? Eu nunca escravizei ninguém na minha vida”, afirmou. “É justo a minha filha ser cotista? O negro não é melhor do que eu, e nem eu sou melhor do que o negro. Na Academia Militar das Agulhas Negras, vários negros se formaram comigo. Alguns abaixo de mim, alguns acima de mim, sem problema nenhum. Por que cotas?” (BOLSONARO, 2018 apud UOL, 2018). Já no Chile, a população indígena Mapuche há muito tempo busca reconhecimento e direitos territoriais, o que gerou muitas tensões dentro do país durante o ano de 2021 entre esses grupos e seus opositores. José Antonio Kast, por exemplo, já chamou os protestantes mapuches de terroristas, além de defender o uso das forças armadas na desocupação de terras (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

Também, argumento dos autores atribuem sentidos aos comportamentos de eleitores do Vox e Chega, que como já exposto no primeiro capítulo deste estudo, se sentem como perdedores do processo de transformações sociais e econômicas causadas pela globalização, o que também é defendido por Kaltwasser e Zanotti (2023). Mas, como também já exposto aqui, agora os autores (GIDRON E HALL, 2017; MUDDE E KALTWASSER, 2018 apud KALTWASSER E ZANOTTI, 2023) explicam que na verdade, aqueles que apoiam a direita populista radical não são predominantemente “perdedores econômicos” num sentido objetivo, mas sim indivíduos que subjetivamente se sentem deixados para trás devido a desenvolvimentos culturais e econômicos, isto é, políticas que podem beneficiar grupos minoritários que por muito tempo foram negligenciados, o que consegue modificar alguns parâmetros sociais engessados na sociedade.

Em seguida, Kaltwasser e Zanotti (2023) procuram responder três questões para tentar entender os movimentos de direita populista radical em países não-europeus, e assim estabelecer um comparativo para cada um dos casos estudados, sendo elas: (a) como é que a direita radical populista não-europeia

articula ideias autoritárias, nativistas e populistas? (b) como é que a direita radical populista não-europeia define os membros tanto do “povo puro” como da “elite corrupta”? e (c) a direita radical populista não-europeia mantém outros princípios ideológicos que vão além dos três atributos definidores clássicos da direita populista radical (autoritarismo, nativismo e populismo)? Antes de adentrar nas respostas, os autores primeiramente explicam cada uma das perguntas estabelecidas para explorar a homogeneidade ideológica dos casos.

A primeira questão colocada se dá pela razão de que pesquisas mostram que, embora o nativismo não seja o único atributo da direita populista radical na Europa, ele é, sem sombra de dúvidas, o mais relevante. No entanto, fora do contexto europeu, o peso desses atributos podem variar de acordo com o cenário de cada país, uma vez que vários desses estados-nação possuem uma emigração maior que a imigração, além de particularidades históricas como o colonialismo e governos autoritários.

Para a segunda pergunta, Kaltwasser e Zanotti (2023) explicam que mais uma vez, o nativismo se faz presente quando esta questão é aplicada para os países da Europa, onde os imigrantes seriam os inimigos do “povo puro”, além de encaixar pessoas a favor da União Europeia como a “elite corrupta”. Ao se tratar dos países de fora da Europa, os elementos da direita populista radical operam em contextos políticos que são caracterizados por queixas diferentes das da Europa, como a questão do movimento feminista na América Latina e das políticas afirmativas para pessoas autodeclaradas pretas, pardas e indígenas. Em consequência, é esperado que ajustassem o seu discurso, fazendo distinções que reverberam em seu eleitorado, entre a cultura política dominante e os outsiders. Nesse sentido, o “povo impuro” na América Latina é caracterizado pelos movimentos feministas, pelos grupos que lutam por reivindicações da minoria e pelos políticos que apoiam essas pautas.

Já na terceira questão, os autores (2023) querem investigar até que ponto a direita populista radical não-europeia apoia discursos que podem estar ausentes nos casos europeus, ou seja, inseridos no nativismo, populismo e autoritarismo. Na verdade, ao adotar elementos ideológicos adicionais que complementam os três atributos definidores identificados por Mudde (2022), a direita populista radical não europeia pode promover um discurso que ressoe com as queixas sociais que são dominantes no contexto em que opera.

Posto isso, os autores apresentam os resultados dos estudos comparativos feitos entre os movimentos de direita populista radical dos seis países analisados por eles. Aqui, uma vez que o principal foco do presente trabalho é com os países pertencentes a Iberosfera, será destacado somente os países latino americanos apresentados no texto: Brasil e Chile. Assim, a primeira observação comparativa se trata da relevância de cada um dos escopos ideológicos da direita populista radical.

Portanto, os autores perceberam que nos estados latino americanos, o autoritarismo é um elemento que ganha mais atenção, representados pelas figuras de José Antonio Kast e Jair Bolsonaro. Esta variação explica-se pelos diferentes contextos enfrentados pelos países dos diferentes continentes, visto que o crime e a segurança pública recebem ampla atenção pública e geram muita preocupação em países como o Brasil e o Chile (KALTWASSER E ZANOTTI, 2023). A articulação desses elementos por ambos atores se dá pela aplicação de punições mais severas para infratores, além de haver um forte discurso a favor das forças armadas e, por parte de Bolsonaro, estimulou em seu governo a flexibilização do porte de armas como uma forma de autodefesa para cidadãos comuns.

Isto não significa que o nativismo não esteja presente nestes países. No Chile, é possível enxergar o nativismo na defesa de políticas anti-imigratórias em relação aos refugiados venezuelanos, todavia, no Brasil, conseguimos identificar outra forma de como o nativismo se manifesta, usando como alvo as populações indígenas, por mais paradoxo que possa parecer, levando em conta a perspectiva europeia. Entretanto, Kaltwasser e Zanotti salientam que isto corresponde a lógica da direita radical da indivisibilidade da nação, em que cada elemento estranho (“ideias” ou “povos”) é visto como uma ameaça à alegada homogeneidade do Estado-nação (BETZ, 1994 apud KALTWASSER E ZANOTTI, 2023). Os autores explicam que este tipo de abordagem é visível em locais marcados pelo colonialismo, onde o grupo dominante muitas vezes se torna o grupo de colonos. Como consequência, a direita populista radical no Brasil e no Chile defendem a noção de uma nação e estão em desacordo com a existência de uma nação amazônica e mapuche, respectivamente. Além disso, o nativismo em relação às populações indígenas têm um forte componente racial no Brasil.

Em relação à articulação discursiva do autoritarismo, os autores argumentam que parte do autoritarismo de Bolsonaro no Brasil e de Kast no Chile

está ligada à sua preferência por valores morais tradicionais, onde defendem posições conservadoras, como por exemplo a argumentação de que é crucial manter as hierarquias tradicionais entre homens e mulheres.

No que se refere aos resultados encontrados para a segunda pergunta da pesquisa, a respeito da definição de “povo puro” e “elite corrupta”, Kaltwasser e Zanotti (2023) evidenciam que o primeiro está ligado principalmente ao populismo, e o último é moldado principalmente pelo nativismo e pelo autoritarismo. Nesse sentido, o que eles encontraram é que de forma recorrente, os indivíduos pertencentes aos grupos do “povo puro” assumem traços étnicos e/ou religiosos. Enquanto isso, a “elite corrupta” é identificada como os atores progressistas, principalmente ligados ao establishment cultural e político. Como já observado neste trabalho, este é um elemento discursivo chave para Bolsonaro e Kast, visto que ambos constroem, no imaginário de seus apoiadores, a imagem de intelectuais e políticos opositores como os inimigos do povo, aqueles que atuam a favor da ideologia globalista.

Os autores explicam que a distinção entre os grupos de fora do território europeu dependem muito do seu contexto nacional/regional. Por exemplo: por um lado, agentes como Trump e Bolsonaro tendem a definir a raça como um critério importante para excluir grupos que supostamente não atingem os padrões “morais”, intrinsecamente possuídos por aqueles que pertencem ao “povo puro”, ou seja, os famosos “cidadãos de bem”, em sua maioria homens heterossexuais brancos, que se dizem a favor da família e dos valores tradicionais. Por outro lado, em países como a Turquia, com Erdoğan e a Índia, com Modi, os elementos religiosos são marcadores cruciais para a construção de um discurso “nós” versus “eles” (KALTWASSER E ZANOTTI, 2023).

Finalmente, para concluir a visão geral dos resultados comparativos, Kaltwasser e Zanotti (2023) apresentam os achados da última pergunta de sua pesquisa, em relação à presença de outras ideologias relevantes nos estudos de caso. A vista disso, um elemento discursivo adicional na direita populista radical do Brasil e do Chile que complementa os três escopos ideológicos estabelecidos por Mudde são as ideias relacionadas ao campo econômico em ambos os países. Em seus achados, os autores estabeleceram que nos dois países latino americanos, os grupos de direita populista radical tendem a adotar posições neoliberais. Durante sua campanha, Bolsonaro defendeu pautas como a privatização de

empresas estatais e a flexibilização de leis trabalhistas, onde argumentou que os trabalhadores deveriam escolher entre “ter menos direitos e emprego, ou todos os direitos e desemprego” (FONTES, Leonardo, 2022). José Antonio Kast também não se difere muito. Durante sua campanha eleitoral, o político também defendeu a privatização de empresas, assim como a desregulamentação do estado e a redução de gastos fiscais (BBC, 2021). Já Santiago Abascal, apesar de demonstrar características nacionalistas que visam priorizar o mercado interno, também defende propostas como a redução e a eliminação de impostos ou a introdução de um sistema misto de Previdência com a presença do setor privado (BBC, 2019).

Entretanto, Kaltwasser e Zanotti (2023) também esclarecem que, embora eles identifiquem tais discursos dos políticos da direita popular radical, isso não significa que necessariamente a política implementada por eles enquanto estão no poder vá ao encontro do que eles defendem. Muitas vezes, seus discursos servem para atrair um certo grupo de investidores e empresários, o que pode exercer grande influência sobre a campanha eleitoral desses políticos. Só para dar um exemplo, embora Jair Bolsonaro e seu ministro da Economia, Paulo Guedes, tenham uma forte postura neoliberal, o governo de Bolsonaro não implementou políticas de livre mercado de alto impacto, como a prometida privatização total da petrolífera estatal Petrobras (KALTWASSER E ZANOTTI, p. 298, 2023).

2.2. Lideranças e participações

Uma vez apresentada a base conceitual do presente trabalho e sua aplicação nos contextos apresentados, a seção atual visa construir uma diferenciação entre os atores que fazem o papel de líderes desses movimentos de extrema direita, ou seja, aqueles que são líderes dentro do poder executivo e representantes partidários que exprimem verdadeiras chances de vitória em eleições, e os agentes que são participantes desses movimentos, isto é, grupos e indivíduos que aderiram às causas por livre e espontânea vontade, motivados por suas ideologias e crenças, que servem como base de apoio e atuam no papel de propagadores ideológicos para as suas lideranças. Essa diferenciação entre os líderes e a sua base será trabalhada em razão de evidenciar de que forma o ecossistema dentro da arquitetura da Nova Direita é construído.

Desta forma, o foco desta análise se voltará para o Foro Madrid, considerando os diferentes agentes que o compõem e a sua relevância no sistema internacional. Recapitulando suas origens, o Foro Madrid é uma aliança internacional entre líderes, entidades e partidos, criada pela Fundação Disenso, um think tank do Partido Vox, fundado por Santiago Abascal. Como sabemos, o documento fundador do Foro Madrid, a Carta de Madrid, já conta com a assinatura de uma série de atores da extrema direita da Europa, América do Sul e do Norte. Logo, é possível afirmar que o Foro se trata de um projeto posto em prática por lideranças da extrema direita espanhola, no intuito de fortalecer e criar cooperações dentro deste bloco chamado Iberosfera.

Posto isso, esta parte do trabalho também vai contar com a lente de algumas definições analisadas por Mudde (2022) para que possam ser enxergadas com maior clareza as estruturas e mecanismos de movimentos da Nova Direita que possibilitaram a existência de fenômenos do Internacionalismo Reacionário como a aliança construída por Santiago Abascal. Porém, uma importante afirmação do autor inaugura a sua explicação: a de que a extrema direita se apresenta em uma variedade de formas, não somente em termos de bandeira e ideologias, mas também a nível organizacional e, havendo inúmeras formas de destrinchá-la, nenhuma delas é perfeita. Nesse sentido, será feito uma distinção entre partidos políticos e organizações ligadas a movimentos sociais.

Em sua forma mais elementar, os partidos políticos são organizações que disputam eleições, e são aqueles que estão no coração da quarta onda da extrema direita, visto que as democracias são majoritariamente partidárias, onde quase todos os cargos políticos importantes são ocupados por pessoas eleitas em listas partidárias (MUDDE, p.64, 2022). O Foro Madrid tem entre seus fundadores e diretores políticos em mandato pertencentes ao partido Vox, por isso notamos a importância desses representantes, visto que são eles os agentes capazes de colocar em prática as políticas defendidas pela extrema direita. Evidentemente, no cenário político, os partidos de extrema direita possuem muitas diferenças entre si, como por exemplo sua estrutura organizacional, a depender do tempo de longevidade de cada partido. Mas uma característica que eles tendem a partilhar é a centralização de sua estrutura, onde o poder de execução se concentra no líder (MUDDE, 2022).

No que se refere às organizações ligadas a movimentos sociais, o autor faz três diferenciações: as organizações de natureza intelectual, midiática e política. Primeiramente, é importante ressaltar que tanto as organizações políticas quanto as intelectuais e de mídia contribuem para a criação das bolhas de pertencimento, onde apenas um tipo de informação é constantemente alimentada e validada pelos seus pares. Essas organizações, na maioria das vezes, funcionam como um suporte para os líderes no poder, dado que, como veremos a seguir, elas podem oferecer estudos que ensinem e perpetuem o pensamento político defendido na mente de jovens, disseminem notícias e formulem opiniões, além de promover espaços em que seja possível criar uma comunidade onde todos defendem esses mesmos ideais.

Neste sentido, vale trazer o conceito que o cientista político Benedict Anderson traz em sua obra "Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo" (1983) a respeito justamente das "comunidades imaginadas" a qual ele aborda. Para este autor, a nação é definida como uma comunidade política imaginada - imaginada sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana (ANDERSON, 1983). Portanto, a nação nada mais é do que uma comunidade socialmente construída e compartilhada, percebida como uma entidade única, mesmo que seus membros não se conheçam pessoalmente, como o Anderson explica:

Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. Era a essa imagem a que Renan se referia quando escreveu, com seu jeito levemente irônico: "Ora, a essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas." Gellner diz algo parecido quando decreta, com certa ferocidade; que "O nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele inventa nações onde elas não existem" (ANDERSON, Benedict. p. 32, 1983)

Deste modo, a questão da imaginação dentro do contexto apresentado pelo autor não se refere a uma fantasia, mas sim a capacidade dos indivíduos de se entenderem como pertencentes a uma entidade maior, uma comunidade que vai além das interações imediatas. Assim, Anderson (1983) também sustenta que elementos como a linguagem e os canais midiáticos também contribuem para a criação desta imaginação nacional.

Trazendo o conceito de comunidades imaginadas para a atuação das organizações sociais e de seus participantes, é possível notar os mesmos padrões aplicados nos grupos de apoio que se formam a partir da mobilização da Nova Direita. Os indivíduos desses grupos se sentem parte de algo muito maior, um sentimento compartilhado entre pessoas as quais jamais se encontraram, mas graças ao papel das organizações intelectuais, políticas e midiáticas, em que envolvem os canais de comunicação e redes sociais, cria-se tal pertencimento a uma comunidade imaginada, como veremos a seguir.

No quesito intelectual, Mudde (2019) afirma que esta não é uma característica pela qual a extrema direita se destaca, até mesmo porque muitas organizações afirmam ser anti-intelectuais, visto que para eles todos os intelectuais são praticantes do marxismo cultural. A partir desta afirmação, os grupos de extrema direita se colocam numa posição de vítimas do establishment intelectual das universidades e da grande mídia (PINHEIRO-MACHADO, Rosana, 2017). No entanto, há em diversos países organizações cujo objetivo se encontra no desenvolvimento e renovação de ideias de extrema direita, assim como na formação de indivíduos e ativistas de extrema direita. Muitos partidos inclusive promovem estas organizações, como é o caso da própria Fundação Disenso da Vox, que possui iniciativas como Programa Jovens Líderes da Iberosfera e o Círculo Maura, voltadas para a promoção do conhecimento e do debate entre os jovens, além de fortalecer as suas capacidades de liderança e a gerar novos laços entre a Europa e América Latina (FUNDAÇÃO DISENSO, n.d.).

Já as organizações de mídia da extrema direita, durante a quarta onda, surgiram em razão de dois fatores: (1) a emergência das redes sociais; e (2) o sucesso e a consolidação da direita populista radical (MUDDE, p. 69, 2022). Com o surgimento da internet, muitas foram as páginas de opinião que se disseminaram ao redor da web, concentrando centenas de grupos de extrema direita e possibilitando a criação de comunidades. Além disso, vale lembrar dos veículos de mídia, tanto online quanto offline, as quais alegam expor notícias reais e sem censura - o que neste sentido seria as notícias voltadas para o viés ideológico da própria extrema direita - especialmente sobre os assuntos preferidos da extrema direita como criminalidade, corrupção, integração europeia e imigração. No Brasil, plataformas como o Brasil Paralelo, O Antagonista, assim como emissoras

de TV como a Record e Bandeirantes, contribuíram para aumentar a base de apoio ao então candidato a presidente Bolsonaro no ano de 2018.

Por fim, as organizações políticas de extrema direita possuem como objetivo alcançar um poder de influência na política de seus respectivos países. Mudde (2019) explica que muitos desses grupos se parecem com os próprios partidos políticos, no sentido de que possuem militância formalmente associada, programa ideológico e estruturas organizacionais razoavelmente sofisticadas, se distinguindo apenas pelo fato de não disputarem eleições, ou de haverem parado de disputar. Um bom exemplo dessas organizações se trata do Instituto Conservador Liberal (ICL), fundado por Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente Jair Bolsonaro. O ICL foi fundado com a intenção de tornar-se o maior instituto de educação política do país, trabalhando na recuperação, no desenvolvimento, e na difusão dos valores conservadores-liberais da sociedade brasileira (ICL, n.d.). Esta instituição faz o papel de se organizar politicamente, enquanto também age na difusão midiática das pautas da extrema direita. Todavia, essa distinção possui uma linha muito tênue, uma vez que algumas dessas organizações muitas vezes acabam se tornando partidos políticos, como foi o caso do movimento Ação Republicana, fundado por José Antonio Kast, por exemplo, e posteriormente se transformou no Partido Republicano, a qual o próprio Kast é líder.

De acordo com Mudde (2022), essas organizações desempenham uma função principalmente social, servindo como ponto de encontro e espaço seguro de discussão para pessoas que pensam de forma politicamente semelhante, e raramente tomando parte em atividades públicas. Logo, elas desempenham um papel importantíssimo no estabelecimento de um viés de confirmação para os agentes na liderança desses movimentos.

Como analisado no primeiro capítulo, o perfil dos ativistas europeus não se difere muito do perfil geral dos eleitores de direita radical na América Latina. Uma vez analisados os diferentes tipos de organização que compõem os movimentos de extrema direita, chegou a vez de compreender os seus participantes, qual seria o perfil geral desses indivíduos e quais são as suas motivações? Foi visto nesta monografia que o perfil demográfico dos participantes dos movimentos de extrema direita aparenta ser em sua maioria de homens brancos, e de classe média baixa ao invés de classe trabalhadora.

Em relação às suas motivações, foram identificados quatro padrões nas trajetórias desses ativistas, onde eles são definidos como: os revolucionários, aqueles que demonstram um comprometimento de longo prazo com a política de extrema direita; os convertidos, pessoas que acreditavam e até mesmo militaram em partidos tradicionais antes de se converterem a extrema direita; os andarilhos, que participam de iniciativas dentro e fora da extrema direita; e por fim, os complacentes, aquelas pessoas cujo ativismo não vem de uma escolha, mas de circunstâncias externas, como alguma conexão familiar (MUDDE, p. 92, 2019). Diante das crises analisadas quanto às questões políticas atravessadas pelos países da América Latina, não é de se surpreender que dentre esses grupos, os mais numerosos seja o dos convertidos, visto que são esses os indivíduos que se sentem como os perdedores da globalização. Ademais, também além de também geralmente terem se decepcionado com a representatividade no cenário político de seus países e com as políticas afirmativas as populações minoritárias, que promovem a ascensão de sociedades multiculturais, as quais são vistas como ameaças ao seu próprio bem estar social, aos seus valores e a manutenção da identidade cultural de sua nação.

A partir disso, podemos construir uma ponte com as motivações de seu eleitorado, onde encaramos alguns debates que merecem ser destacados neste estudo. Como por exemplo, a questão do voto de protesto vs. voto de apoio, isto é, seus eleitores votam em protesto à política tradicional ou em apoio às ideias da extrema direita? Mudde explica que:

A ideia é que um eleitor de protesto não acredita de fato numa ideologia de extrema direita, mas usa do partido de extrema direita para protestar contra o comportamento e a agenda da elite política estabelecida. Em contraste, o eleitor “de apoio” realmente acredita em ideias da extrema direita e vota nos partidos dela, pois estão mais próximos de seu próprio posicionamento político (MUDDE, Cas. p. 112, 2022).

O que pode ser percebido dentro dos casos analisados é que o parâmetro dos eleitores da extrema direita tende a ser bastante equilibrado entre os dois perfis, havendo inclusive uma “terceira via”, onde os eleitores de extrema direita que protestam contra a elite política tradicional ao mesmo tempo em que apoiam os partidos de extrema direita, além de ser bastante comum a virada de chave onde os eleitores de protesto se tornam os eleitores de apoio quando os partidos de extrema direita promovem as políticas que eles apoiam (MUDDE, p. 113, 2019).

A vista disso, chegou a vez de fazer a diferenciação dos líderes desses movimentos, isto é, aqueles indivíduos que possuem o poder de representar e instituir no jogo democrático, as ideias e políticas defendidas pelos grupos ideológicos. Portanto, aqui será averiguado o perfil desses líderes, bem como a imagem que eles pretendem transmitir, e os seus interesses por trás da ideologia que eles pregam. Isto posto, primeiramente, é necessário levantar uma questão importante a respeito do próprio conceito de ideologia, que vai de encontro com o argumento central desta monografia, a respeito dos interesses dos líderes políticos da Nova Direita. A escritora e filósofa Marilena Chauí (2022) sustenta que o papel da Ideologia se trata de ocultar as divisões e contradições econômicas, sociais, políticas e culturais, produzindo, portanto, um discurso ideológico feito de espaços vazios. A escritora explica:

É fundamental admitirmos que se tentarmos o preenchimento do silêncio ou da lacuna, não vamos transformar a ideologia incorreta, numa ideologia correta, nós vamos simplesmente destruir a ideologia, porque nós tiramos dela a condição de sua existência e da sua força. O discurso ideológico se sustenta justamente porque ele não pode dizer até o fim aquilo que ele pretende dizer. (...) A força da ideologia não decorre de uma pura lógica intelectual, do valor das ideias, da maneira como ela se conecta. Isso é a força da ciência, da filosofia, a força do pensamento verdadeiro. A força do discurso ideológico vem, portanto, da lógica do silêncio (CHAUÍ, Marilena. n.p. 2022).

Todavia, ainda que a ideologia não necessite de uma lógica intelectual, ela ainda precisa das transformações sociais, isto é, das mudanças das relações na esfera econômica e na esfera política. Neste sentido, a ideologia neoliberal consiste em duas características principais: ela considera que a sociedade no seu todo, é constituída por um tipo determinado de organização, a empresa. De tal modo, escolas, hospitais, centros culturais são todos vistos como empresas, que é a forma de organização da sociedade. Em complemento a esta característica, a segunda característica se trata da introdução da privatização, mas não somente a privatizações de estatais, o que esta ideologia traz é a privatização dos direitos sociais, onde eles deixam de ser considerados direitos para serem considerados serviços que você compra e vende no mercado (CHAUÍ, 2022).

Assim sendo, uma vez que a definição de democracia se trata da criação e o estabelecimento de direitos sociais para todos os cidadãos, se o neoliberalismo transforma esses direitos em serviços privados capazes de serem comprados e vendidos no mercado, logo a democracia é destruída e o estado se torna uma empresa. Chauí (2022) explica que se o estado é uma empresa, ele sobretudo

define o indivíduo não como membro de uma classe social, mas como um empreendimento, o indivíduo se torna uma empresa individual, onde é treinado para ser um investimento bem sucedido e interiorizar a culpa quando não vencer a competição. Essa culpa, por sua vez, desencadeia ódios, ressentimentos e violência de todo tipo, destruindo a percepção de si como membro de uma classe social, destruindo formas de solidariedade e desencadeando práticas de ódio e extermínio.

Estes conceitos se fazem importantes de serem trabalhados neste ponto da análise porque, a partir de suas definições, é notório a forma de como a ideologia vem sendo empregada pelos líderes dos movimentos da Nova Direita. A ideologia neoliberal possui traços que estimulam o ódio ao outro, ao que é diferente, ao mesmo tempo em que se utilizam de um discurso totalitário, como será trabalhado no terceiro capítulo, onde acirra conflitos por meio de argumentos racistas, homofóbicos, machistas, religiosos transformados em medos, pressentimentos e ódios sociais que estavam silenciosos e se transformaram em discurso do poder e justificativa para práticas de censura e de extermínio (CHAUÍ, 2022). Sendo assim, é evidente que a verdadeira ideologia dos líderes da extrema direita e do Foro Madrid especificamente se sustenta pelas reações que são provocadas nos participantes dos movimentos e organizações políticas.

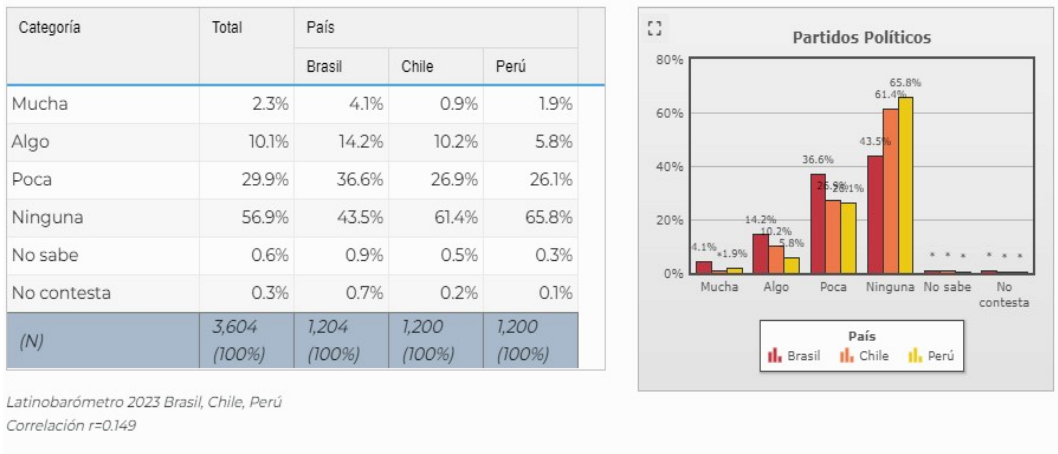
A partir dessas definições, volto para a explicação de Mudde (2022) ao afirmar que a extrema direita possui um estereótipo de um líder que represente o seu grupo de apoiadores: homem branco, heterossexual, geralmente de idade avançada, autoritário, carismático, cruel, violento e, em alguns casos, de passado militar. Nos cenários averiguados neste trabalho, todos os seus líderes se encaixam neste enquadramento, possuindo também trajetórias bastante similares entre si. Assim sendo, é interessante trazer à tona mais um debate a respeito das motivações da extrema direita, ela se trata justamente da relação do líder com a sua organização política.

Neste debate, o foco se volta para o que é que a extrema direita oferece aos seus potenciais apoiadores. É importante lembrar, portanto, que esses grupos políticos tem como ênfase a figura de seu líder, ainda remetendo a como o fascismo os enxergava: o líder é a personificação do partido, do povo e do Estado (MUDDE, p.117, 2022). Neste sentido, podemos também explicar o imensurável apoio que muitas dessas figuras recebem, em que são vistos como líderes

carismáticos, do povo, alguém iluminado e excepcional, cujos seguidores possuem uma devoção quase religiosa. Este comportamento foi muito bem observado com o caso de Jair Bolsonaro, onde seus apoiadores por muitas vezes equiparava sua imagem com Jesus Cristo, promoviam rodas de oração, e acreditavam que ele era “o escolhido” para salvar o Brasil das garras da esquerda.

Entretanto, Mudde (2022) argumenta que nos dias atuais, embora ainda exista tal devoção, as organizações partidárias são vistas como os principais atores políticos, sendo elas que dominam o sistema político. Deste modo, os líderes de hoje em dia procuram personificar os seus partidos, pelo menos aos olhos da mídia, adicionando um elemento personalista à ideologia política mais abstrata e a organização. O curioso é que, ao mesmo tempo, os partidos políticos em geral ainda não possuem a confiança da grande maioria seu próprio eleitorado, como mostra os dados do Latinobarômetro a seguir:

Gráfico 1: Confiança nos Partidos Políticos no Brasil, Chile e Peru



Fonte: Latinobarómetro, 2023

Ainda assim, é interessante notar que, apesar da pouca confiança nos próprios partidos, essas organizações ainda estão no cerne do cenário político, uma vez que são elas que organizam o enquadramento do contexto político-institucional, a qual seus líderes precisam se adequar.

Diante do exposto, conseguimos compreender algumas questões a respeito do Foro Madrid, como a que a sua legitimidade vem de líderes e organizações de diferentes países. Esses agentes, por sua vez, se complementam, dado que as organizações de extrema direita atuam de forma a disseminar as ideologias e

formar possíveis líderes, uma vez que elas agem tanto nas áreas da educação, quanto nas áreas midiáticas e políticas, sendo este último onde conseguem garantir um “espaço seguro” para que essas ideias possam germinar. Desta forma, dentro dessas organizações podemos encontrar diferentes perfis de participantes, onde podem ser encontrados tantos os militantes mais engajados, podendo ser até mesmo possíveis líderes num futuro próximo, até os participantes que aderem a causa por adesões externas, isto é, por influência de parentes ou parceiros.

Em relação aos líderes e aos seus partidos, embora o primeiro personifique o segundo, é importante ter em mente que as organizações partidárias ainda estão no centro do sistema político, e a base de apoio construída está muito mais voltada a essas entidades do que aos seus representantes. Todavia, esta não é uma via de regra, uma vez que em algumas situações, o líder se mantém relevante mesmo sem estar filiado a algum partido, como foi possível observar com o caso de Jair Bolsonaro, que durante seu próprio mandato presidencial, passou meses sem um partido. No entanto, ele ainda manteve coalizões e apoiadores dentro do Congresso, o que evidencia a manutenção do sistema político-institucional. Portanto, é possível concluir que, para que alianças como o Foro Madrid conseguissem ser legitimadas, os líderes que as apoiam também precisam ter a base de apoio consolidada, sendo estas, por sua vez, formadas com o suporte das organizações ligadas a movimentos sociais e partidários.

Para finalizar o capítulo, trago um mais novo exemplo de liderança na América Latina que acabou de ser eleito presidente no ano de 2023. Este exemplo se trata de Javier Milei, na Argentina. Assim como os outros líderes aqui abordados, Milei possui a mesma retórica e perfil antissistema, onde prega seus ideais antiesquerda e anticomunista, bem como sua demonização do sistema político, além de também ser um assinante da Carta de Madrid e amigo de Eduardo Bolsonaro.

Como todos os outros líderes, o político ganhou notoriedade devido às suas afirmações polêmicas e em vista de uma forte crise econômica e política enfrentada pela Argentina. O novo presidente tem fortes posicionamentos liberais e até mesmo ultraliberais, defendendo inclusive a venda de órgãos. A sua postura diante de seus eleitores e da mídia é um verdadeiro exemplo de como a Nova Direita consegue destaque e a atenção de seus participantes. Nas aparições públicas – no palco, na tevê, nas redes sociais – dá declarações eloquentes e

raivosas, em meio a lances teatrais. Longe das câmeras, no entanto, o personagem some. Milei é um sujeito calmo, que se expressa de modo pausado e desapaixonado. Mas, quando um holofote se acende, ele arregala os olhos azuis, ergue os braços e começa a atirar palavrões e insultos contra os opositores (PIAUI, 2023). Este tipo de comportamento será abordado mais detalhadamente no capítulo seguinte, onde falarei a respeito do discurso dos líderes políticos. Javier Milei acaba de inaugurar mais um capítulo da Nova Direita latino americana, portanto será muito importante analisar seus próximos passos para futuras análises.

3. A Nova Direita em ação

No segundo capítulo foi apresentado os conceitos utilizados pelos autores para compreender a Nova Direita e a análise da estrutura dos movimentos de extrema direita, com o intuito de compreender aqueles atores que são os líderes da Nova Direita e aqueles que fazem parte dos movimentos por adesão espontânea. Diante disso, no terceiro e último capítulo desta monografia, tenho como principal objetivo apresentar uma síntese do tema aqui analisado, ou seja, o Foro Madrid como fenômeno da Nova Direita. Neste sentido, o capítulo será dividido em duas partes principais.

A primeira seção tem como foco explicar a escolha do Foro Madrid para ilustrar a análise desta monografia. Nela, será entendido o porquê do Foro se diferenciar dos outros movimentos da Nova Direita, sob a lente dos conceitos dados pelos autores trabalhados nesta monografia e que foram apresentados no capítulo anterior. A partir deles, será possível compreender como o Foro Madrid se situa dentro do fenômeno da Nova Direita, utilizando como exemplo de comparação o The Movement, movimento europeu iniciado pelo Steve Bannon, assessor político americano e ex-assistente e estrategista-chefe da Casa Branca durante o Governo Trump. Desta maneira, buscarei verificar o que o Foro Madrid representa na Nova Direita, especialmente dentro do contexto latino americano.

Na segunda seção, será feita uma análise de discurso dos atores da Nova Direita pertencentes à Iberosfera que foram apresentados logo no primeiro capítulo: Santiago Abascal, André Ventura, Rafael López Aliaga, José Antonio Kast e Jair Bolsonaro. Portanto, serão analisadas aqui falas e discursos dos líderes apresentadas para o público geral, ou seja, mensagens oficiais transmitidas nacionalmente e internacionalmente e por meio de portais de comunicação da mídia *mainstream*. Também será feita uma definição dos parâmetros desses discursos para a compreensão dos mesmos.

Por fim, este capítulo será seguido pela última parte da monografia, a qual irá fechar a análise, com o objetivo de trazer as considerações finais, onde irei retomar ao argumento central e averiguar, diante de todos os pontos perpassados neste estudo, se a afirmativa feita no início desta monografia, de que os movimentos da Nova Direita como o Foro Madrid nascem pela mobilização dos sentimentos de uma parcela da população, alimentando a visão

de um inimigo em comum, onde o interesse por trás dos atores que “controlam” estes movimentos se encontram na descredibilização das instituições, na implementação de políticas de livre mercado e na prevalência dos valores tradicionais, pode ser, de fato, sustentada pelos resultados deste trabalho.

3.1. O Foro Madrid: qual a sua relevância para o estudo?

Criado como uma aliança internacional para contrapor o Foro de São Paulo e o Grupo Puebla e impedir os avanços da extrema esquerda no continente latino americano, o Foro Madrid nasceu em 2020 sob o apoio de diversos líderes e organizações políticas pertencentes à chamada Iberosfera. Dado que foi apresentado no segundo capítulo desta monografia os conceitos de direita radical e ultraradical, nativismo, autoritarismo, populismo e Internacionalismo Reacionário, utilizados para a compreensão da Nova Direita, eles serão agora retomados para que possamos entender o Foro Madrid como exemplo do fenômeno da Nova Direita.

Deste modo, os conceitos apresentados podem explicar o Foro Madrid ao se tratar de um projeto de um partido da direita populista radical espanhola que possui o intuito de impulsionar seus valores nativistas, populistas e autoritários por meio desta aliança continental entre os movimentos de direita radical dos países com raízes ibéricas. Esses países que compartilham das mesmas origens históricas fazem parte do que o líder do Vox e idealizador do Foro Madrid, Santiago Abascal, chama de Iberosfera. Importante relembrar que um discurso muito utilizado por Abascal em suas campanhas políticas é a adoção da narrativa de Reconquista de Território das regiões ocupadas por imigrantes islâmicos - resgatando o movimento militar e religioso do século XV na Península Ibérica - para alcançar o objetivo de preservar a unidade da Espanha. Nesta mesma lógica, pode-se afirmar que o partido de Abascal procura também projetar o passado da Espanha imperial quando pretende unificar a região ibérica sob os parâmetros políticos, históricos e culturais. De acordo com o analista Arsenio Cuenca:

Vox submete a história do Império Espanhol a um forte exercício de revisionismo, diluindo ou mesmo negando os aspectos mais obscuros da hispanicidade, o espaço ecuménico que abrange os territórios imperiais. Em seguida, destacando os laços históricos, econômicos e culturais que uniriam as nações do continente americano e da

Espanha, a Vox utilizou o conceito de Iberosfera para, em última análise, reunir forças de extrema-direita em ambos os lados do Atlântico (CUENCA, Arsenio, n.p., 2023, tradução própria).

Neste sentido, Santiago Abascal e o partido Vox aderem a narrativa de que o continente americano possui uma herança histórica com Espanha e Portugal, ignorando as condições sob as quais aconteceu a colonização por ambos países na região, ou seja, por meio de genocídio dos povos originários, escravidão e outras formas de violência. Portanto, o Foro Madrid atua como um elemento unificador deste espaço denominado de Iberosfera, visando juntar forças para combater agentes “comunistas” na América Latina. No mesmo contexto que explica Cuenca, vale ressaltar também o passado ditatorial que possui uma forte presença no continente. Este passado nos leva de volta a Guerra Fria e ao financiamento de ditaduras militares por parte dos Estados Unidos, sobre o objetivo de impedir o avanço comunista da União Soviética no território, a qual também possuía presença na América do Sul, ao que culminou na Crise dos Mísseis em 1962. Deste modo, também compreende-se que o temor pelo comunismo foi germinado durante os períodos ditatoriais em países como Brasil, Chile e Peru, o qual dá frutos até os dias de hoje.

Na medida em que os países ibero-americanos partilham o seu tratamento sociocultural e um passado comum, estes são reelaborados para sustentar essa construção ideológica. Desta forma, a extrema direita neo patriótica em Espanha e em alguns países ibero-americanos localiza a relação histórica da colonização num lugar de destaque na sua visão do mundo e na disputa política, através da reinterpretação do vínculo sociocultural, histórico e político estabelecido durante a colonização e em particular do passado colonial (SANAHUJA E LÓPEZ BURIAN, p. 138, 2023, tradução própria).

Por meio desta estratégia de revisionismo ideológico, é possível notar o viés populista do fenômeno do Foro Madrid e do conceito de Iberosfera. Isto porque, a partir desta forma de enxergar a região, alimenta-se o pensamento nos indivíduos de pertencimento a uma comunidade de valores conservadores e, sobretudo, históricos, onde eles são um grupo puro, que luta contra as forças da elite corrupta e maligna que deseja corromper todo esse território, produzindo ainda mais mobilizações dos movimentos de extrema direita. Desta maneira, o elemento da Iberosfera consegue diferenciar a extrema direita iberoamericana

das de outros países, como Estados Unidos e os países da Europa, como em breve será abordado na próxima seção (SANAHUJA E LÓPEZ BURIAN, 2023).

Mas não somente o populismo está presente nesta narrativa, como também o nativismo, que explica a rejeição de imigrantes islâmicos e a ideia de reconquista de um território ocupado por eles, ao mesmo tempo em que exaltam a unificação de uma outra região cujo povo possui a mesma etnia e valores culturais que o seu. Em contrapartida, pode se entender que essa homogeneidade entre os países ibero-americanos só é exaltada pela questão da colonização dos povos originários no passado, que também são vistos até os dias de hoje como “estrangeiros” em sua própria terra.

Ainda, o Foro Madrid denota um caráter autoritário ao afirmar em seu manifesto que elementos como o Estado de Direito e o império da lei são essenciais para o garantir o bom funcionamento das nossas sociedades (CARTA DE MADRID, 2020). Esta alegação pode parecer bastante razoável para um movimento que se diz democrático, entretanto, nas entrelinhas, movimentos de extrema direita como o Foro Madrid visam a garantia de punições severas para aqueles que desviam da lei, sem importar o nível da transgressão, e o controle de comportamento dentro de instituições de ensino, com iniciativas de combate a doutrinação nas salas de aula, que é como eles chamam quando educadores expõem opiniões políticas particulares durante as aulas, direta ou indiretamente, seja pela explicação de algum assunto histórico ou pela aplicação da ideologia de gênero.

Um exemplo disso é o plano de choque apresentado pelo secretário-geral da Vox e líder do partido no Parlamento da Catalunha, Ignacio Garriga, que envolve a promoção de legislação que reveja os livros ensinados nas escolas. Nas palavras de Garriga, a Vox vai “promover a retirada imediata de livros didáticos e materiais educativos que contenham qualquer tipo de doutrinação”. Ao que acrescentou: “Chegou a hora de dizer basta” (LA GACETA DE LA IBEROSFERA, 2023). Este ponto reforça o discurso populista e nativista apontado anteriormente, pois mais uma vez há a separação entre o “eu” e o “outro”: aqueles que preservam a ordem na sociedade e aqueles que corrompem os jovens e desrespeitam as leis. Neste segundo grupo estão os

apontados como defensores dos imigrantes e das populações marginalizadas da sociedade (que seriam incitadores da violência), bem como os professores, artistas e jornalistas, que são apontados como comunistas, globalistas e defensores da ideologia de gênero. Indo na mesma linha de pensamento de Marilena Chauí, o enquadramento estabelecido para o grupo dos “outros” consegue perseguir todas as formas de expressão do pensamento crítico, desenvolvendo uma teoria da conspiração comunista, sendo que a palavra “comunista” perde qualquer sentido preciso e se torna um slogan. Tudo aquilo que é “comunista” significa todo pensamento e toda ação que questiona o status quo e o senso comum.

Assim sendo, o Foro Madrid pretende unificar a região da América Latina para batalhar contra os agentes da extrema esquerda e impedir a implementação do comunismo, mas não somente isso. A Iberosfera também é uma região em que se enxerga grandes oportunidades de comércio e investimento. Logo, ainda que os atores que fundaram e apoiam o Foro Madrid se coloquem contra os agentes multilaterais e a ordem liberal internacional na intenção de combater o globalismo que a Nova Direita alega estar sendo implementado por esses agentes, o internacionalismo ainda se faz bastante importante para os interesses de atores como Santiago Abascal e o partido Vox, quando transformado em uma relação com os outros estados que alcance a maximização dos seus próprios benefícios nacionais. Deste modo, a Nova Direita amplia a sua relevância politicamente e isso contribui para as suas relações comerciais, fortalecendo políticas ultraliberais tais como a precarização dos direitos trabalhistas, a adoção de políticas de restrição do estado no mercado, as medidas de privatização, etc. Esse duplo movimento, político-ideológico e comercial, caracteriza alianças como o Foro Madrid dentro do internacionalismo reacionário.

Mas como o Foro Madrid se diferencia dos demais projetos da Nova Direita que vêm surgindo nos últimos tempos? Para melhor compreensão do Foro, o projeto de extrema direita idealizado por Steve Bannon, The Movement, também será colocado sob comparação em uma breve análise, servindo como um ponto de contraste para esclarecer como este objeto de estudo, o Foro Madrid, se situa dentro do fenômeno da Nova Direita.

3.1.1. Foro Madrid vs. The Movement

A figura de Stephen Bannon, mais conhecido como Steve Bannon, desde 2018, tornou-se bastante comum no cenário político europeu. O assessor político norte-americano que, durante o mandato de Donald Trump, trabalhou como estrategista-chefe da Casa Branca e foi o principal ideólogo de seu governo, voltou sua atenção para os movimentos de extrema direita do velho continente após deixar o seu cargo no governo dos EUA em 2017. Ele tinha como objetivo principal unir e organizar os movimentos de extrema direita da Europa para que pudessem bater de frente com a Open Society Foundations, organização não governamental que concede subvenções a um conjunto diversificado de grupos e indivíduos em mais de 100 países que trabalham de diferentes formas para promover os princípios democráticos, os direitos humanos e a justiça (OPEN SOCIETY FOUNDATIONS, n.p), fundada pelo investidor e filantropo George Soros¹². Assim como as organizações internacionais e o Foro de São Paulo, a Open Society também se encontra na lista de agentes globalistas.

Foi a partir deste desejo que Bannon fundou a “The Movement”, caracterizada por ser principalmente uma máquina de campanha criada para impulsionar a extrema direita na Europa (THE GUARDIAN, 2018). A organização sem fins lucrativos foi elaborada como uma fonte central de sondagens, aconselhamento sobre mensagens, direcionamento de dados e investigação de grupos de reflexão política para um grupo desorganizado de direitistas - isto é, grupos desarticulados politicamente - que estão a surgir por toda a Europa, em muitos casos sem estruturas políticas profissionais ou orçamentos significativos (THE DAILY BEAST, 2018). Por isso, após sua saída da Casa Branca, Bannon procurou conversar com os principais líderes da direita radical no continente, como Viktor Orbán, da Hungria, Matteo Salvini, da Itália, e representantes de Geert Wilders, da Holanda, e Marine Le Pen, da França (G1, 2020), para conseguir firmar alianças e estabelecer o seu projeto nos países europeus.

¹² George Soros é um investidor e filantropo nascido em Budapeste, na Hungria, em 1930. O bilionário tem um patrimônio estimado em US\$ 8 bilhões, mas já doou quatro vezes este valor para a sua organização não-governamental, a Open Society Foundation. Fonte: <<https://www.infomoney.com.br/perfil/george-soros/>>. Acesso em 10 dez 2023.

A partir deste panorama geral, é possível identificar algumas semelhanças superficiais entre o The Movement e o Foro Madrid: ambos são organizações criadas com o intuito de unificar os movimentos de extrema direita em um determinado continente para acumular suas forças e conseguir deter organizações “rivais” consideradas globalistas, como o Foro de São Paulo e a Open Society. A partir da criação desta rivalidade com o globalismo, é possível compreender que é enxergado uma espécie de disputa ideológica, uma guerra cultural por parte dos atores da extrema direita como Steve Bannon.

Um outro ponto intrigante é que, em ambos os casos, o agente fundador dessas alianças é um indivíduo de outro continente. No caso do The Movement na Europa, um antigo assessor do governo norte-americano, e o Foro Madrid na América Latina, um político espanhol. Mas esses movimentos podem, de fato, se equiparar em relação aos seus contextos? Qual a diferença entre o modo como os atores de extrema direita europeia enxergam o The Movement e o modo como os atores de extrema direita latinoamericanos enxergam o Foro Madrid?

Aqui, o principal ponto de contraste entre os dois movimentos se dá pela forma como ambos são percebidos pelo seu público alvo. Como já apresentado neste trabalho, o Foro Madrid foi amplamente reconhecido por uma extensa lista de partidos, líderes, organizações e apoiadores latino-americanos, inclusive acontecendo encontros regionais anuais nos últimos dois anos, ambos de grande sucesso, que contaram com a presença de grandes figuras dos movimentos de extrema direita latino-americanos.

Em contrapartida, apesar das boas relações e das tentativas de negociar com políticos da direita populista radical europeia, os partidos que de fato aderiram ao The Movement foram muito poucos e, mesmo assim, não conquistaram a simpatia de seus eleitores. De acordo com Paul Lewis, jornalista do The Guardian que acompanhou Bannon durante sua jornada pela Europa para adquirir partidos para sua causa, o principal problema que ele enfrenta nesta missão é a questão da sua nacionalidade: Bannon é um cidadão estadunidense. Durante sua investigação, Lewis constatou que os políticos europeus não confiam nele, não acreditam que ele entenda de política europeia e, principalmente, tem receio de aceitar a ajuda de alguém “de fora” de seu país. Afinal, a principal característica desses partidos é o viés nacionalista, e portanto

receber a ajuda de um estrangeiro não seria bem recebida (THE GUARDIAN, 2022). Este fato é curioso porque, mesmo que as aparências físicas dos estadunidenses se assemelham aos europeus, o forte nativismo europeu ainda se faz presente. Isto posto, surge o questionamento do porquê haver esta diferença de aderência aos dois movimentos, haja visto as semelhanças apresentadas entre ambos e o público que querem conquistar.

Historicamente, o continente europeu se identifica como o centro do mundo, em decorrência de sua presença via colonização ao redor do globo, o que a estabeleceu como a principal hegemonia durante vários séculos, até o fim da Primeira Guerra Mundial, quando este cenário começou a declinar. Todavia, o seu perfil nacionalista e autocentrado perdura até os dias atuais, principalmente dentro dos partidos da extrema direita. Nesse sentido, a imagem de Bannon dentro do contexto político europeu representa não somente a figura de um *outsider*, alguém não nativo interferindo nos assuntos nacionais, como também simboliza a influência que os Estados Unidos adquiriu sobre todos os países após as duas Grandes Guerras e a sua consolidação como potência mundial, o que desencadeou em muito europeus o sentimento de antiamericanismo.

Como afirma o professor de estudos europeus Alexander Clarkson, do King's College London (apud BBC, 2018, tradução própria), Bannon parecia não perceber que a maioria dos partidos populistas eram profundamente anti-americanos: “Se eles abraçarem Trump, então todo esse antiamericanismo abaixo da superfície se voltará contra eles, especialmente na França”, disse ele. “É por isso que muitos desses partidos estão cientes de que “ir para a cama” com Bannon é inerentemente arriscado”. Esta afirmação se comprova pela fala de Jérôme Rivière, membro do partido *Rassemblement National*, o mesmo que Marine Le Pen: “Bannon é americano e não tem lugar num partido político europeu” (POLITICO, 2018).

Em contrapartida, a recepção do Foro Madrid na América Latina também advém de uma questão histórica, levando em conta o passado colonial que envolve a região com os países ibéricos, abarcando também as heranças linguísticas, religiosas e culturais, mas não só isso. O maior diferencial do Foro Madrid em relação ao The Movement tem a ver com os interesses dos partidos de extrema direita latino-americanos em se sentirem pertencentes do Ocidente,

como uma extensão da Espanha e Portugal, e ganhando essa zona de influência tanto nos dois países europeus, quanto no próprio continente latino-americano.

Por esta razão, o Foro Madrid consegue se destacar dos demais movimentos transnacionais de extrema direita, dado que seus idealizadores conseguem criar laços de identificação com os demais movimentos da América Latina, e aproveitam-se desta ligação para construir uma narrativa de pertencimento a um novo bloco político, cultural e econômico, onde todos partilham dos mesmos ideais e de um inimigo em comum: a ameaça comunista. Num contexto como o Foro Madrid a qual o meio de identificação entre os atores se dá pela colonização, é interessante ressaltar que a obsessão contra o comunismo também se deu por estratégias imperialistas impostas pelos Estados Unidos no continente, durante a época da Guerra Fria. De tal modo, não surpreende a forma como a narrativa de um mal a ser combatido ilustrado na forma do comunismo seja tão fortemente aceita e espalhada nesses territórios.

3.2. Como a Nova Direita atua na prática

Na última seção desta monografia, será apresentada uma breve análise de discurso envolvendo as falas e posicionamentos dos líderes dos partidos de extrema direita aqui percorridos. O objetivo deste último ponto é evidenciar os termos e os seus significados que são comumente utilizados por estes atores da Nova Direita, e como eles atuam na prática, se mostrando para fora de sua bolha de apoiadores e participantes desses movimentos. Desta forma, o primeiro passo é explicar o que de fato define uma análise de discurso: ela é um campo linguístico interdisciplinar, utilizado para examinar as ideologias que dão molde a maneira como nos comunicamos em várias instâncias. A análise do discurso faz o intermédio na relação entre língua, história e sujeito, considerando o discurso não como uma produção individual, e sim como algo que atravessa o enunciador (GONÇALVES, Gustavo, n.p., 2021).

Michel Pêcheux, um dos maiores nomes fundadores da linha de pensamento conhecida como Análise de Discurso, considera a linguagem como um sistema capaz de ambiguidade e define a discursividade como a inserção dos efeitos materiais da língua da história, incluindo a análise do imaginário na relação dos sujeitos com a linguagem (ORLANDI, Eni, p. 11, 2005). Ou seja, a

linguagem está sujeita a inúmeras interpretações que vão ser moldadas com base no contexto histórico em que ela é produzida e da forma como os sujeitos a entendem, de modo que a linguagem está sempre ligada com a sua exterioridade. Como explica Eni Orlandi, doutora em Linguística pela USP e responsável pelo estabelecimento e consolidação da Análise de Discurso no Brasil:

Dando um novo suporte teórico para a ideologia, seu método é baseado na análise de formas materiais. Pêcheux não separa categoricamente estrutura e acontecimento, relacionando a linguagem a sua exterioridade, ou seja, o interdiscurso. Ele define este como memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente (ORLANDI, Eni. p. 11, 2005).

Assim sendo, partirei agora para a definição dos parâmetros a partir dos quais irei analisar as falas dos líderes da extrema direita, sendo eles Santiago Abascal, André Ventura, Rafael López Aliaga, José Antônio Kast e Jair Bolsonaro. Os parâmetros que aqui serão utilizados foram postos pela escritora, linguista e professora emérita ilustre da Lancaster University, Ruth Wodak, uma das pioneiras da Abordagem Histórica do Discurso e da Análise Crítica do Discurso, de acordo com o que a mesma expôs em sua obra “Politics of fear: The Shameless Normalization of Far-Right Discourse” (2021).

Por “shameless normalization” ou, na tradução livre, “normalização descarada”, Wodak pretende destacar a mudança dos partidos populistas para partidos de extrema direita, e também para enfatizar a micro-análise do discurso de extrema direita através do rastreamento de “pequenas e graduais transformações e recontextualizações” de cada instância de texto e fala e destacando a interdependência dialética “entre discurso e sociedade, mídia, comunicação, políticas e sua implementação” (WODAK, 2021 apud WAUGH, Linda e CATALANO, Theresa, 2021). De tal modo, Wodak enfatiza a forma como faz parte do novo discurso de políticos da direita populista radical uma linguagem carregada de falas sexistas, racistas, homofóbicas e antissemitas, onde tudo isso se tornou normal e esses políticos nem mesmo precisam se desculpar depois.

3.2.1. Santiago Abascal

Isto posto, o primeiro líder da extrema direita a ser colocado em perspectiva será Santiago Abascal, cujas falas já foram apresentadas nesta monografia. Desta vez, o foco será para discursos feitos para audiências que vão além da sua base de apoio, como o discurso do líder do Vox na Câmara dos Deputados durante o debate de posse de seu rival Pedro Sánchez como Presidente do Governo no ano de 2020. Na ocasião, Abascal abriu sua fala condenando um crime cometido por um homem que matou sua mulher e sua filha, e aproveitou para enfatizar um projeto de lei de prisão perpétua para criminosos deste tipo, ao que em seguida ele afirma:

...)E digo isto porque, senhoras e senhores, na Vox estamos preocupados com todas as vítimas, independentemente da sua idade, da sua condição, do seu sexo e do autor dos crimes. Sim, senhoras e senhores deputados, embora possa surpreender alguns de vocês, talvez não o compreendam, **estamos preocupados com todas as vítimas**. No entanto, para outros, as vítimas só importam quando o perpetrador é do **sexo masculino e espanhol** (ABASCAL, Santiago. n.p., 2020, tradução própria).

Diante desta passagem, é possível observar alguns pontos. Primeiramente, ao afirmar que a Vox se preocupa com todas as vítimas de violência, independente de classe, sexo ou de quem praticou o crime, a intenção é formar a fírgura de seu oponente contra o povo espanhol, ao deixar explícito que, para a oposição, o crime só importa quando é feito por um homem espanhol. Esta acusação, carregada de exagero, pretende atingir aos discursos de inclusão que tanto o partido Podemos, quanto o PSOE, partido de seu rival Pedro Sanchez, promovem. A partir disso, é possível identificar o que Wodak (2022) chama de abordagem histórica do discurso, em que concentra-se nas maneiras pelas quais a dependência de poder significa meios simbióticos, em que esses meios são usados para construir representações positivas do “eu” e representações negativas do “outro”. Neste caso, fica evidente que Abascal constrói para si uma imagem de homem justo, preocupado com toda nação, enquanto também aponta Sanchez como “outro”, aquele que está contra o próprio povo.

Logo em seguida, Abascal seguiu apontando a violência instaurada no país, desta vez sendo mais direto e direcionando a culpa para a população estrangeira da Espanha, acompanhado do que Ruth Wodak chama de

“victim-perpetrador reversal”, ou reversão vítima-agressor. Esta estratégia caracteriza-se pelo indivíduo incitar a provocação e logo então se colocar como vítima da situação, de que ocorre uma conspiração contra tal indivíduo, como se observa: “Senhores deputados e principalmente senhoras deputadas, em 20 horas de debates não houve um único segundo funcionário nesta Câmara para denunciar a praga dos estupros coletivos que foram cometidos nos primeiros dias deste ano e **cometidos principalmente por estrangeiros**. Se continuarem a esconder, senhoras e senhores, não vamos resolver, **se eles estão apenas ocupados em demonizar o Vox**, não vamos resolver.” (ABASCAL, Santiago, n.p., 2020, tradução própria).

Ainda, no decorrer de sua fala, o líder do Vox aproveita para desferir mais um ataque ao presidente do Governo Pedro Sanchez, alimentando ainda mais a visão do “outro”, a elite corrupta: “Voltemos ao casamento entre **mentira e traição** que o governo de Pedro Sánchez irá gerar e fazer nascer hoje. Senhoras e senhores, o **criminoso condenado**, a torre rebelde, não foi demitido, nem preso”. Em outro ponto, Abascal parte para as teorias conspiratórias, as acusações de comunismo: “Um governo integrado e co-presidido de fato por **comunistas** com laços estreitos com ditaduras, com figuras narcoterroristas e com teocracias” (ABASCAL, Santiago, 2020, tradução própria). Ao fazer isso, Abascal aponta o que Wodak denomina de bode expiatório, um líder ditador, também pertencendo à estratégia da construção de um inimigo em comum.

Da mesma forma, em uma outra fala sua mais recente, em novembro de 2023, também na Câmara dos Deputados, Abascal seguiu fazendo acusações ao presidente do governo espanhol, em relação ao acordo do governo com o partido separatista catalão Junts que aprova a lei de anistia aos condenados pela tentativa de separação da Catalunha do território da Espanha em 2017. Em troca desta concessão, o partido separatista daria seu apoio a Sanchez na câmara (AGÊNCIA BRASIL, 2023). Por isso, Abascal fez uso de termos já conhecidos no vocabulário da direita populista radical, que expressam ordem e contribuem para a inflamação de seus apoiadores: “Eu, juntamente com milhões de espanhóis, acusamos o Sr. Pedro Sánchez de tentar subverter a **ordem constitucional** e de preparar um golpe em conluio com minorias separatistas. Um **golpe de Estado**, não é retórica, senhoras e senhores deputados. **Não é**

uma inflamação verbal, é o caminho que o partido socialista tomou ao assinar um pacto infame com um fugitivo da justiça. Insisto que não é retórica.” Nesta mesma linha de raciocínio, Abascal ainda comparou Sánchez com ditadores, sendo um deles até mesmo Adolf Hitler: “É claro que, embora este golpe esteja disfarçado com a roupagem da legalidade, eles também não inventam nada de novo. Da mesma forma, com aparências de legalidade, chegaram ao poder personagens nefastos como **Hugo Chávez, Maduro ou Hitler**, é a história.”

A partir deste panorama, nota-se a forma como Abascal consegue formular o ódio em seus apoiadores por meio de suas palavras, fazendo uso de termos radicais para se dirigirem aos seus opositores dentro de um ambiente formal, onde a maior parte do público não faz parte de seu grupo político, ao mesmo tempo em que se apropriam de palavras que exprimem ordem e legitimidade.

3.2.2. André Ventura

O deputado português e candidato à presidência em 2021, André Ventura, não difere muito do exemplo espanhol. Durante o debate presidencial televisionado, suas provocações contra o atual presidente e também candidato na época Marcelo Rebelo de Sousa, de centro-direita e membro do Partido Social Democrata, foram carregadas de termos fortes e depreciativos, e que não são comumente usados em ocasiões formais como debates presidenciais. O deputado Ventura ainda usou de um recurso visual, segurando uma fotografia de seu adversário com moradores do bairro da Jamaica, região marginalizada do município de Seixal, como pode ser observado na imagem abaixo:

Imagem 7: Ventura apresenta imagem de seu adversário com moradores do bairro da Jamaica



Em conjunto com a fotografia, Ventura argumentou: “Nesta fotografia, o candidato Marcelo Rebelo de Sousa juntou-se com **bandidos**, um deles é um bandido verdadeiramente, que tinham atacado uma esquadra policial e quando o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa foi ao Bairro da Jamaica foi visitar os **bandidos**, não foi visitar as polícias” (VENTURA, André, 2021). Diante desta afirmação, o deputado chama, indiscriminadamente, os indivíduos que estão ao lado do candidato adversário de bandidos. Importante ressaltar que, posteriormente ao debate, a família injuriada na imagem entrou com uma ação judicial contra Ventura por ofensas ao direito à imagem e a honra, a qual a mesma ganhou (BRAZ, Ana C. e SIMÕES MARQUES, Isabelle, 2023).

Ventura continua: “**Eu represento a direita**, não a direita que está de mãos dadas com o **Partido Socialista**, mas a direita que **nunca vai deixar os polícias, as forças de segurança estarem sozinhas**. E esta fotografia não engana porque esta fotografia que está aqui [...] não foi tirada depois na esquadra de polícias, foi tirada só, entre aspas, e vão-me desculpar a linguagem, **à bandidagem**. [...] **Eu não tenho medo de ser politicamente incorreto, de lhes chamar os nomes que têm de ser chamados e de dizer o que tem de ser dito**” (VENTURA, André, 2021). Além da postura claramente autoritária de suas falas, André Ventura faz uso da escandalização e provocação, a qual Wodak (2022) insere na estratégia de “normalização escancarada” e que, a escritora sustenta, viola todas as normas da educação, todo tipo de tabu, palavras que não devem ser ditas em público e muito menos em programas de televisão, mas atores como Ventura o fazem, e não há reprovação, muito pelo contrário. Muitos desses políticos conseguiram seu sucesso justamente porque utilizam deste tipo de linguagem, porque seus apoiadores os vêem como autênticos, sentindo que seus líderes falavam *para* eles e não *acima* deles, pois dizem o que eles também pensam e falam como eles também falam.

Ventura, portanto, segue a mesma linha de discurso exposta por Santiago Abascal, indo até um pouco além, uma vez que generaliza em rede nacional um grupo de moradores de uma região marginalizada e faz uso de adjetivos ainda mais esdrúxulos para uma grande audiência, apelando até o último grau das estratégias postuladas por Wodak (2022).

3.2.3. Rafael López Aliaga

No Peru, o atual prefeito de Lima e candidato à presidência em 2021, Rafael López Aliaga, segue nos mesmos padrões. Durante sua campanha eleitoral, o candidato concedeu uma série de entrevistas em rede nacional nas quais não poupou de se mostrar um político bastante extremista. Em um dos programas que participou, “Beto a Saber” em dezembro de 2020, quando perguntado se não havia recebido nenhuma “mancha” como Keiko Fujimori recebeu¹³, no sentido de ter algo contra sua imagem, Lopez Aliaga (2020 apud WILLAX, 2020) diz que não, mas afirma: “Bom, mas somos anti [] **contra o sistema**, ser contra o sistema implica um risco grande, certo?”. A partir desta sentença, Aliaga se coloca como o *outsider*, aquele que não está inserido no *status quo*, e continua:

Aliaga: É uma produção de pesquisas que são processadas por uma imprensa totalmente dependente dos impostos que você e eu pagamos, processa a pesquisa, cria uma opinião com algo, que seria ilegal nos Estados Unidos ou no Canadá ou na Europa (...)

Beto (entrevistador): Isso domina [] somos marginais em relação à imprensa que você está descrevendo.

Aliaga: Sim, eu sei, mas 90% da imprensa que as pessoas veem, não []. (...) Você vê manchetes provenientes de pesquisas muito discutíveis como a de Ipsos ou outros e eu sou o único candidato que pode lhe dizer claramente essa verdade. Outros não falam mais sobre isso, mas eu sou frontal, como fui frontal toda a minha vida e vou contar o que penso (WILLAX, n.p., 2020, tradução própria).

Neste trecho da entrevista, o candidato descreve o que seria a imprensa inserida no sistema a qual o mesmo se refere, como ela funciona e como ela age com aqueles indivíduos que não estariam inseridos neste mesmo sistema. Para López Aliaga, a imprensa manipula resultados de pesquisa de intenção de voto, para que interfira na opinião do povo, portanto, esses centros de pesquisa contratados pela imprensa o colocam em último nas pesquisas, já que ele estaria lutando contra esse grande sistema.

Em outro momento da entrevista, Aliaga sustenta que sabe que a sua porcentagem de intenção de votos é maior do que a mídia divulga, porque faz

¹³ A líder do partido opositor Força Popular, Keiko Fujimori, chegou a ser detida a pedido da Promotoria de Lavagem de Ativos do Peru como parte de uma investigação por suposto manejo irregular de recursos na campanha presidencial da agremiação em 2011. Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/10/internacional/1539186236_528387.html>. Acesso em 11 dez 2023.

campanha em todo o país, e questiona ao entrevistador: “mas você não sabe o que é a onda celestial? (...) Sim, estou em campanha Beto, estou []”, ao que o entrevistador pergunta: “E por que é Celeste?”, e Aliaga responde: “Porque é pró-vida, é a favor da vida, do nascimento, não da morte. Verde, no mundo, é pró-aborto – **duas correntes ideológicas que se enfrentam na terra**, e o Peru também tem; **excelência da vida, o verde da morte**”. Dessa passagem, é possível notar que Aliaga divide o mundo em dois tipos de indivíduos, aqueles que estão a favor da morte, ou seja, pró aborto, e aqueles que estão a favor da vida, pró nascimento, o que expõe mais um caráter populista de dividir a população entre o “bem” e o “mal”.

Em outra entrevista, concedida ao programa “Hackeando la Política” em janeiro de 2021, Aliaga falava sobre a pandemia da Covid-19, quando disse a respeito da teoria conspiratória da nova ordem mundial, em um contexto onde o vírus seria pretexto para um possível adiamento das eleições peruanas: “Para criar a... a **nova ordem marxista, ou a nova [ordem] mundial**, toda a **economia também tem de ser destruída**, reduzida a cinzas e depois construído o paraíso socialista. Essa é a filosofia literal que está sendo forçada goela abaixo aqui, **mas está incentivando esse vírus a se espalhar com a entrega de bônus**, para as pessoas fazerem fila e se infectar, irem ao mercado e se infectar, então você está configurando as condições para que haja um adiamento das eleições” (LOPEZ ALIAGA, 2021 apud UCI, 2021).

Ruth Wodak (2022) sustenta que teorias da conspiração como esta que Aliaga expõe sempre estiveram circulando pelos grupos de extrema direita, mas após a pandemia da Covid-19, elas foram instrumentalizadas através do medo das pessoas, uma vez que a incerteza faz com que os indivíduos se tornem suscetíveis a narrativas simplistas. Durante a pandemia, muitas pessoas perderam seus empregos e seu dinheiro, passando por um momento muito delicado de instabilidade somado pela dúvida de não saber quando a pandemia teria o fim. Por isso, essas pseudo-justificativas do porquê tudo aquilo estava acontecendo funcionava tão bem, pois teorias da conspiração são narrativas com um enredo muito simples. Este discurso simplista, portanto, tem como alvo um público que desejava ignorar os acontecimentos da pandemia, para que se sentissem em paz consigo mesmos, alimentando o perfil negacionista de uma parcela da população.

3.2.4. José Antonio Kast

O líder do Partido Republicano no Chile e ex-candidato à presidência, José Antonio Kast, por outro lado, se mostra um político mais “polido” do que os demais atores desta lista ao se comunicar em meios de fora de sua bolha, ainda que tenha os mesmos posicionamentos e estratégias de retórica similares a Abascal, Ventura, Aliaga e Bolsonaro. Apesar do tom neutro em muitos de seus discursos, Kast não deixa de expressar a ordem e nem de usar termos não moderados ao se referir aos seus oponentes. Durante seu discurso de vitória nas eleições do ano de 2023 para o Conselho Constituinte, na qual o seu partido levou a maioria das cadeiras, Kast foi bastante conciso em toda sua fala, mas algumas passagens merecem destaque, como por exemplo, esses dois momentos onde se mostrou mais drástico com seus opositores:

“E hoje, ao contrário do que aconteceu há dois anos, quando tivemos uma participação muito baixa nas eleições, quando saímos de um mau governo, quando aquela **esquerda radical** avançou e ameaçou restabelecer tudo, podemos respirar um pouco mais tranquilos, um pouco mais aliviados e dizemos com responsabilidade e esperança que hoje é o primeiro dia de um futuro melhor para o nosso país. É o primeiro dia de um novo começo para o Chile. Hoje, como repetimos incansavelmente nas campanhas em que estivemos todos com os nossos candidatos, começaremos a reconstruir e a recuperar o nosso querido país. **E hoje também o Chile, não só nós, o Chile derrotou um governo fracassado**” (KAST, José Antonio, 2023 apud CNN CHILE, n.p., 2023)

Ainda, uma outra parte do discurso chamou atenção: “(...) Devemos-lhes este triunfo (aos chilenos) e a nossa responsabilidade pelo que está por vir também os acompanha. E o que triunfou hoje? As **ideias do bom senso** triunfaram, foi isso que triunfou esta noite, **o bom senso**. As convicções que representam milhões de chilenos que desejam que nosso país progrida na **ordem, na paz e na liberdade** que almejamos” (KAST, 2023 apud CNN CHILE, 2023).

Diante das palavras destacadas, é possível compreender outros significados diferentes daqueles que são intrínsecos ao contexto em que são colocados. Por “bom senso”, muitos podem entender a maneira sensata de agir, se utilizando de prudência e razoabilidade, no entanto, para grande parte da audiência de Kast, pode se referir a forma como seu partido lidará com pautas consideradas por eles como verdadeiros ataques aos valores conservadores e as

políticas migratórias, por exemplo. O mesmo raciocínio pode ser aplicado às outras três palavras destacadas. Por “ordem” e “paz”, Kast pode estar se referindo a medidas autoritárias, e por “liberdade”, aos discursos “politicamente incorretos” que muitas vezes são caracterizados por racismo, sexismo e homofobia.

Sobre este tipo de estratégia, Wodak (2022) argumenta que se trata de uma ambivalência calculada, a habilidade de que todos os políticos deveriam ter, de se dirigir a vários públicos se utilizando de algum argumento, palavra ou slogans em que alguns podem entender exatamente o que o político quer dizer, outros podem entender algo completamente diferente, e outros podem simplesmente não entender de forma alguma. Porém, desta maneira, o político consegue satisfazer públicos muito diferentes, se comunicando com todo tipo de audiência, até mesmo as mais contraditórias.

3.2.5. Jair Bolsonaro

Por fim, o ex-presidente Jair Bolsonaro, o único dessa lista a ocupar o cargo presidencial, pode ser considerado também o político mais polêmico dentre os quatro aqui citados. Por isso, Bolsonaro possui um extenso histórico de discursos oficiais que mereceriam toda atenção nesta análise. No entanto, para que não me prolongue muito, foram separados três discursos realizados pelo então presidente, em que foram destacadas as partes que mais chamam atenção diante dos parâmetros que aqui estão sendo analisados.

Logo, o primeiro discurso a ser analisado se trata de um pronunciamento oficial em celebração ao Natal, dado em rede nacional no ano de 2019, quando seu governo estava prestes a completar um ano de duração. Ao lado do então presidente, sua esposa Michelle Bolsonaro também fez parte da mensagem, utilizando uma camisa estampada com o nome “Jesus” no meio. Antes de mais nada, este pequeno recurso visual já demonstrava aos seus espectadores a importância da religião cristã e seus princípios para o governo, como mostra a imagem abaixo:

Imagem 8 : Bolsonaro e sua esposa em pronunciamento oficial



Fonte: CanalGov (2019)

Ao longo de sua fala, houveram agradecimentos ao povo, aos seus ministros, servidores e empresários pelo ano que havia passado, além de listar algumas conquistas que, segundo Bolsonaro, seu governo havia alcançado. No entanto, também não faltaram passagens onde o presidente salientou que os governos anteriores haviam promovido a imoralidade e desonestidade, como se observa: “Sabia que não seria fácil assumir o Brasil **com a profunda crise ética, moral e econômica**. Agradeço aos meus ministros, servidores e empresários, pela confiança no crescimento do país e ao povo brasileiro pela compreensão e orações que nos levaram a várias realizações.” (BOLSONARO, Jair, 2019 apud CANALGOV, 2019).

A partir deste tipo de retórica, como já vimos, o político contribui na sua construção de líder salvador, aquele que chegou para livrar o povo puro das garras da elite corrupta e imoral, como também é possível notar na sentença seguinte: “O governo mudou. **Hoje temos um presidente que valoriza a família, respeita a vontade do seu povo, honra seus militares e acredita em Deus.**” (BOLSONARO, Jair, 2019 apud CANALGOV, 2019). Além da exaltação de sua própria imagem e da construção de um inimigo, o que neste caso se volta para os presidentes anteriores - e especificamente, aos ex-presidentes Lula e a Dilma, do Partido dos Trabalhadores (PT) - Bolsonaro aproveita para enaltecer a Deus mais uma vez, e também aos militares, evidenciando o seu viés autoritário e, por vezes, antidemocrático.

Para concluir, o presidente finaliza com a seguinte fala: “Estamos

terminando 2019 **sem qualquer denúncia de corrupção, o mundo voltou a confiar no Brasil. O viés ideológico deixou de existir em nossas relações comerciais.**” Sobre esta afirmação, é importante ressaltar alguns pontos. Em primeiro lugar, como ficou caracterizado ao longo de todo o seu mandato, Bolsonaro tende a espalhar mentiras com muita facilidade. Neste discurso, não foi diferente. Isso porque, ao sustentar que seu governo finalizou o ano de 2019 sem denúncias de corrupção, ele ignora um caso de outubro do mesmo ano quando seu ministro do turismo, Marcelo Álvaro Antônio, foi indiciado pela Polícia Federal, no inquérito de uma investigação sobre suposto desvio de recursos por meio de candidaturas femininas laranja nas eleições 2018, onde a PF imputou ao ministro os crimes de falsidade ideológica, associação criminosa e apropriação indébita (CARTA CAPITAL, 2022).

Em segundo lugar, o argumento de que o mundo “havia voltado a confiar no Brasil” também não se mostrou verdadeiro. Muito pelo contrário, se alguma coisa havia mudado na política externa brasileira, com certeza, não foi no aumento da confiança, em vista do descaso com as políticas ambientais e proteção da Amazônia logo no primeiro ano de governo, bem como seus posicionamentos polêmicos em relação a grandes parceiros comerciais do Brasil, como a China, por exemplo. Em relação a última frase que fecha o seu discurso, mais uma vez Bolsonaro se refere aos governos anteriores e a sua política externa, deixando implícito que os parceiros comerciais teriam alguma relação com as suas respectivas ideologias, alimentando mais uma vez a narrativa do inimigo em comum para os seus eleitores, o que também denota uma estratégia de ambivalência calculada.

Partindo para o segundo discurso de Jair Bolsonaro, desta vez se trata de um pronunciamento feito em homenagem ao Dia da Independência do Brasil, realizado no ano de 2020 (CNN BRASIL, 2020). O presidente inicia o discurso fazendo um pequeno apanhado das vitórias do Brasil desde o dia da proclamação de sua independência. Em sua fala, é possível perceber alguns indícios de revisionismo ideológico, isto é, ignorando alguns fatos históricos que aconteceram, e enxergando-os por uma lente que favorece as suas crenças. Por exemplo, a forma como Bolsonaro em seu discurso exalta a miscigenação do Brasil, deixando de lado o passado colonizado, escravocrata e violento que a caracteriza, além da constante luta da população preta diante de uma sociedade

racista: “Naquele histórico Sete de Setembro de 1822, às margens do Ipiranga, o Brasil dizia ao mundo que nunca mais aceitaria ser submisso a qualquer outra nação, e que os brasileiros jamais abririam mão da sua liberdade. **A identidade nacional começou a ser desenhada com a miscigenação entre índios, brancos e negros (...)** O Brasil desenvolveu o **senso de tolerância, os diferentes tornavam-se iguais.** (BOLSONARO, Jair, 2020 apud CNN BRASIL, 2020).

Nesta mesma lógica, Bolsonaro (2020 apud CNN BRASIL, 2020) também exaltou a Marcha da Família com Deus Pela Liberdade, as manifestações que apoiaram o golpe de estado no governo brasileiro realizado pelos militares em 1964, fazendo uso de termos que significam o verdadeiro oposto do que de fato aconteceu, além de utilizar também o discurso de que havia uma constante ameaça comunista à espreita: “Nos anos 60, quando a **sombra do comunismo** nos ameaçou, milhões de brasileiros identificados com os anseios nacionais de **preservação das instituições democráticas foram às ruas** contra um país tomado pela radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada”. Sobre estes aspectos, Wodak (2022) explica que há uma dimensão da direita populista radical que faz este exercício, em que acontece uma espécie de reescrita do passado, onde essas pessoas as quais os atores da extrema direita se vêm, na verdade foram vítimas ou os heróis de algum tipo de circunstância.

Por fim, um outro aspecto que se mostrou constante neste discurso foi a glorificação a pátria e ao povo brasileiro, evidenciando seu caráter nacionalista, além do uso de palavras como “liberdade”, “constituição”, “democracia” e “soberania”, que visam transmitir a aparência de um líder moderado, democrático e que respeita as instituições, como mostra o exemplo:

O sangue dos brasileiros sempre foi derramado por liberdade. Vencemos ontem, estamos vencendo hoje e venceremos sempre. No momento em que celebramos esta data tão especial, reitero como presidente da República, meu amor à Pátria e meu compromisso com a constituição e com a preservação da soberania, democracia e liberdade, os valores dos quais nosso país jamais abrirá mão. A independência do Brasil merece ser comemorada hoje nos nossos lares e em nossos corações. A independência nos deu a liberdade para decidir nossos destinos e a usamos para escolher a democracia. Formamos um povo que acredita poder fazer melhor. Somos uma nação temente a Deus, que respeita a família e que ama a sua Pátria. Orgulho de ser brasileiro (BOLSONARO, Jair, 2020 apud CNN BRASIL, 2020).

O terceiro e último discurso de Jair Bolsonaro se trata do discurso da 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), realizada no ano de 2020 no formato remoto, em decorrência da pandemia da Covid-19 (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Como tradição, o discurso do presidente do Brasil abriu a Assembleia e, diante do que estava acontecendo no mundo, o tema da pandemia foi um dos principais focos do presidente.

Portanto, logo no início, ele diz: “A covid-19 ganhou o centro de todas as atenções ao longo deste ano e, em primeiro lugar, quero lamentar cada morte ocorrida. Desde o princípio, alertei, em meu país, que tínhamos dois problemas para resolver: o vírus e o desemprego, e que ambos deveriam ser tratados simultaneamente e com a mesma responsabilidade.” Neste primeiro momento, sua fala aparentou ser razoável e moderada, mas não demorou muito até que Bolsonaro começasse a desferir ataques à imprensa e a introduzir seu discurso negacionista e irresponsável, uma característica comum entre todos os atores aqui citados: “Como aconteceu em grande parte do mundo, **uma parcela da imprensa brasileira também politizou o vírus, disseminando o pânico entre a população**. Sob o lema “fique em casa” e “a economia a gente vê depois”, **quase trouxeram o caos social ao país**” (BOLSONARO, Jair, 2020 apud AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Ademais, dentre a lista de medidas econômicas do governo que Bolsonaro cita, um de seus itens é o estímulo a um suposto tratamento precoce da Covid-19, esse que não existe por não apresentar qualquer comprovação científica até os dias atuais - mas o discurso do presidente contribuiu para a desinformação e desencorajamento das medidas sanitárias de prevenção em grande parte da população brasileira. Isso porque, para atores como Bolsonaro, a verdade se torna um fator secundário, e faz uso da manipulação de informação para criar narrativas que lhe convêm. Por meio dessas duas narrativas, Bolsonaro se utiliza de uma das estratégias que Wodak (2022) aponta, que é a forma como ele minimiza as consequências causadas pelo vírus e trata o alerta da mídia e dos órgãos de saúde como a OMS como vozes que “politizam” a doença, em contraste com a sua receita fácil de proteção contra o contágio do vírus, que seria o tratamento precoce com hidroxicloroquina e ivermectina.

Em outro momento de seu discurso, Bolsonaro também relativiza a

situação do desmatamento na Amazônia e no Pantanal, quando diz: “**Nossa floresta é úmida e não permite a propagação do fogo em seu interior**. Os incêndios acontecem praticamente nos mesmos lugares, no entorno leste da floresta, onde o caboclo e o índio queimam seus roçados em busca de sua sobrevivência, em áreas já desmatadas”. Sobre esta fala, é possível afirmar que ela é completamente falsa. De acordo com o ambientalista Antonio Oviedo, assessor do Instituto Socioambiental (ISA) ao portal de notícias G1 (2020), a floresta permanece úmida em algumas regiões, mas o avanço do desmatamento e a abertura de estradas levaram à perda de parte de suas características originais, e, assim, a Amazônia se tornou mais suscetível a grandes incêndios.

Já sobre o Pantanal, Bolsonaro afirmou: “As grandes queimadas [no Pantanal] são **consequências inevitáveis da alta temperatura local, somada ao acúmulo de massa orgânica em decomposição**”. Esta também, se trata de uma informação falsa. Como explica Alexandre Martins Pereira, analista ambiental do Prevfogo-Ibama ao G1 (2020), embora a alta temperatura e a baixa umidade relativa do ar agravem as queimadas e dificultem o combate às chamas no Pantanal, não é verdade que incêndios devastadores como os deste ano sejam inevitáveis ou provocados por fatores naturais. De acordo com o pesquisador, a única causa natural para os incêndios florestais são as descargas elétricas atmosféricas - ou seja, os raios. Aqui também é possível notar um caráter negacionista no seu discurso, fazendo uso de falsas informações e de explicações simplistas para mobilizar o sentimento de uma população que deseja ignorar e livrar sua culpa de problemáticas como as questões dos problemas ambientais.

Enfim, como de costume, o presidente finalizou seu discurso mais uma vez exaltando a liberdade e afirmando seu compromisso com a democracia: “Na América Latina, continuamos trabalhando pela preservação e **promoção da ordem democrática** como base de sustentação indispensável para o progresso econômico que desejamos. **A liberdade é o bem maior da humanidade**”. O uso deste tipo de vocabulário denota um exemplo claro da apropriação de termos que legitimam o seu discurso negacionista, autoritário e radical.

Em vista disso, Bolsonaro, assim como todos os outros quatro líderes aqui abordados, conseguem mobilizar sentimentos, construir seus opositores como grandes personificações de um inimigo maior, espalhar “verdades”

criadas para o seu benefício próprio a fim de encaixá-las em seus discursos negacionistas e simplistas, além de contribuir para a criação de uma grande bolha de pertencimento para indivíduos que se sentem ressentidos e rejeitados com as transformações sociais e econômicas que atravessaram o século até agora. A retórica dos cinco líderes se faz potente e possui uma enorme capacidade de conquistar seguidores e fomentar mobilizações sociais, o que evidencia a importância do entendimento de como tais discursos são instrumentalizados, para que possam ser combatidos.

Conclusão

A partir da análise exposta, foi visto que o tema da Nova Direita na América Latina é composto por diversas camadas que são bastante complexas de serem desvendadas, como por exemplo, o passado colonial do território, o seu histórico de ditaduras militares, a questão das crises políticas e econômicas que assolaram os países, e assim por diante. O argumento central que direcionou este trabalho é que os movimentos da Nova Direita como o Foro Madrid nascem pela mobilização dos sentimentos de uma parcela da população, alimentando a visão de um inimigo em comum, onde o interesse por trás dos atores que “controlam” estes movimentos se encontram na descredibilização das instituições, na implementação de políticas de livre mercado e na prevalência dos valores tradicionais. Posto isso, algumas considerações podem ser feitas para concluir o argumento que foi apresentado ainda no início da monografia.

Primeiramente, do que se trata a Nova Direita, afinal? Ao averiguar seus padrões, fenômenos a partir dos conceitos estabelecidos pelos autores, é possível concluir que a Nova Direita trata de uma nova fase da já conhecida extrema direita, uma extrema direita que conseguiu se naturalizar no ambiente social e sair das margens da política, onde suas pautas ganharam relevância e legitimidade, tendo suas raízes no nazismo e se mesclando com a direita tradicional com o passar do tempo. A Nova Direita, portanto, é o resultado de uma série de transformações ocorridas desde os anos 1930. Ela foi formulada por crenças que entendem a estratégia de organizações internacionais, como as Nações Unidas, de implementar um Governo Mundial, uma ideologia globalista que tem como meta destruir nações, acabar com a homogeneidade nacional por meio do multiculturalismo e extinguir os valores morais, tradicionais e religiosos por meio do marxismo cultural. A Nova Direita foi impulsionada por indivíduos que argumentavam sobre este perigo iminente ainda nos anos 1980, que tomaram seu espaço após uma aliança em resposta aos movimentos de contracultura que nasciam nos Estados Unidos nos 1970, sobre o objetivo de preservar a hegemonia capitalista da época, e dando origem a governos neoliberais como os de Margaret Thatcher e Ronald Reagan.

Assim sendo, é possível afirmar que a consolidação da Nova Direita se deu a partir dos acontecimentos que inauguraram o século XXI - o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 nos EUA, a crise imobiliária de 2008 e a

“crise” migratória de 2015 (MUDDE, 2019) - mas suas ideias já estavam circulando entre os teóricos e estudiosos muitos anos antes, como Olavo de Carvalho, Ludwig Von Mises e Pat Buchanan. Esses acontecimentos contribuíram para a narrativa de políticos que adotaram discursos extremistas, os quais culpavam os problemas de segurança, desemprego e economia nas mudanças acarretadas pela globalização financeira, alimentando no imaginário da população a imagem de um inimigo em comum, caracterizado pelas minorias étnicas que estariam “tomando” seu lugar. Essas minorias demonstram uma ameaça para os grupos da Nova Direita em razão da sua influência política adquirida pelas transformações da globalização que trouxeram consigo o multiculturalismo. Também, a elite política *mainstream* corrupta, acadêmicos, jornalistas e artistas fazem parte da construção deste inimigo, visto que estariam contribuindo para a destruição dos valores e crenças tradicionais.

Aqui, se faz importante relembrar a diferenciação entre os indivíduos que são a liderança desses movimentos e os indivíduos que fazem o papel de participantes dos movimentos. Os líderes da Nova Direita são aqueles representantes de uma organização voluntária, aqueles que possuem algum cargo legislativo ou que concorrem às eleições, cuja sua base de apoio é formada por todos os indivíduos que participam de seus movimentos voluntariamente, por acreditarem na causa e se identificarem com os ideais do líder. Na grande maioria das vezes, os participantes dos grupos de apoio constroem uma bolha de pertencimento a partir desses movimentos, visto que é gerado, entre eles, uma forte identificação por meio dos meios de comunicação, da linguagem e das organizações sociais.

Logo, os líderes da Nova Direita conseguem instrumentalizar seus apoiadores na defesa de seus próprios interesses, uma vez que eles fomentam constantemente em seus discursos o sentimento antagônico em relação ao “outro” numa parcela da população que se identifica com seus ideais e naqueles que se vêem como os perdedores das transformações da globalização. Desta maneira, conseguem chegar ao poder em seus países, defendendo políticas ultraliberais, de livre mercado, conseguindo apoio para a implementação de políticas que vão contra os direitos de minorias sociais e étnicas, e facilitando a execução de medidas autoritárias para aqueles que “ameaçam a ordem”. O papel da democracia na Nova Direita, portanto, se trata de um meio onde é possível chegar

ao poder dentro das estruturas constitucionais e assim, instrumentalizar as instituições democráticas para o seu benefício próprio.

Além disso, por meio do internacionalismo reacionário, os líderes da Nova Direita, indo contra as organizações internacionais, não buscam extinguir totalmente a ordem liberal internacional, visto que eles mesmos necessitam dela para sua manutenção. Na verdade, eles buscam uma reformulação do internacionalismo, sendo remontado de forma que favoreçam os interesses nacionais de cada país e o liberalismo no sistema internacional.

Em vista disso, o Foro Madrid é um fenômeno que ilustra com clareza a Nova Direita. Como uma organização criada por um líder da Nova Direita na Espanha, o Foro Madrid consegue impulsionar os ideais nativistas, populistas e autoritários em toda a região da América Latina, com o objetivo de criar uma oposição ao Foro de São Paulo e ao Grupo Puebla, duas organizações que reúnem partidos, movimentos, grupos, políticos e organizações da esquerda com o intuito de debater ideias e políticas de desenvolvimento da ala progressista. Essas organizações são consideradas globalistas para a Nova Direita porque, de acordo com ela, elas se infiltram nos governos para impor sua agenda ideológica, possuindo um projeto que subjuga as liberdades e os direitos das nações com o objetivo de desestabilizar as democracias liberais e o Estado de direito

Tanto o líder que o fundou quanto os líderes latinos que o integram aderem a um tipo de discurso que contribui para a mobilização de sentimentos dos grupos apoiadores, por meio das estratégias apresentadas por Ruth Wodak. Essas estratégias estabelecidas pela autora se baseiam na narrativa de um herói político *outsider* que luta contra o sistema corrupto e na construção do “eu” e o “outro” que divide a sociedade. Além disso, também explicam a formulação de motivos simplistas para problemas complexos, numa retórica revisionista do passado, além do uso de termos como “democracia”, “estado de direito”, “politicamente correto” e “defesa da liberdade” para legitimação de seus ideais radicais.

Para além da disseminação da ideologia, o Foro Madrid também serve como uma aliança que é capaz de fortalecer os laços comerciais, políticos e econômicos dos países pertencentes à Iberosfera, o que evidencia as motivações apontadas pelo Internacionalismo Reacionário de Orellana e Michelsen (2019), visto que podem ser capazes de maximizar os interesses nacionais e suas pautas liberais dentro do sistema internacional.

Diante deste breve panorama da monografia aqui apresentada e da análise geral do caso do Foro Madrid, consigo concluir que o meu argumento central se mostra, de fato, sustentado. Ainda que alguns dos políticos aqui apresentados tenham seus interesses um pouco distintos entre si, todos trabalham para a defesa e maximização da identidade nacional, das políticas neoliberais e dos valores tradicionais, fazendo uso de estratégias de retórica e de inflamação da população bastante similares. Sendo assim, finalizo esta monografia reforçando a importância de compreender as motivações e a maneira como os líderes da Nova Direita conseguem dialogar com o seu público, para que se torne claro para nós como chegamos no atual cenário político e o que podemos fazer para modificá-lo, uma vez que estamos longe de perder a convivência com esses apoiadores e a Nova Direita ainda se faz bastante presente dentro do contexto político e da nossa sociedade, mesmo sem haver um representante nos lugares de poder. As redes sociais e os canais de comunicação ainda são grandes propulsores do discurso fomentado pela Nova Direita e dos atores que os utilizam, o que garante a nós o dever de permanecermos vigilantes e ter a habilidade de agir sem cometer os mesmos erros do passado.

Referências Bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. **Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro na 75ª Assembleia Geral da ONU.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-09/veja-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-75a-assembleia-geral-da-onu>. Acesso em: 01 dez. 2023.

ALF BOSEN. **Crise econômica é prova de fogo para a Espanha.** 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/crise-econ%C3%B4mica-%C3%A9-prova-de-fogo-para-a-espanha/a-16791822>. Acesso em: 15 jul. 2023.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas:** reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. [S.I]: Companhia das Letras, []. 71 p.

ARRIAGADA, María. Cuál es el perfil de los votantes de Kast, según estudios y especialistas. **Ex-Ante.** [S.I], 03 nov. 2021. Disponível em: <https://www.ex-ante.cl/cual-es-el-perfil-de-los-votantes-de-kast-segun-estudios-y-especialistas/>. Acesso em: 12 ago. 2023

ATLAS NETWORK. **Our Mission.** Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/our-mission>. Acesso em: 08 set. 2023.

BARRÍA, Cecilia. **BBC.** Kast vs. Boric: as principais propostas dos rivais mais antagônicos que o Chile teve nas últimas décadas. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59400632>. Acesso em: 07 dez. 2023.

BBC. **Bannon plan for Europe-wide populist 'supergroup' sparks alarm.** Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-44926417>. Acesso em: 25 nov. 2023.

BBC. **Eleições 2022: veja como foram as votações para presidente e governadores.** 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63080081>. Acesso em: 30 out. 2023.

BETO a Saber - RAFAEL LÓPEZ ALIAGA EN "BETO A SABER" - DIC 22 - 1/3 | Willax. [S.I]: Willax Television, 2020. (11 min.), Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=9fBpI9NfvUc&t=5s>. Acesso em: 03 dez. 2023.

BIBLIOTECA DEL CONGRESO NACIONAL DEL CHILE. **José Antonio Kast Rist:** Reseñas biográficas parlamentarias. Disponível em: https://www.bcn.cl/historiapolitica/resenas_parlamentarias/wiki/Jos%C3%A9_Antonio_Kast_Rist. Acesso em 03 ago. 2023.

BIBLIOTECA DEL CONGRESO NACIONAL DEL CHILE. **Partidos, movimientos y coaliciones:** partido republicano de chile. Partido Republicano de Chile. Disponível em:

https://www.bcn.cl/historiapolitica/partidos_politicos/wiki/Partido_Republicano_d_e_Chile. Acesso em: 03 ago. 2023.

BOLSONARO EM 25 FRASES POLÊMICAS. [S.I], 29 out. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 18 ago. 2023

BOLSONARO PRESIDENTE: A surpreendente trajetória de político do baixo clero ao Palácio do Planalto. [S.I], 28 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45778959>. Acesso em: 13 ago. 2023.

BOLSONARO, Eduardo. Conheci hj Steve Banoon @SteveKBannon, estrategista da campanha d Trump @realDonaldTrump. Conversamos e concluímos ter a mesma visão de mundo. Ele afirmou ser entusiasta da campanha d Bolsonaro e certamente estamos em contato p somar forças,principalmente contra marxismo cultural. 2023. Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1025484112470179840?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1025484112470179840%7Ctwgr%5E2228e494eae87c8f104fafea45a856c4ecd0d2a%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fbrasil.elpais.com%2Fbrasil%2F2018%2F08%2F05%2Finternacional%2F1533500025_422189.html. Acesso em: 18 out. 2023.

BOLSONARO: "as minorias tem que se curvar às maiorias". [S.I]: Ubiratan Guerra - Política, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X_z6Hakdw3A. Acesso em: 10 dez. 2023.

BRASIL PARALELOa. Existem planos para a implementação do Governo Mundial? Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/governo-mundial>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BRASIL PARALELOb. Marxismo Cultural - a tomada do poder a partir da destruição da cultura. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/marxismo-cultural>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BRAZ, Ana Cristina; MARQUES, Isabelle Simões. Manipulação de factos e de opiniões. O debate presidencial entre Marcelo Rebelo de Sousa e André Ventura (2021). **Linha D'água**, [S.L.], v. 36, n. 2, p. 90-105, 8 ago. 2023. Universidade de Sao Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v36i2p90-105>.

CARRILLO, Analourdes Roman. **La derecha populista radical peruana: el caso de la campaña electoral de rafael lópez aliaga en redes sociales durante las elecciones 2021..** 2022. 68 f. Tese - Curso de Ciencias Sociales, Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 2022. Disponível em: https://tesis.pucp.edu.pe/repositorio/bitstream/handle/20.500.12404/22952/ROMAN_CARRILLO_ANALOURDES_DERECHA_POPULISTA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 30 jul. 2023.

CARTA CAPITAL. **Governo Bolsonaro acumula escândalos de corrupção; confira os principais.** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/governo-bolsonaro-acumula-escandalos-de-corrupcao-confira-os-principais/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

CARVALHO, Olavo de. **Do marxismo cultural.** Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/do-marxismo-cultural/>. Acesso em: 10 set. 2023.

CARVALHO, Patrícia Martins. **"Há minorias que se acham acima da lei. Temos tido excessiva tolerância".** 2017. Disponível em: <https://www.noticiasao minuto.com/vozes-ao-minuto/829810/ha-minorias-que-se-a-cham-acima-da-lei-temos-tido-excessiva-tolerancia>. Acesso em: 25 jul. 2023

CASTEDO, Antía. **BBC.** As semelhanças entre o partido espanhol Vox e os fenômenos que levaram Trump e Bolsonaro ao poder. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48090714>. Acesso em: 10 dez. 2023.

CHÁVEZ, Paulo Rosas. **Contra la ampliación de derechos:** “Con mis hijos no te metas”: desde EE.UU. vía Perú. 2018. Disponível em: <https://www.elciudadanoweb.com/con-mis-hijos-no-te-metas-desde-ee-uu-via-peru/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

COLOMBO, Sylvia. **Piauí. JAVIER MILEI E A ULTRADIREITA ARGENTINA.** 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/el-provocador/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

CONSPIRACIÓN, desinformación y odio: un recorrido por el discurso de Rafael López Aliaga. [S.I]: Ojo Público, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o-5O1ZG6QXM>. Acesso em: 03 dez. 2023.

CONTACTO. **Líder da extrema-direita espanhola acusou imigrantes de serem violadores.** Disponível em: <https://www.contacto.lu/mundo/l-der-da-extrema-direita-espanhola-acusou-imigrantes-de-serem-violadores/433097.html>. Acesso em: 24 nov. 2023.

DEMORI, Leandro. **The Intercept.** O Criador Radical católico da Espanha treinou extrema direita brasileira em 2013 com táticas que elegeram Bolsonaro. 2021. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2021/08/18/catolico-espanha-citizengo-treinou-extrema-direita-2013-bolsonaro/>. Acesso em: 25 out. 2023

DISCURSO de José Antonio Kast: Republicanos logró mayoría nacional | Elecciones 2023. [S.I]: Cnn Chile, 2023. (8 min.), Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ZhThrgUKmU>. Acesso em: 04 dez. 2023.

DISCURSO íntegro de Santiago Abascal. [S.I]: El Mundo, 2020. (8 min.),. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=P-MeEZQ_YX0. Acesso em: 03 dez. 2023.

DURÁN, Carlos; ROJAS, Gabriel. El Partido Republicano chileno frente al “estallido social”: discurso político, identidad y antagonismo. **Revista Temas**

Sociológicos, [S.L.], n. 29, p. 223-257, 31 dez. 2021. Universidad Catolica Silva Henriquez. <http://dx.doi.org/10.29344/07196458.29.2957>.

Eduardo Bolsonaro se declarou líder latino do movimento conservador comandado por Bannon. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/20/bannon-ex-estrategista-de-trump-que-foi-presos-mantinha-contato-com-os-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2023.

ESCOLA SEM PARTIDO. **Quem Somos**. Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/quem-somos/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

FLORES, Daniel. **El desplome de Vox aleja a España de un gobierno con la extrema derecha como los de Italia o Finlandia**. 2023. Disponível em: <https://www.rtve.es/noticias/20230724/vox-extrema-derecha-europa/2452492.shtml>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Reivindicações dos mapuche dividem direita e esquerda em eleições no Chile e na Argentina**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/11/reivindicacoes-dos-mapuche-dividem-direita-e-esquerda-em-eleicoes-no-chile-e-na-argentina.shtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.

FONTES, Leonardo. **Latin American and Caribbean Centre**. O neoliberalismo autoritário de Bolsonaro e o futuro da democracia brasileira. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/latamcaribbean/2022/09/22/neoliberalismo-autoritario-bolsonaro-futuro-democracia-brasileira/>. Acesso em: 25 nov. 2023.

FORO MADRID. CARTA DE MADRID: EN DEFENSA DE LA LIBERTAD Y LA DEMOCRACIA EN LA IBEROSFERA. Madrid, 26 de oct 2020. Disponível em: <https://www.pan.senado.gob.mx/wp-content/uploads/2021/09/FD-Carta-Madrid-AFF-V28-1.pdf>.

FUMANYA, Josep Rexach. **Xavier Casals: “Vox és una escissió de l'ànima més radical del PP”**. 2022. Disponível em: <https://www.vilaweb.cat/noticies/entrevista-xavier-casals-vox-pp-le-pen-extremadreta/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FUNDACIÓN DISENSO. **Jovenes Líderes de La Iberosfera**. Disponível em: <https://fundaciondisenso.org/jovenes/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

G1. Steve Bannon: da articulação conservadora internacional à prisão, veja trajetória do ex-estrategista de Trump. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/20/steve-bannon-da-articulacao-conservadora-internacional-a-prisao-veja-trajetoria-do-ex-estrategista-de-trump.ghtml>. Acesso em: 25 nov. 2023.

GARTENLAUB GONZÁLEZ, Andrea. Derecha radical chilena: características ideológicas, programáticas y discursivas del partido republicano chileno. **Ideas**, [S.L.], n. 21, 1 mar. 2023. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/ideas.15049>

GONÇALVES, Gustavo. **Análise de discurso: bases teóricas e metodológicas**. 2021. Disponível em: <https://blogeditoradaunicamp.com/2021/11/04/analise-de-discurso-bases-teoricas-e-metodologicas/#:~:text=A%20an%C3%A1lise%20do%20discurso%20%C3%A9,algo%20que%20atravessa%20o%20enunciador>. Acesso em: 2 dez. 2023.

GUERRILLA HISTORY. **Far-Right Rhetoric and the Politics of Fear w/ Ruth Wodak**. 2022. Disponível em: <https://guerrillahistory.libsyn.com/wodak>. Acesso em: 01 dez. 2023.

GUIMARÃES, Gabriel Fernandes Rocha. “Resenha do livro: A nova direita anti-sistema: o caso do Chega, de Riccardo Marchi”. *Locus: Revista de História*, 26, n. 2 (2020): 500 - 505.

GUTIERREZ, Miguel; MARTINEZ, Guillermo. **Agência Brasil**. Milhares protestam em toda a Espanha contra proposta de anistia catalã: autoridades disseram que 80 mil pessoas foram às ruas em Madri. Autoridades disseram que 80 mil pessoas foram às ruas em Madri. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-11/milhares-protestam-em-toda-espanha-contraproposta-de-anistia-catala>. Acesso em: 08 dez. 2023.

HEYNE, Lea; MANUCCI, Luca. A new Iberian exceptionalism? Comparing the populist radical right electorate in Portugal and Spain. **Political Research Exchange**, [S.L.], v. 3, n. 11, p. 1-27, 1 jan. 2021. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/2474736x.2021.1989985>.

HINES, Nico. **The Daily Beast**. Inside Bannon’s Plan to Hijack Europe for the Far-Right. 2020. Disponível em: <https://www.thedailybeast.com/inside-bannons-plan-to-hijack-europe-for-the-far-right?ref=home>. Acesso em: 30 nov. 2023.

HOW Steve Bannon's far-right 'Movement' stalled in Europe. [S.I]: The Guardian, 2018. (26 min.), P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SX2twSMMdHs>. Acesso em: 27 nov. 2023.

ICL. **O Instituto Conservador-Liberal**. Disponível em: <https://iclbr.com.br/institucional/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

IDEOLOGIA Aula de Marilena Chauí. [S.I]: Marilena Chauí, 2022. (55 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=57-I9pA9ILM>. Acesso em: 09 dez. 2023.

INSTITUTO DE ESTUDIOS PERUANOS (Peru) (org.). **IEP Informe de Opinión**: abril 2021 intención de voto-elecciones generales 2021. Lima: La República, 2021. 36 p.

JUNQUEIRA, Natalia. **El País**. O elemento comum entre Bolsonaro, a extrema direita da Espanha, Trump e Le Pen. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/04/politica/1543949909_697562.html. Acesso em: 22 set. 2023.

KALTWASSER, Cristóbal Rovira; ZANOTTI, Lisa. The populist radical right beyond Europe. **Journal Of Language And Politics**, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 285-305, 24 maio de 2023. John Benjamins Publishing Company. <http://dx.doi.org/10.1075/jlp.22136.rov>.

LA GACETA DE LA IBEROSFERA. **Junts traslada al PSOE su «malestar» por el discurso de Sánchez en el Congreso**. 2023. Disponível em: <https://gaceta.es/espana/junts-traslada-al-psoe-su-malestar-por-el-discurso-de-sanchez-en-el-congreso-20231115-2029/?scroll-event=true>. Acesso em: 25 nov. 2023.

LABAUME, Maïa de; CERULUS, Laurens. **POLITICO**. Europe's far right doesn't bear hug Steve Bannon back. 2018. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/steve-bannon-europe-brussels-plan-populists-salvini-le-pen/>. Acesso em: 01 dez. 2023.

LATINOBARÓMETRO. **Confianza en los Partidos Políticos**. Disponível em: <https://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MAGALHÃES, David. **Estado da Arte**. Quem tem medo do globalismo? 2018. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/quem-tem-medo-do-globalismo/>. Acesso em: 13 set. 2023.

MANUCCI, Luca; HEYNE, Lea. **QUEM VOTA NA EXTREMA-DIREITA? O ELEITORADO DO CHEGA E DO VOX**. Disponível em: <https://setentaequatro.pt/ensaio/quem-vota-na-extrema-direita-o-eleitorado-do-chega-e-do-vox>. Acesso em: 21 jul. 2023

MARCELO Rebelo de Sousa vs André Ventura: "juntou-se a bandidos que tinham atacado uma esquadra". [S.I]: Icl, 2021. (35 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QPrHBk5YHCs>. Acesso em: 03 dez. 2023.

MISES INSTITUTE. **What is the Mises Institute?** Disponível em: <https://mises.org/about-mises/what-is-the-mises-Institute>. Acesso em: 21 set. 2023.

MORI, Letícia; IDOETA, Paula Adamo. **Itamaraty 'menor' e isolamento do Brasil**: o legado de Ernesto Araújo na política externa do país. o legado de Ernesto Araújo na política externa do país. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56570803>. Acesso em: 19 nov. 2023.

MUDDE, Cass. **A Extrema Direita Hoje**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2022. 212 p.

O GLOBO. **Saiba quem é o gaguinho: o Bolsonaro Peruano que será o novo prefeito de Lima**. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/10/saiba-quem-e-gaguinho-o-bolsonaro-peruano-que-sera-o-novo-prefeito-de-lima.ghtml>. Acesso em: 30 jul. 2023.

OPEN SOCIETY FOUNDATION. **What we do**. Disponível em: <https://www.opensocietyfoundations.org/what-we-do>. Acesso em: 10 dez. 2023

ORELLANA, Pablo de; MICHELSEN, Nicholas. Reactionary Internationalism: the philosophy of the new right. **Review Of International Studies**, [S.L.], v. 45, n. 5, p. 748-767, 3 jul. 2019. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s0260210519000159>.

ORLANDI, Eni P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudos da Língua(Gem)**, [s. l.], v. 0, n. 1, p. 9-13, jun. 2005.

PARTIDO REPUBLICANO DE CHILE. **Nosotros**. Disponível em: <https://partidorepublicanodechile.cl/partido-republicano/nosotros-partido-republicano/>. Acesso em: 03 ago. 2023.

PEREIRA, Matheus Ribeiro. A PERSONIFICAÇÃO DA NOVA DIREITA BRASILEIRA: um olhar sobre os eleitores de Jair Bolsonaro na campanha presidencial de 2018. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [S.I.], v. 10, n. 1, p. 1-23, jul. 2021

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **A nova direita conservadora não despreza o conhecimento**. 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/572565-a-nova-direita-conservadora-nao-despreza-o-conhecimento>. Acesso em: 09 dez. 2023.

RAMOS, Miguel. **La derecha radical en el estado español: La Irrupción de Vox**. Capítulo 3. n.d. Disponível em: <file:///C:/Users/Sistemas/Downloads/La%20irrupci%C3%B3n%20de%20VOX.pdf>

SABINO, Mario. **Sobre Eduardo Bolsonaro, a esquerda e os professores doutrinadores**. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/columnas/mario-sabino/sobre-eduardo-bolsonaro-a-esquerda-e-os-professores-doutrinadores>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SALGADO, Carolina; CASARÕES, Guilherme; ZARAKOL, Ayse. Forum: populist radical right & illiberal foreign policymaking. **Contexto Internacional**, [S.L.], v. 45, n. 2, p. 1-32, Não é um mês valido! 2023. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-8529.20234502e20220068>

SANAHUJA, José Antonio; LÓPEZ, Camilo. Hispanidad e Iberosfera: antiglobalismo, internacionalismo reaccionario y ultraderecha neopatriota en iberoamérica. **Fundación Carolina**, Madrid, v. 2, n. 69, p. 1-25, 16 jun. 2022. Fundación Carolina. <http://dx.doi.org/10.33960/issn-e.1885-9119.dt69>.

SANTIAGO Abascal compara a Sánchez con Hitler y le acusa de dar un golpe de Estado. [S.I]: Cope, 2023. (4 min.), Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RfPn32UCrD0>. Acesso em: 03 dez. 2023.

SANTIAGO Abascal en #FronteraSurCeuta "Es hora de oponerse a la inmigración masiva e ilegal". [S.I]: Vox, 2022. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g307ELG66Yg>. Acesso em: 05 nov. 2023.

STUBLEY, Peter. **The Independent**. Steve Bannon to set up 'The Movement' foundation to boost far-right across Europe, 23 jul. 2018. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/steve-bannon-moving-europe-movement-foundation-far-right-wing-politics-george-soros-a8458641.html>. Acesso em: 21 set. 2023.

TERREMOTO POLÍTICO EN CHILE: la derecha gana con amplitud las elecciones y tiene en sus manos la nueva Constitución. Chile, 08 maio 2023. Disponível em: <https://www.elmundo.es/internacional/2023/05/08/645892d0fdddfc2aa8b459a.html>. Acesso em: 12 ago. 2023.

THE GUARDIAN. **Why is Steve Bannon in Europe?** Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/audio/2018/nov/22/why-is-steve-bannon-in-europe-today-in-focus-podcast>. Acesso em: 28 nov. 2023.

UOL. **Bolsonaro critica cotas e nega dívida com negros: "não escravizei ninguém"**. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/07/31/bolsonaro-diz-que-pretende-reduzir-cortas-nunca-escravizei-ninguem.htm>. Acesso em: 09 dez. 2023

VELASCO, Clara *et al.* **G1**. Veja o que é #FATO ou #FAKE no discurso de Bolsonaro na ONU. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/09/22/veja-o-que-e-fato-ou-fake-no-discurso-de-bolsonaro-na-onu.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.

VILELA, Pedro Rafael. **Agência Brasil**. Ernesto Araújo critica globalismo na política externa do Brasil. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-01/ernesto-araujo-critica-globalismo-na-politica-externa-do-brasil>. Acesso em: 21 nov. 2023.

VOICES OF DEMOCRACY. **ATRICK JOSEPH BUCHANAN, "CULTURE WAR SPEECH: ADDRESS TO THE REPUBLICAN NATIONAL CONVENTION" (17 AUGUST 1992)**. Disponível em: <https://voicesofdemocracy.umd.edu/buchanan-culture-war-speech-speech-text/>. Acesso em: 10 set. 2023.

VOX y LA HISTORIA DE ESPAÑA. S.I: La Historia de España, 2022. (21 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6SjvHRQyABg>. Acesso em: 15 jul. 2023.

VOX. **Qué es VOX**. Disponível em: <https://www.voxespana.es/espana/que-es-vox>. Acesso em: 08 jul. 2023.

WAUGH, Linda R.; CATALANO, Theresa. Book Review: wodak, ruth. 2021.. **Qualitative Sociology Review**, [S.L.], v. 17, n. 3, p. 130-134, 31 jul. 2021. Uniwersytet Łódzki (University of Łódź). <http://dx.doi.org/10.18778/1733-8077.17.3.07>.

ZÁRATE, Joseph; BUDASOFF, Eliezer. **El País**. A invenção de um candidato de extrema direita. 2021. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-04-08/a-invencao-de-um-candidato-de-extrema-direita.html>. Acesso em: 30 jul. 2023